This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
LIBRARIES
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
ARTES SCIENTIA VERITAS
1817

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. JOÃO I

POR

Fernão Lopes

VOL. III

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1897

DP
[illegible]
1901
v.3

CAPITULO CXXXVIII

Como foi descoberto ao Mestre o que D. Pedro tinha ordenado, e da maneira que em ello teve.

MUITAS graças fez o Senhor Deus ao Mestre, em começo de seus bons feitos, entre as quaes uma d'ellas foi descobrir-lhe algumas traições que contra elle cuidavam taes, de que elle muito fiava, porque muitos com travesso desejo, e perverso coração que se pera elle vinham, assim pessoas grandes como d'outra condição, mostravam-lhe signal d'amor e serviços, e sua perseverança era de pouca dura, segundo em seus logares vereis. D'outros não tinha boa suspeita, fazendo-lhes porém grandes mercês por mudarem sua má vontade, e leixando pouco e pouco o fingimento começado, cahiam depois em grande mingua e vergonhosa reprehensão. Entre os quaes, segundo se affirma, quem nodoa tomou de tal erro foi D. Pedro, filho do conde d'Arrayolos, D. Alvaro Pires de Cas-

tro, que era já morto, como já ouvistes, que era casado com uma filha de Joane Mendes de Vasconcellos.

Mas como o Mestre d'esto soube parte, escreve-se por muitas guisas. Uns dizem, tendo que este D. Pedro de Castro tinha fala feita com el-rei de Castella, em que era João Lourenço da Cunha, que lhe desse entrada por sua quadrilha, que o fallou com Ruy Freire, porque era gallego como elle, cuidando que lhe tivesse segredo, e que Ruy Freire o descobriu ao Mestre. O qual, como viu D. Pedro, disse, presentes muitos fidalgos, de praça, como lhe fôra dito, e por quem. E que D. Pedro disse que Ruy Freire mentia, e que lhe poria o corpo, dizendo o outro: que bem lhe prazia, e outras razões a esto pertencentes; que o Mestre lhe disse, que se calasse, e não curou mais d'ello e que assim cessou este feito.

Mas tal escrever é muito errado por duas breves razões. A primeira, não é de cuidar que um senhor tão sesudo e devoto como era o Mestre, ouvindo uma tão grande cousa como esta, que era perda do reino, e mais de sua deshonra, com grande cajão de morte, a fosse descobrir de tal guisa, e quem lh'a com puridade disse: A outra, que não curasse mais d'ello, e que o leixasse assim passar sem pena, como se fosse feito de jogo. Outros dizem que João Lourenço da Cunha e alguns com elle, andavam por matar o Mestre com peçonha, ou por outra guisa, e dar a cidade a el-rei de Castella, e que d'esta traição sabia parte este D. Pedro, que era o principal d'elles, por razão da guarda de Santo Agostinho, que era sua, por cuja porta el-rei e os seus haviam d'entrar.

Mas um auctor outro, a cujas razões nos mais acostumamos, fallou n'este passo e diz aqui assim. Que o conde D. Alvaro Pires e seu filho D. Pedro de Castro, estando com o Mestre em este cerco, haviam a guarda do muro de Santo André até á porta de Santo Agostinho, tendo comsigo pouco mais de cem lanças, afóra outros homens d'armas da cidade por guarda d'aquella quadrilha, e morto o conde, como dissemos, ficou elle com as gentes suas, e de seu pae em aquella mesma guarda; e que o Mestre soube por Ruy Freire todo o que D. Pedro em esto tinha ordenado e quando: mas não já que o Mestre descobrisse. E de Ruy Freire isso descobrir tinha grande razão, ca era filho do Mestre de Christo D. Nuno Freire, que fôra aio do Mestre d'Aviz, em sendo moço, por a qual cousa o Mestre lhe tinha boa vontade.

Des-ahi diz que veiu a adoecer de uma dôr de que morreu João Lourenço da Cunha, marido que fôra da rainha D. Leonor, e quando se confessou de seus pecados, disse a seu abbade como elle sabia muitas cousas que eram damno da cidade, e ainda de todo o reino. E o confessor disse que o não absolveria, nem lhe daria perdoença até que as não dissesse ao Mestre.

Entonce foi o Mestre chamado e fallou com aquelle João Lourenço, e descobriu-lhe muitas cousas de que se o Mestre depois avisou. Entre as quaes foi que D. Pedro de Castro, com todos seus vassallos, por grande quantidade d'ouro e de prata que d'el-rei havia de receber lhe tinha vendido a dita cidade, que aos quinze dias d'aquelle mez d'agosto, na noite da assumpção da benta Virgem Maria havia de dar entrada ás gentes d'el-rei, as quaes haviam de subir

por escadas postas nos muros quaes cumpriam, e que os ferros pera ellas foram feitos em Alemquer, e que o signal certo das horas a que viessem havia de ser uma candeia posta em uma séteira do muro.

Do qual signal o Mestre soube parte, e mandou poer gentes em guarda d'aquelle lugar, as quaes receberam os castellãos quando chegaram com as setas e pedras e outras cousas do que lhe muito não aprouve. E D. Pedro foi logo esse serão preso e todos os seus com elle, e em outro dia foi sabido pela cidade como esto acontecera.

Bradavam todos ao Mestre, que o mandasse matar cruelmente, e elle os apacificou com boas palavras, sem lhe sendo feito mais nojo. E des-ahi a uma semana, mandou lançar fora da cidade todos seus vassalos e creados, e chegando tomavam-lhe suas armas. E quando haviam, alguns outros gallegos e castellãos; e D. Pedro ficou preso e bem arrecadado.

E pois temos aqui a penna, por não tirarmos depois a ordem do que havemos de fallar, digamos logo outro bom jogo de Affonso Anriques que veiu na frota, irmão do conde D. Pedro, que ficou no Porto, o qual acompanhava muito com João Rodrigues de Sá mostrando-lhe grande amisade, e foi assim um dia.

Que Affonso Anriques tendo vontade de se lançar com os castellãos, disse a João Rodrigues que fossem mirar o arraial d'el-rei de Castella, e João Rodrigues disse que lhe aprazia e cavalgaram ambos. João Rodrigues em cima d'um bom cavallo castanho, e Affonso Anriques em cima d'uma mula, e estando ambos olhando, disse Affonso Anriques a *João* Rodrigues:

— Irmão emprestae-me esse cavallo, e irei fallar a aquelles meus parentes, e por lhe fallar mais seguro quero ir em cima d'elle, antes que n'esta mula.

João Rodrigues muito descuidado do que elle tinha na vontade de fazer, desceu-se logo, e cavalgou elle. Affonso Anriques como foi em cima do cavallo fallou a João Rodrigues dizendo:

— Irmão queda-te com Deus, ca eu quero-me ir pera os meus parentes. E chegou as pernas ao cavallo, e fugiu pera o arraial dos castellãos. João Rodrigues ficou muito espantado, e teve-se por mui escarnido d'elle, e veiu-se ao Mestre, e achou-o nas taracenas e contou-lhe como lhe aviera com elle, desculpando-se que elle tal cousa não sabia parte.

O Mestre que bem conhecia João Rodrigues por bom e verdadeiro portuguez, filhou-se de rir e disse que o havia por bem sem culpa. Em esto o Mestre chamou todos os da cidade e ordenou de se tirar um pedido de cem mil libras da moeda antiga, pera paga do soldo da gente d'armas, da qual não foram escusos clerigos nem frades, nem pessoa alguma por honrada que fosse. E afora o que cada um clerigo pagava por si, segundo a renda de seu beneficio, todas as egrejas e mosteiros deram ajuda de prata em cruzes e calices, e outros ornamentos pera fazerem a dita moeda.

Seguiu-se entonce que aos dezenove dias do dito mez foi o sol criz ao meio dia, e perdeu sua claridade, e estando entonce em o signo de Leo, a qual cousa foi espanto a todos, e diziam os astrologos que significava em casa real grão mortandade de gente honrada, e assim aconteceu depois nos grandes senhores de Castella, segundo ao deante ouvireis.

CAPITULO CXXXIX

Como as galés de Castella quizeram tomar as de Portugal, e do que sobre ello aconteceu.

JAZENDO as naus de Castella d'aquella maneira e as galés, a cerca de Santos, vogavam muitas vezes perante a cidade contra Enxobregas ao longo do rio, lançando muitos tiros e virotões á frota de Portugal, que jazia encalhada á beira dos muros, s. as naus junto com o muro do Passo da madeira, com mastros e traves e outras defensões deante, por razão dos tiros que lhe tiravam, e as galés logo a cerca, porém prazia a Deus que nenhum lhe não empecia, nem isso mesmo ás galés de dentro.

El-rei de Castella ia ás vezes n'ellas por devisar e olhar a cidade, e des-ahi tornavam-se as galés, e el-rei ia-se pera seu arraial. E vendo el-rei como as naus de Portugal não andavam com a maré e quando vinha de boa praiamar ficavam em seco, des-ahi as poucas gentes que em ellas estavam por guarda, cuidou como as poderia tomar todas, e mandou chamar patrões e alcaides que d'esto haviam conhecimento e descobriu-lhe toda a sua tenção e o que sobre ello havia cuidado, e louvando as razões e quanto sobre ello pensara deram-nas logo por tomadas da guisa que o el-rei dizia, e fizeram-lhe pergunta se queria elle que as queimassem ou que lh'as trouvessem todas como jaziam? e el-rei disse que *lhe não* queimassem suas galés, mas que lh'as trou-

vessem o mais em salvo que ser pudesse. Ca as galés, disse el-rei, são minhas e não as quero d'essa guisa perder. E esto dizia elle, dando a entender que as galés e o reino todo era seu e quanto em elle havia.

E entonce esses capitães, e homens mareantes, com que el-rei fallou, ordenaram por esta guisa: Que aos vinte e sete dias d'aquelle mez d'agosto, que seriam as aguas vivas e a maré cheia, na alva da manhã, as gentes das galés se armassem todas de noite, levando poucos galeotes, e bésteiros e homens de armas muitos, e todos os grandes bateis, e as naus se corregessem e se fizessem preśtes, e isto fosse assim calado, e assocegadamente feito, que não fosse visto nem sentido pelos da cidade, e que o conde de Maiorcas com quatrocentos homens de armas e peões e bésteiros, combatessem da porta de Santa Catharina até Cataquefaraz e pera a ribeira se podessem. E que aquella porta combatessem quinhentas ou seiscentas lanças com muitos pavesados e béstaria, mostrando que queriam por alli combater a cidade, e de feito combatessem rijamente por emavessar os da cidade em desvairados logares. E o conselho era mui bom se as gentes foram poucas espalhadas por muitas partes, mas hi havia tantas companhas, e assim abastantes pera defender, que ainda que se toda d'arredor combater podera, o que não podia, hi havia bem que torvar seu combate.

Veiu aquelle sabbado que tinha devisado de combater, e bem cedo pela manhã quando queria sahir o sol, começaram as galés de vogar de Santos, onde jaziam ao longo da ribeira, e os bateis pavesados, como cumpria; o conde de Maiorcas vinha isso mes-

mo por terra com muitas gentes pera combater a longo do muro, e outros muitos á porta de Santa Catharina, segundo era ordenado.

E esto todo feito mui trigosamente as velas da cidade, quando isto viram começaram logo de repicar na Sé, e tambem nas quadrilhas onde estavam sinos; não tendo porém suspeita nenhuma do que as galés queriam fazer, mas prezumiam que iam remando ao longo do rio, segundo haviam em uzança.

E por as gentes, que por terra vinham, começarem de acudir aos muros d'aquella parte, onde os inimigos faziam mostrança, que queriam combater, dormindo ainda muitos da cidade, as galés umas com as outras jazendo bem juntas, e todas tinham os remos varados, e cada um fidalgo cuidado da sua, nas quaes sempre leixavam gente de resguardo, como melhormente entendiam.

Os castellãos vindo em direito da cidade remaram todos rijo pera terra, e leixando as ancoras por de ré começaram de aferrar com ellas por proas, e os bateis armados entre ellas, por tal que supitamente e improviso as podessem tomar; mas não poderam aferrar com ellas todas. E assim como aferraram com muita béstaria e homens d'armas que traziam, maguavam mui mal essas poucas gentes e galeotes que n'ellas estavam, sem percebimento de tal offensão, de guisa que pero as deffendessem o melhor que podiam, já muitos d'ellos feridos, e outros sem feridas, começaram desamarrar as galés, e os da cidade acudiam rijamente pera os ajudar, mas davam-lhe grã torna as portas cerradas a cerca das galés, e não podiam ir á ribeira salvo por porta d'ahi alongada.

O Mestre que estava nos paços, quando ouviu

repicar e viu como as galés aferravam as suas, veiu-se a cavallo muito depressa á ribeira com muitos bons homens que o seguiam, e entrou pela porta da tercena mui contra vontade do conde D. Gonçalo, que com covarde coração lhe dizia que não sahisse fora até que visse que cousa era.

O Mestre não curou de seu dito, e entrou-se pela ribeira dizendo aos seus que entrassem nas galés, esforçando-os quanto podia. As gentes cresciam cada vez mais, cobrando esforço com sua presença, por cujo azo tomaram maior ouzança de as defender quanto podiam.

Uma galé em que entrou Affonso Furtado jazia de travez, e não ao longo, e duas galés vieram pera aferrar com ella, e elle fez fazer banda contra terra, e a banda contra o mar estava alta, e as duas galés lhe deram com as pontas no costado, e a galé se defendeu mui bem, porque tinha a banda, e feriu assaz das outras galés e não foi tomado.

Em esto uma galé de Castella estava aferrada com outra de Portugal, de que era patrão Fernão Nunes Homem, commendador da ordem d'Aviz, foi entrada por força dos inimigos, mas esto foi depois que Affonso Goterres de Padilla, bom cavalleiro castellão, que andava com o Mestre, foi derribado com feridas, porque em quanto elle esteve na prôa com uma lança nas mãos, e bacinete sem cára, nenhum poude em ella entrar por muito que se d'ello trabalhase, e tendo já quatro virotões tanchados no rosto, e pelejando assim com elles alçou o braço por fazer um golpe, e veiu um dardo por aquecimento, o qual entrando sob o braço lhe apontou dentro na boca, e reteudo de tal ferida deu logar a lhe darem outras, com que foi forçado cair da pôra

a fundo e entraram entonce os castellãos a mau seu grado dos que a defendiam, chegando por força até metade.

As gentes da ribeira quando viram que outra nenhuma galé não era entrada senão esta, que estava em ponto de se perder, começaram bradar aos do muro que lhe deitassem machados pera arrombar, que não a levassem os castellãos, e deitados e começando de dar á galé, era ahi prestes João Rodrigues de Sá, barão bem notavel de fama e muito bom homem d'armas, e vendo tão apressurada peleja dentro na galé, como cavalleiro mui prestes de maravilhosa ardideza, por cima dos remos pera lhe accorrer em pés e mãos, com a lança sobre si atravez, leixou a galé onde estava e um seu homem de pé com elle entrou na que os castellãos tomavam, e com a lança nas mãos pela coxia alongo, começou a fazer, assim que os portuguezes era grão prazer de o vêr, e os inimigos grave de suportar, e elle fez desamparar a galé e quantos castellãos eram em ella, e d'elles feridos e mortos e outros não querendo esperar seus golpes de guisa que ella foi desamparada dos que a tomada tinham por força.

Em esto acendia-se mais a peleja, a qual era d'uma parte e da outra mui brava, e de grande arruido, assim de brados de homens como trões e trombetas e repiques dos sinos, e como de chamar a altas vozes Portugal e S. Jorge, e outros Castella e Santiago. E não eram postos em menos pressa, como se já a cidade tivesse parte de seus inimigos dentro no muro, e outros provassem pera entrar.

E bradava o Mestre que fizessem algumas cousas que cumpriam, trigosamente, com grande arrui-

do das gentes e sons das armas, com que pelejavam, lhe empachavam tanto seu mandado, que parecia que mandava em vão.

Duas cousas faziam ser esta peleja mui forte, e descomunal da parte dos castellãos. A primeira, desejo grande de tomar as galés porque vinham, que ligeiramente cuidaram cobrar como prometteram a el-rei seu senhor. A segunda determinado tempo, que mais dar não podiam, que emquanto as galés podessem nadar.

Da parte dos portuguezes outrosim era muito ferida, tendo-se todos por mui escarnecidos, perdendo-as d'aquelle geito, por desapercebimento. E posto que nós louvamos João Rodrigues, e Affonso Gotteres, que elles faziam tão boas as façanhas, não entendaes vós, que elles sós defendiam as galés sem outrem pelejar por as defender, mas estes, e alguns fidalgos que aqui nomeamos, tinham tão grande avantagem entre os outros homens d'armas, como bravos touros mettidos em curro em companha de manso gado.

O Mestre andava a cavallo pela ribeira, fazendo entrar as gentes em as galés, mettendo-se no mar com aficamento, e na agua veiu um virotão, e deu-lhe na espadua do cavallo, e o cavallo sentindo-se ferido, caiu logo com elle na agua, e foi o Mestre sob agua armado, como andava, com bacinete sem cara.

E a gente que era toda ocupada, cada um como melhor podia não o viram, e sem sendo acorrido de nenhum, quando se sentiu sob a agua, poz as mãos nos giolhos e alçou-se em pé, e achou-se tão alto, que lhe dava a agua sob a barba, e quando se assim viu saiu-se fóra da agua. E alguns quando

o assim viram, chegaram-se a elle logo e trouxeram-lhe uma mula, em que cavalgou e se tornou a seu primeiro officio de esforçar os seus, e de os tornar ás galés pera as defenderem.

Ora assim aveiu por aquécimento, que esta galé de Castella, de que era capitão Vasco Martins de Meira, que entrou na de Portugal, jazia em direito da porta do açougue, e tinha um proez por uma larga agulha dentro dos muros da cidade, e vendo um homem, em quanto assim pelejavam, como as ancoras estavam assim empachadas, meteu-se em um lupano por sob a banda da galé, e foi amarrar bem uma ancora com a outra a bom bem sem medo.

João Rodrigues pero estivesse já muito-ferido, não se contentou do que feito tinha, que era assaz de louvar, entrou-lhe d'aquelle geito aos castellãos a galé, que tomada tinham, mas ainda se trabalhou de lh'a filhar assim por força, e pelejou de tal guisa com outros, que o ajudaram, que a mal seu grado dos inimigos, saltaram dentro na sua galé.

Os castellãos vendo como se venciam, quizeram desaferrar, mas não poderam, ca era aquelle lugar mui defendido, e não prestava vau a são e não sabiam a arte com que estavam empachados d'aquella guisa. Entonce começaram os portuguezes de bradar aos do muro que tirassem pelo proez da sua galé, e começando de tirar eram os homens e mulheres tantos aquelle trabalho, que não achavam onde poer as mãos, e tiraram ambas as galés pera terra. E em esto vencia-se a galé cada vez mais, deitando-se muitos galeotes á agua, ante que serem mortos ou captivos. Vasco Martins quando viu que se a galé perdia de todo, e senão podia salvar por nenhuma guisa, desceu-se pela pôpa assim armado,

e poz os pés na beira do caparam, e embaraçou-se com elle na agua, e alli morreu. E assim fizeram outros muitos, os quaes depois que a maré vasou ficaram em seco, e d'elles tiravam com rede.

As outras galés pelejaram tanto até que cansaram, e a desesperança de não poderem cumprir o que começado tinham, os fez afastar afora, e leixando-se jazer de largo mui anojados do que lhes acontecera, pensando dos que eram feridos. E foram presos e mortos muitos castellãos, e dos da cidade até dez. Ferido João Rodrigues de Sá, de quinze feridas e duas no rosto. E acharam na galé, que assim foi tomada, prisioneiros portuguezes de Sortilha, e cartas que mandavam de Sevilha a seus amigos, que lhe levassem das moças chamorras, que eram boas servidoras.

As gentes que vieram por terra, e por a ribeira, como dissemos, pera combater, não empeceu seu trabalho cousa que nojo fizesse, mas era feito por travação de envezar as gentes, que por proveito que em ello sentissem. E dês-ahi as pedras e sétas foram tantas que houveram por seu barato de se afastar d'elle e da estacada da ribeira.

O Mestre andava vendo estes cavalleiros e escudeiros, que eram feridos, e esforçando-os com boas palavras, fazendo-lhe mercê; e todos davam muitas graças a Deus que assim os ajudara a defender de seus inimigos.

CAPITULO CXL

De algumas cousas que aconteceram aos da cidade com os do arraial jazendo cercados.

PASSANDO aquelle dia de grão trabalho assim pelo mar, como por terra, e vendo o Mestre, e os da cidade, como lhe fôra feito por arte, não havendo d'aquello nenhuma suspeita, pozeram em as galés, e em outras cousas melhor resguardo, e avizamento. E tendo el-rei assim a cidade cercada com grande multidão de gentes, dês-ahi a ribeira, e occupada com suas naves e galés com que lhe embargava toda a juda, que haver podiam, começou a cidade de sentir maior gasto, que d'antes havia, por causa das gentes que vieram na frota, de guisa que crença era d'el-rei, sabendo bem d'esto parte, que a havia de tomar por fome.

Ora mantendo-se a cidade, o melhor que podia, não eram em ella entonce mais que vinte de cavallo, como souberam que haviam de ser cercados, logo mandaram todas as bestas da parte d'além, porque as não podiam manter, durando o cerco longamente. E estes vinte eram assim como João de Baeça e Gomes Garcia de Froes, e Vasco Martins de Gua e Luiz Anriques e outros taes. E ainda pera estes poucos que ahi havia, não podia haver mantimentos pera elles, antes compravam os lençoes cheios de palha, e levavam-lhe d'ella, e aquella lhe davam a comer. E ás vezes iam estes de cavallo com homens de pé, e bésteiros escaramuçar com os inimi-

gos, e os do arraial saiam a elles, e emburilhavam-se, como é costume, que contando por meudo todas as cousas que em combate e escaramuça aconteciam a uns e aos outros, não abastaria o presente dia, dando-vos o fastio de ouvir, e a nós cançaso de as escrever.

Porém leixando homem d'estes feitos o que chãmente poderia fallar, tomado aquello que em similhantes casos comumnalmente acontece, que a ventura não pode aprazer a ambas as partes, ás vezes ordenava que os inimigos davam com os da cidade até ás portas, e ás vezes os portuguezes com os castellãos junto com o palanque do seu arraial, a cerca do paço dos Santos, nas quaes de um cabo e do outro algumas vegadas havia muitos mortos e presos e feridos. E outras vezes não muito longe da cidade sahiam muitos a olhar, sem levando algumas armas, e o Mestre houve isso por mal, porque podiam receber damno dos inimigos, e mandou que qualquer que fosse olhar, que não levasse armas pera se defender, ou ferir, que lhe tomassem a roupa: des então se cavidaram e sahiram todos com armas.

E em esto houve um dia, que nasceram novas na cidade, e não foi sabido porquê, que el-rei de Castella se passara a Almada por azo de pestelença, e que não estava no arraial senão mui pouca gente, e alvoroçaram-se todos trigosamente, e quizeram sahir fora pera ir dar em elle, não sómente os homens, mas ainda as mulheres queriam levar lenha pera o queimar. E ellas á porta de Santa Catharina, esguardou o Mestre em esto, e disse que não era bem sahirem assim, como se dizia, e seria mui grande perigo, mas que fossem esses poucos de ca-

vallo, que hi havia, saber em certo como esto era, e que entonce se acordariam na maneira que sobre ello tivessem.

Partiram os de cavallo por outra porta, que chamavam de Santo Antão, por não serem vistos dos do arraial, e foram por um vale acima acerca das tendas dos inimigos.

Os castellãos quando os viram comsigo começaram de bradar: Armas, armas, dando ás trombetas mui rijamente, e foi grande alvoroço no arraial, cavalgando á pressa muitos de cavallo, que sempre tinham as bestas prestes, e isso mesmo os de pé, cada um como melhor podia, e deram apoz elles, e alcançaram um escudeiro gallego, que caiu com o cavallo, a que chamavam Vasco Gonçalves, que depois foi almoxarife do celleiro, e prenderam-no e sahiu por redenção.

Emquanto elles assim foram, e tornaram, sempre o Mestre esteve á porta, tendo as gentes que não sahissem, e quando os viram vir d'aquella guisa, sahiu Fernão Rodrigues, commendador de Jurumenha, que depois foi Mestre d'Aviz, cujo era a guarda da porta, com homens d'armas que comsigo tinha, pera recolher os de cavallo, que vinham fugidos por os castellãos que lhe chegavam a cerca da cidade, se o Mestre não detivera com sua boa descripção e avizamento.

CAPITULO CXLI

Como el-rei enviou cometter avença ao Mestre, e das razões que sobre ello passaram.

NÃo curando mais de fallas, nas cousas que no cerco aconteceram, começou a triste morte de mostrar sua senha mais asperamente com os do arraial, e isso mesmo contra os da frota, matando não sómente escudeiros e fidalgos e outros de pequena condição, tanto que era cousa de vêr, mas ainda começou de encetar nos senhores de grande estado, de guisa que poz grande espanto em todos os castellãos, vendo-se assim aficados de pestelença, que se cada vez mais ateava em elles; bem entenderam que sua estada, não podia alli ser muita, porque era por força de descercar a cidade, e se partir d'ella cedo, e disseram a el-rei, fallando sobre esto, muitas e desvairadas consirações; que era bem de mover ao Mestre alguma preitezia, por levar alguma honra de sua vinda.

A el-rei pareceu bem por as razões que cada um dizia, e mandou pedir ao Mestre segurança pera lhe da sua parte poder ir fallar Pero Fernandes de Valhasco, que era homem de que el-rei muito fiava.

Ao Mestre prouve d'ello, e ao dia que lhe devisado foi de lhe vir fallar, mandou o Mestre alguns cavalleiros ao caminho, que ficassem em arrefens, com as gentes que vinham com Pero Fernandes, até que elle fallasse com o Mestre e se tornasse, segundo da parte dos castellãos era pedido: e estes

foram João Affonso d'Eça e Alvaro Gonçalves Camelo, Affonso Eanes Negro, Men Rodrigues e Ruy Mendes de Vasconcellos, e outros. E chegou Pero Fernandes, ante do meio dia, em cima de um bom cavallo, e um pagem comsigo com uma lança em bargeta, que ficou com os outros.

O Mestre estava a cavallo com cota e braceis, e uma espada na cinta e uma tabardilha em cima. Quando se viram, fizeram suas mesuras, e abraçaram-se. Isto foi entre a barbacan e o muro á porta de Santa Catharina, mas as fallas, que n'este logar foram faladas, fez a afeição escrever alguns em favor d'el-rei de Castella, de guisa que não concertaram da guisa que o Mestre demandava a Pero Fernandes. Que se a el-rei aprouvesse de ficar por governador do reino, até que el-rei de Castella houvesse filho de sua mulher, sendo o governamento segundo o havia de ter a rainha D. Leonor, como nos tratos entre el-rei D. Fernando e elle, que elle tomaria voz da rainha D. Beatriz, e regeria o reino por ella, tornando-se el-rei de Castella pera o seu reino, e não curando mais em este entrar, aguardando a forma dos capitulos em este passo devizados, que d'esto lhe faria quaesquer menagens e escripturas, que em tal caso cumprissem. Enadeo ainda dizendo mais. Ao que Pero Fernandes respondeu ao Mestre:

— «Que el-rei seu senhor não faria tal preitezia por nenhuma guisa que fosse, mas que tanto lhe fariam que fossem dois governadores: s. o Mestre um d'elles e outro um cavalleiro castellão, o que el-rei quizesse escolher; e que o Mestre deu em resposta: Que o reino de Portugal não consentiria que cavalleiro de Castella fosse governador nem

regedor d'elle: e que assim se espediu Pero Fernandes, não concordando com elle com tal preitezia. Mas quem taes razões, vencido de affeições, escreveu em favor de outrem á verdade fez grande injuria, ca nenhum humanal entendimento, ainda que pero não fosse escripto, pode consentir que Pero Fernandes viesse por tratar alguma avença com o Mestre da parte d'el-rei seu senhor e que o Mestre fosse cometedor d'ella, ante que o Pero Fernandes requerese, de mais ao que se depois seguiu, da vinda do priol do Crato, que encobertamente calaram, porém encitando tal recado as fallas recontadas em breve passaram por este modo.

Pero Fernandes disse ao Mestre, que elle lhe iria dizer cousas de seu serviço se a elle lhe prouguesse de cair em ellas, dizendo que bem via elle como elle era cercado por mar e por terra de seu senhor el-rei de Castella; que os mantimentos eram tão poucos na cidade, que não havia poder de se manter muito, como elle bem sabia; que pois filho de rei era, que se não quizesse perder de tal guisa, mas que preitejasse com el-rei seu senhor, do qual receberia muitas mercês e acrescentamentos em cousas que fossem de sua honra. E da preitezia que elle fizesse com el-rei de Castella, que elle e Pero Sarmento, e outros quaesquer, que elle quizesse, lhe fariam toda a avença e concordia, que ambos ficassem sobre a preitezia, e lhe fariam d'isso preito e menagem, que el-rei de Castella lhe guardasse, e não o fazendo el-rei assim que elles deservissem a el-rei de Castella, e ajudassem ao Mestre contra elle em toda cousa de seu serviço.

A esto respondeu o Mestre, que elle dizia como bom cavalleiro que era, que lh'o agardecia muito,

mas que soubesse de certo, que em qualquer cousa que lhe aviesse sobre esta demanda, que começada tinha, que elle entendia que elle não se perderia, mas antes se ganharia, ca este reino fôra de seu padre e de seus avós, e que ora el-rei de Castella o queria subjugar e haver injustamente contra os tratos e prometimentos que feito tinha. E que porém muitos criados d'el-rei seu padre e d'elrei D. Fernando seu irmão, se vieram pera elle, pera o ajudar a defender, e que elle com razões e verdade que tinha, entendia com a graça de Deus de o defender, não sómente de el-rei de Castella, mas de qualquer outro, que lhe damno fazer quizesse. E que posto que as cousas não viessem a aquelle fim, que elle desejava, assim como elle dizia, que elle entendia que se não perdia em ello, mas que se ganhava com muito sua honra, elle e todos aquelles que o seguiam.

Sobre esto passaram muitas razões, ás quaes o Mestre nunca deu resposta de abrir algum começo de preitezia, ca se a dera, como alguns escreveram, cuidae que mui aspera fôra a convença, em que el rei de Castella não caira, segundo a pestelença que entre os seus andava, por levar alguma honra de sua vinda.

As gentes estavam olhando pelos muros a de longe, rogando a Deus que os pozesse em alguma avença pera que a cidade fosse descercada, por a grande mingua que havia de mantimentos.

Pero Fernandes vendo que por quantas boas razões dava ao Mestre não dava logar a nenhuma preitezia, despediu-se d'elle, com sua praça, e foi-se pera os seus que o estavam aguardando, e os cavalleiros portuguezes vieram-se pera a cidade.

E quando Pero Fernandes chegou a el-rei de Castella, perguntou-lhe que recado achara no Mestre? E elle respondeu dizendo:

—«Dae ao demo senhor, que nunca em elle outra razão pude achar de quantas cousas lhe fallei, nem outra resposta que respondesse, salvo não, não, não.

Em el-rei ouvindo esto houve grande menencoria, e disse: que não curava d'ello, que por ventura elle lhe requereria depois avença em tempo, que lhe seria mui má de haver, e outras taes razões. D. Pedralvares, priol do Esprital, que hi estava, que era grande privado d'el-rei e muito amigo do Mestre e seu compadre, disse que lhe queria ir fallar, e que entendia que o moveria e saberia d'elle toda sua tenção.

El-rei pelo presente, e depois por dias, nunca em ello quiz consentir, assim por aficamento dos seus, e des-ahi pela peste que cada vez era maior, houve-o de o outhorgar.

E havendo já vinte e dois dias que Pero Fernandes viera fallar ao Mestre, lhe veiu fallar o priol, e vinha com elle o conde de Maiorcas, mas não pera fallar ao Mestre, e propoz todas as razões que o priol em tal feito pode bem dizer.

Outra resposta não pôde haver do Mestre, salvo a que dera a Pero Fernandes, espediu-se d'elle e foi-se. Da qual cousa houve el-rei grão queixume, dizendo: que jurava a Deus que nunca mais lhe cometese avença nem se partisse de sobre a cidade, por causa que havir podesse, até que por força d'armas a cobrasse, como desejava.

E entonce entenderam todos os da cidade como os do arraial que esta nova e grande guerra não se havia de partir por avença e preitezia, mas por foro e espargimento de sangue.

E o priol tendo d'aquelle sentido pôr em avesar Nuno Alvares seu irmão, e o poer em desacordo com o Mestre, lhe escreveu d'uma carta em que dizia: Que o Mestre fazia com el-rei suas avenças, do que lhe muito prazia, mas que lhe pezava muito por que na preitezia que tinha tratada, não fazia d'elle nenhuma menção, tendo-lhe feito tantos e bons serviços.

Nuno Alvares quando viu tal carta, bem entendeu que esto não era, salvo por o desviar do serviço do Mestre seu senhor.

E respondeu-lhe por outra: que se o Mestre seu senhor fazia com el-rei algumas avenças de qualquer guisa que fosse, que elle o conhecia por tal, e tão bom, que elle não faria nenhuma preitezia, salvo com sua honra, e de todos os seus. Mas que se maravilhava muito d'elle haver tão pouco tempo que andava com os castellãos, e saber já tantas castellanarias.

Onde sabei, que no seguinte dia, depois que o priol fallou ao Mestre, que era já o postrimeiro d'agosto, depois de comer, veiu do arraial o conde de Maiorcas muito acompanhado de bons homens, e recebeu por mulher D. Beatriz, filha do conde D. Alvaro Pires de Castro, já finado, sendo o Mestre presente, que a levou de redea, e o conde D. Gonçalo, que os meteu por mãos, e outros muitos cavalleiros e fidalgos, que a levaram á noite pera o arraial e sua madre com ella.

CAPITULO CXLII

Como o Mestre determinou com os do seu conselho de pelejar com el-rei de Castella.

E tornando toda a esperança e humanal adjutorio que o Mestre haver podia dos logares e pessoas a que requerido tinha por torvação da fortuna, segundo ouvistes, não dando logar á avença, que lhe el-rei de Castella mandasse cometter, propoz em sua vontade e conselho, de nunca cair em nenhuma preitezia que lhe cometida fosse, mas de todo o ponto poer o reino em aventura e sua honra e vida e estado, ou de tal guisa trabalhar por defensão d'elle, que nunca fosse sujeito a Castella. E vendo como os mantimentos eram minguados, e des-ahi as cousas que já são tocadas e outras que ao deante ouvireis, em maior acrescentamento, determinou de fazer aquello que não convinha, senão a grande e forte coração, s. ante que a mingua fosse mais acesa, e outras cousas que se recrescer podiam, que se juntassem todos e fossem pelejar com el-rei de Castella, e que sendo d'elles, cá elle em Deus esperava que cobraria tão grande honra, qual de longos annos não fôra havida. E havendo-a pelo contrario, que ser não podia, que morreriam como bons e honradamente ante que serem sujeitos de quem não deviam. E posto que vissem a grande cavallaria de seus inimigos, e muitos notaveis perigos em tal feito prestes, acordaram em toda guisa que postrimeiro remedio d'este feito era pe-

lejar com el-rei de Castella á ventura que lhe Deus dar quizesse, esperando em Elle que seria boa; mas esta peleja rezoavam por desvairados modos.

Uns diziam que viesse Nuno Alvares de Alemtejo com suas gentes, e todos juntamente saissem a pelejar com el-rei; mas esto era mao de fazer, porque hi não havia em que passassem escusadamente salvos uns poucos de bateis pequenos, em que tantos de uma vez vir não podiam. E posto que tantos hi houvera, que vir podessem, era com grande medo e perigo, por a frota de Castella que tinha o rio tomado. Outros acordaram que era melhor que passasse o Mestre com algumas gentes, que tinha nas galés da parte d'alem, e que as queimasse logo todas, por as não tomarem os castellãos; e que se juntassem com Nuno Alvares e que viessem todos por arredor a pelejar com el-rei de Castella. Mas esta razão desfaziam muitos, dizendo que a cidade ficava emtanto em mui grande duvida e perigo. E depois de muitas razões, quaes podeis entender, que se em tal cousa fallariam, finalmente foi acordado que o melhor conselho pera tão grande feito era mandar recado a Nuno Alvares, que a um dia e hora, o mais caladamente que ser podesse, viesse dar no arraial com suas gentes, e que entonce saissem ante com todos os da cidade, e que d'esta guisa haviam fiuza em Deus, que desbaratariam seus inimigos muito mais a seu salvo.

E entonce escreveu o Mestre a Nuno Alvares, como a frota chegara a Lisboa, e como não podera pelejar com a de Castella, por muito mais e melhor armada, e o tempo não bem azado pera o socorrer com ajuda, e que a cidade ficava cercada por todo mar, assim como por terra, por a qual razão se á

primeira era minguada de mantimentos, agora era e seria cada vez muito mais maiormente por as muitas gentes que sobrevieram na frota: e porque de dia em dia em esperanças de se poder defender minguavam, que elle tinha determinado e acordado em seu conselho de sair com as gentes da cidade a pelejar com el-rei de Castella. E que elle, além das trezentas e vinte lanças que comsigo entonce trazia, ajuntasse as mais que podesse, e viesse deredor por aquelle dia e hora que ambos devizassem se esto poer em obra: E que elle fizera alarde das gentes que comsigo tinha e que achara de lanças de soldo mil e seiscentos homens d'armas, e que dos moradores da cidade, quatrocentas lanças e muitos peões e bésteiros, e que porém lhe fazia saber todo pera lhe responder sobre elle e encaminhar a maneira que em esto houvesse de ter. E se alguns contam, que o Mestre lhe escreveu que se viesse ao Montijo com todos os seus por quanto elle queria passar o Alemtejo, pera ajuntar gentes e vir pelejar com el-rei de Castella, e que Nuno Alvares veiu alli, isso era por fallar com elle a maneira que tivesse no pelejar, mas não por desamparar a cidade e a leixar em poder de muitos, de cujo serviço não era bem seguro, a qual cousa se fazer não pôde.

Nuno Alvares foi ledo com este recado, como aquelle que de honrosos feitos era desejador, e disse aos seus como o Mestre lhe escrevera todo o que se passara até entonce, e o ponto em que já estavam, e que pois a cidade era já cercada por mar e por terra, e não podia ser accorrida de mantimentos, que era grão duvida poder-se defender que muito fosse, e sendo Lisboa tomada que o reino era todo perdido. E porém lhe parecia que era bem

que leixassem alli toda a carriagem que se escusar podesse, e não levassem mais mantimentos, que quantos abundassem até Lisboa, e que uma madrugada amanhecessem sobre o arraial d'el-rei de Castella, e não curassem de guardas que achassem, nem d'outro nenhum embargo, salvo que todos juntamente se fossem direitos á casa onde el-rei pouzava, e que trabalhando-se os do arraial de o querer defender, que pelejassem com elles; e que elle enviaria dizer ao Mestre, que em aquelle dia e horas saisse com gente da cidade aos ajudar, e que esperava em Deus, e em sua preciosa Madre, que levariam sua obra a deante com muito sua honra. E quando d'outra guisa fosse, o que Deus encaminharia pelo contrario, que muito melhor era morrerem alli honradamente, arredor das faldras de um tão nobre rei, que os andar elle depois apanhando de lugar em lugar, como perdigões, e enforcal-os um e um pelos sovereiros.

Ouvindo esto, que Nuno Alvares propoz, responderam os seus e disseram: que o conselho era mui bom, e bem acordado, mas que Lisboa não estava ainda em tamanho aficamento, porque se devesse poer em tamanha aventura, mas que aguardassem por alguns dias, até que vissem o que Deus n'isto queria obrar, e quando a cidade viesse a tal aficamento, porque se devesse poer em tamanha aventura, que outro cobro hi não houvesse, que esto lhes ficava fazer á derradeira. E posto que Nuno Alvares muito tivesse em vontade de se esto logo poer em obra, pero porque seu costume era consentir aos do seu conselho, nas boas e aguizadas razões, outhorgou com elles maiormente, que pera tal obra bem é de entender que não cumpria irem ne-

nhuns senão com viva e leda vontade, dos quaes dizia depois Nuno Alvares por vezes, que querendo elle, acordára como elles eram muito poucos e os outros muitos e bem corregidos, que lhe parecera um forte feito, e mui receado de cometer. E d'outra parte quando esperava em Deus com firme fiuza, que havia de vencer a el-rei de Castella, que lhe similhava que os via fugir pera Cintra e pera Cascaes e pera outros logares que tinham voz sua.

Escreveu entonce ao Mestre o que os seus houveram todos n'aquelle feito, que entendia de fazer o seu accordo d'elles. E por esta guisa estava a cidade esperando aquelle dia da mercê de Deus, que já d'outrem não entendia adjutorio, nem acorro, o qual leixemos com esta esperança sem mais fallar por hora de seus feitos, e vamos saber que fez Nuno Alvares depois que partiu de Punhete, e chegou á cidade de Evora.

CAPITULO CXLIII

Como Nuno Álvares determinou de tomar Monsaraz por arte, e de que guisa foi filhado.

ESTANDO Nuno Alvares em esta cidade por acudir a qualquer parte, que os inimigos quizessem fazer guerra, soube novas como Gonçalo Rodrigues de Sousa, que tinha o castello de Monsaraz, se lançára com os castellãos e mandara a aquelle, que por elle tinha o castello, que alçasse voz por el-rei de Castella, e tivesse voz por elle.

Da qual cousa Nuno Alvares foi mui annojado por o logar ser no extremo e d'onde elle algumas vezes entendia de ordenar cousas pera aviar o serviço do Mestre, des-ahi porque tão bom fidalgo, como elle e outros taes, de que o Mestre fiava, e fazia mercês, não andavam sómente em seu serviço, segundo alguns por obra mostravam. E que hora se parecia que era verdade a suspeita, que d'elle tomaram no Porto, quando ia por capitão da frota. Desejando Nuno Alvares haver aquelle castello, teve uma tal maneira, e soube por uma certa informação, que o escudeiro, que era alcaide, não tinha comsigo salvo sua mulher e poucos homens, e que estava minguado de mantimentos.

Fallou Nuno Alvares com um escudeiro, de que fiava, e deu-lhe por parceiros até doze, que se fossem lançar uma noite no arrabalde do logar, e que elle da outra parte do castello mandaria lançar cinco ou seis vaccas a fundo em um valle, que hi havia, como que andavam desamparadas, e ficaram d'alguns roubos que os castellãos levaram, e que entendia que o alcaide se sairia a ellas pela porta, que chamavam Alorquia, e não curaria de a fechar por trazer as vaccas para o castello, e que elles tivessem atalaias com elle, que como vissem sair do castello, que logo em ponto saltassem todos dentro e fechassem as portas sobre si á pressa.

Os escudeiros foram, e d'elles se meteram em algumas casas mais chegadas, bem acerca do castello, e outros nos penedos e barrancos, que são junto muito perto.

E sendo as vaccas ante manhã lançadas, onde Nuno Alvares ordenara, alçou-se o alcaide, viu-as andar n'aquelle valle, e como as viu teve que Deus

lhe trazia boa ventura pela porta, e saiu-se logo rijamente, de guisa que com aguça não curou de fechar a porta, nem mandar poer em ella guarda, pensando elle se tornar logo com ellas.

Os escudeiros, que sobre elle tinham a guarda, como o viram sair, foram-se rijo ás portas e entraram no castello, e lançaram a mulher do alcaide e os que com ella estavam fóra, e fizeram saber a Nuno Alvares como era o castello filhado. Da qual cousa el-rei foi annojado. E mandou Nuno Alvares em elle poer recado qual cumpria, e fel-o saber ao Mestre, a que muito aprougue.

CAPITULO CXLIV

Do recado que João Rodrigues de Castanheda mandou a Nuno Alvares, e do que sobre ello aveiu.

Nuno Alvares sendo assim em Evora, chegou-lhe recado, e soube de certo que um grande e notavel cavalleiro, que chamavam João Rodrigues de Castanheda, que era capitão de trezentas lanças, e Garcia Fernandes, commendador da ordem de Santiago, com outros cavalleiros, e mui boas gentes, chegaram a Badalhuce, dizendo que o queria ir buscar. E esta vinda, escrevem alguns, que foi por mandado d'el-rei de Castella.

Nuno Alvares, como esto ouviu, foi-se logo caminho d'Elvas, antes que João Rodrigues partisse de Badalhuce, por o escusar de trabalho.

João Rodrigues, como soube que Nuno Alvares era em Elvas, que são d'ahi tres leguas, mandou-lhe dizer por um seu trombeta, que bem sabia como el-rei seu senhor de Castella era rei de Portugal de direito, e que se lhe aprouguesse de o servir, e ser seu vassallo, que elle faria com el-rei que acrescentasse em elle, e lhe fizesse muitas mercês. E que se o fazer não quizesse, que elle o iria buscar, e que o aguardasse alli, que logo em outro dia seria com elle para lhe poer a praça. E se elle a elle quizesse ir, ca bem via que fazia mal em dar a el-rei guerra em sua terra.

Nuno Alvares recebeu bem o trombeta, e mandou-o logo agasalhar, e deu-lhe em resposta que dissesse a João Rodrigues, que bem sabia que nos tratos que el-rei de Castella fizera a el-rei D. Fernando, quando cazara sua filha, eram conteudos certos capitulos, os quaes elle não guardara e se viera meter no reino, contra o juramento que feito tinha. E que elle enviasse a dizer a el-rei de Castella, que se alçasse de sobre Lisboa, e se tornasse pera sua terra, mantendo os tratos, como n'elles era posto, e assim poderiam todos ser de accordo, e d'outra guisa não.

— «E na parte que diz que me quer vir buscar, que me praz muito de sua vinda, e eu lhe terei bem feito de jantar».

E com esta resposta se partiu o trombeta. E no outro dia de manhã, ainda não era fora das vinhas, pouco mais de dois tiros de bésta, Nuno Alvares mandou dar ás trombetas, e sairam com elle os da villa tão ledos, como se foram pera boda, assim os homens d'armas como os peões, e seriam por todos, com os de Nuno Alvares, até quatrocentas lan-

ças e peões e bésteiros. E João Rodrigues trazia bem quinhentos homens d'armas e trezentos ginetes, e d'outra gente de pé assaz d'elles assim dos que comsigo trouxera, como dos moradores do logar.

E contou o trombeta a resposta que levava a João Rodrigues, e a esses outros cavalleiros que com elle estavam, havendo elles todos por escarneo e rindo de tal resposta, e Nuno Alvares foi visto onde ia com suas gentes. Elles se maravilharam d'esto, cavalgaram muito á pressa e sairam fora da cidade, e quizeram embargar o posto da ribeira de Odiana, que vae por hi acerca.

E Nuno Alvares passou, a mau seu grado, e alli foi envolta uma mui grande e forte escaramuça, e bem pelejada, na qual foram presos até vinte escudeiros de João Rodrigues e muitos feridos, e foi-lhe por força dar volta com os seus, e lançar-se na cidade, e mandou cerrar as portas.

E Nuno Alvares se deteve grande espaço ao redor do logar, a trato de a vir a tomar, aguardando se sairam outra vez fora pera vingar algum queixume, se o tinham, e nenhum não foi ouzado de o mais commetter, e elle veiu com suas gentes, bem ordenadas, pera Elvas, d'onde partiu

CAPITULO CXLV

Como Nuno Alvares houve recado que gentes se juntavam pera o ir buscar, e da maneira que em ello teve.

El-rei havendo grande sanha da guerra e desprazer que lhe Nuno Alvares fazia n'aquella comarca, de onde era fronteiro, e tendo sentido da morte do mestre d'Alcantara, que fôra morto na batalha dos Atoleiros, como ouvistes, mandou um gram capitão de sua hoste, e mui famoso e mui bom homem d'armas, que chamavam Pero Sarmento, adiantado-mór de Galliza, e de suas gentes tomasse quantas quizesse, e se fosse a Alemtejo buscar Nuno Alvares, e que de morto ou preso em nenhuma maneira lhe escapasse. Porque tendo Pero Sarmento a el-rei fallando com elle n'esta historia, que escrevem que D. Pedralvares, e este Pero Sarmento pediram a el-rei que lhes desse licença, que elles queriam vingar a morte do mestre d'Alcantara, que elle lh'a deu.

Nuno Alvares estando assim em Elvas, chegou-lhe recado que muitas gentes dos castellãos estavam no Crato, e que do arraial de sobre Lisboa, onde el-rei de Castella jazia, haviam de vir pera se ajuntarem com elles o dito Pero Sarmento, e o priol do Esprital, seu irmão, com seiscentas lanças. Nuno Alvares tanto que esto ouviu, teve logo seu conselho de lhe ir ter ao caminho á ponte do Soro, antes que se juntassem com as outras gentes, e par-

tiu-se á pressa d'Elvas e andou esse dia com sua hoste sete leguas, e foi-se alojar á fonte da Figueira, que está no cabo do Ameal, caminho do Cano, e mandou de noite poer suas guardas e escuitas, como havia em costume, e sendo já alto serão, umas trinta lanças de sua companhia se alongaram do alojamento do arraial contra o Cano, por suas bestas pascerem melhor, que andavam muito trabalhadas, e levaram comsigo uma trombeta, que andava em companhia d'um d'aquelles, que se assim afastaram. E quando veiu á meia noite, aquella trombeta, por mingua de bom avizamento, começou de tanger, e foi ouvida no ajuntamento, onde Nuno Alvares jazia, e cuidaram que eram os castellãos que o iam buscar, e vinham seu caminho. E logo Nuno Alvares mandou dar ás trombetas, e foi posto em batalha com todos seus armados, e assim de pé foi ordenamente até onde a trombeta tangera, e como soube o que era, tornou-se pera onde partira e defendeu que d'ahi em deante nenhum fosse ouzado apartar-se da hoste, pera cousa que fosse.

Como foi manhã, Nuno Alvares partiu caminho da ponte do Soro, e indo além d'Aviz lhe veiu certo recado, que Pero Sarmento e o priol seu irmão, e as gentes, outras que partiram do arraial pera o Crato, passaram por aquelle logar havia um dia, da qual cousa lhe muito desprougue e áquelles que eram com elle, e d'alli se tornou ao Cano, d'onde foram bem pensados de figos, que outro mantimento não havia hi, por azo da guerra, que não consentia demorar alli ninguem, e elles não o traziam, e d'alli se tornaram a Evora.

CAPITULO CXLVI

Como Nuno Alvares poz batalha a Pero Sarmento e outros capitães, e que não quizeram pelejar com elle.

Nuno Alvares em Evora cuidadoso por estes feitos, tornou-lhe recado de seu senhor o Mestre, em que lhe fez saber, que do arraial d'el-rei de Castella eram partidas seiscentas lanças, pera se ajuntarem no Crato com as outras gentes que hi estavam pera lhe ir poer batalha, e que o encommendava a Deus.

E enviou-lhe dinheiros pera soldo de um mez, que muito por entonce mister havia.

Logo apoz este recado lhe chegou outro, que Pero Sarmento e o priol seu irmão, e João Rodrigues de Castanheda e o conde de Niebra e o mestre de Alcantara que viera por mestre depois da morte do outro que morreu na batalha de Fronteira, e Martim Annes da Barbuda, que se chamava mestre d'Aviz, e outros fidalgos e escudeiros, que eram por todos duas mil e quinhentas lanças e seiscentos ginetes, e muitos peões, e muitos bésteiros, eram todos no Crato, e hi se estavam corregendo nas cousas que lhe mister faziam, pera sua entrada, e pera o ir buscar, e lhe poer batalha, e des-ahi pera roubar e correr todo entre Tejo e Odiana, na peor maneira que o fazer podessem.

Nuno Alvares mandou logo pela comarca, por ajuntar mais gentes comsigo das que tinha, e foram

todos mil e quinhentos, e trinta lanças, e cinco mil entre hómens de pé e bésteiros. E em esto apareceram estes senhores, com toda sua gente do logar do Crato, correndo a terra, e chegaram a Arrayolos, o qual alguns contam, que foi combatido e tomado por força, mas os que mais certamente fallaram, dizem que elle foi dado por alguns não bons portuguezes, dos quaes era o principal Gonçalo de Oliveira, que era parente da rainha.

D'alli enviou Pero Sarmento por um cavalleiro da sua companha, que chamavam Garcia Gonçalves de Ferreira, a Nuno Alvares uma carta mui desmesurada, da qual Nuno Alvares não curou, nem quiz responder a ella. E mais lhe trouve uma espada de armas d'ambas as mãos, e disse que a desse a Nuno Alvares em gajas, e que o desafiase de sua parte, que se com elle viesse ao campo, que o entendia de açoutar, como menino.

Nuno Alvares sem mostrar de si sanha, pero as palavras fossem deshonestas, recebeu bem o cavalleiro, e tomou a espada, e aceitou a desafiação, e mandou que o apozentassem bem, e disse que elle lhe daria depois a resposta.

E ordenou logo os que ficassem por guarda na cidade, e todo al, que viu que compria, e houve seu conselho de todavia ir primeiro a elles, ante que elles viessem a elle.

No dia seguinte ouviu Nuno Alvares cedo missa, e mandou chamar aquelle cavalleiro castellão que lhe trouvera aquella deshonesta carta e desafiação, e disse com gesto aprazivel:

— «Cavalleiro, ora vos ivos com Deus, e dizei a meu amigo Pero Sarmento e a esses capitães que são em sua companhia, que se venham ao campo

quando quizerem, que ahi me acharão prestes como elles desejam».

Garcia Gonçalves se partiu logo, maravilhando-se muito da sua mesura e ardideza.

E em esto estando Nuno Alvares pera comer, foi certificado que os castellãos se vinham chegando quanto podiam; e como isso soube, sem mais comer nenhuma cousa, mandou dar ás trombetas pera cavalgar, e suas gentes beberam por terra, cada um como melhor podia; e foram juntos com elle muito á pressa, e elle partiu logo com todos mui ordenadamente, e foi além da quinta d'Oliveira, pouco mais de uma legua da cidade, e n'aquelle logar se teve, e esperou os inimigos.

Alli comera Nuno Alvares, se tivera que, ca elle não mandou levar azemolas, nem outra carriagem, entendendo que tinha a batalha mui prestes, como chegassem, por quanto os castellãos eram muitos, e elles mui poucos em comparação d'elles.

Des-ahi cuidava que quem vencesse o campo acharia o que lhe mister houvesse. E buscaram-lhe alguma cousa de comer pela companhia: e não acharem outra vianda, salvo um pão encenteado e um pouco de vinho, que um homem de pé levava em uma cabacinha. Estas foram suas eguarias por aquelle dia todo onde esteve com sua batalha posta acerca.

O outro dia pela manhã bem cedo partiu, e se foi a Duror, uma legua d'aquelle logar, e alli ordenou sua batalha por terra, como ante, e poz sua vanguarda e reguarda, e alas de homens d'armas, e peões, e bésteiros, como elle bem sabia fazer, e elle estava na vanguarda.

E alli veiu Pero Sarmento e o priol, e esses outros capitães, e ordenaram a sua batalha da vanguarda e

reguarda, e alas mui acerca uns dos outros, e sem mostrança de pelejar, os ginetes dos inimigos cercaram todos os portuguezes, de guisa que de Evora não podia nenhum vir pera a companhia de Nuno Alvares, nem dos seus se ir pera a cidade, que logo não fosse preso, e faziam os ginetes algumas remetidas nos homens de pé, e onde melhor entendiam, mas todo achavam prestes de defensão, sem lhe poderem empecer.

Os castellãos assim por grande espaço receando a batalha, mandaram dizer a Nuno Alvares que bem via que seu jogo ia despartido, e que de tal intenção, como tinha, não curasse, ca bem visto era que não havia em elle defensão, mas que todavia se tornasse a serviço d'el-rei de Castella, que o acrescentaria, fazendo-lhe muitas mercês, como as elle bem merecia. E que esto era mais são conselho, que se perder, com quantos alli estavam.

A estas e outras taes razões Nuno Alvares em breve disse ao mensageiro: que d'aquellas palavras não curasse mais, e que se fosse embora, e que dissesse a aquelles senhores, que o a elle enviaram, que lhe parecia que não era bem de se o tempo assim passar de balde, e que, pois que o desafiar mandaram, que pouco faziam de sua honra, serem tantos e tão bem encavalgados, e elles pelo contrario, e tardarem tanto de não virem á batalha que vieram buscar, e tinham tão prestes como elle bem via. Ca pois elles eram a cavallo, e vinham demandar batalha, que elles o deviam começar primeiro ou que ordenassem elles sua batalha por terra, e que elles os iriam cometer. E porém lhes prouguesse de todavia virem á villa.

A estas razões não tornaram os castellãos mais, mas leixaram-se estar assim com sua batalha posta,

e por noite se apartaram um pedaço, e assentaram seu arraial.

Nuno Alvares vendo que os castellãos faziam esto com sageria, pera os esfaimar, havendo já dois dias e uma noite, que eram fora da cidade, sem mantimentos, que ao recolher os poderiam matar a seu salvo sem batalha, ordenou de se tornar aquella noite a Evora, pera em outro dia tornar a batalha percebido de mantimentos, se lh'a poer quizessem.

Aquella noite foi de grande tempestade d'agua e cerração, e o recolhimento perigoso, de guisa que alguns enlheavam a terra, e não sabendo ir pera a cidade, davam no arraial dos castellãos e alli os filhavam, e tomavam por prisioneiros. E outros furavam por as vinhas, comendo uvas, e alli os achavam seus inimigos e os matavam e prendiam.

Nuno Alvares chegou alta noite a Evora, e quando veiu pela manhã soube como os castellãos alevantavam seu alojamento, caminho de Vianna, duas leguas d'Evora, e como eram bem encavalgados, correram a terra, e levaram o mais roubo que poderam, e foram-se pera Arrayolos, e d'ahi partiram d'elles pera o Crato; e Pero Sarmento e João Rodrigues de Castanheda até setecentas lanças, caminho de Lisboa, des-ahi ao arraial d'el-rei de Castella, e foram fallar a el-rei, do qual foram não mui bem recebidos, por não pelejarem com Nuno Alvares, segundo elles com frias razões foram mui bem desditos d'el-rei, dizendo contra elles que lhe não podia Nuno Alvares mais fazer que lhe poer praça no campo, esperando-os dois dias á batalha, e com covardice não ouzaram pelejar com elle. D'isto tiveram grande sentido Pero Sarmento e o priol, pela mingua que por elles passára.

CAPITULO CXLVII

Como Nuno Alvares ordenou de ir a Almada sobre Pero Sarmento, e do que sobre ello aconteceu.

GRANDE sentido teve Nuno Alvares do geito que os castellãos com elle tiveram, em lhe fazer poer a praça duas vezes, não querendo vir a batalha, e esto por o desbaratarem por sageria de arterices, e não por arrezoada ardideza, pois já muitas e mais gentes, e melhor corregidas eram: des-ahi roubarem d'aquella guisa a terra, de que elle estava por fronteiro se tivesse por mui escarnecido d'elles, e cuidou de lhe ordenar similhante jogo com melhoria, se o fazer podesse, e por suas enculcas, que a Almada mandou, soube parte do que Pero Sarmento e João Rodrigues de Castanheda e outros alguns fidalgos faziam. E tendo vontade de ir sobre elles, como pera elle visse arrezoado tempo, juntou suas gentes, que passariam de trezentas lanças, afora homens de pé e bésteiros poucos; e veiu-se com elles a Palmella, e alli se deteve, e ordenou sua ida.

E se algum aqui diz, que Nuno Alvares d'esta vegada tomou o castello de Palmella, a esto não damos fé nem está em razão de escrever, ca os mestrados d'Aviz e Santiago, sempre tiveram voz por Portugal, depois que o mestre D. Fernando Affonso d'Albuquerque se veiu a Lisboa, como dissemos. E se o elle entonce tomou, que se fez dos castellãos, e do alcaide, que n'elle estavam, que ti-

nham voz por Castella? Ca todos os logares, que sua voz tinham, em todos elles estavam.

El-rei poz alcaides e gentes, que os guardassem, e os guardavam, disse.

Bem fôra pera isso provar dizer sequer o nome do alcaide em breve, como fora tomado, maiormente logar tão forte e tão mau de filhar. Mas parece que não tem licença pera o dizer.

E outro dia foi Nuno Alvares por espaçar, correr monte não longe da villa, e matou um grande e formoso porco, o qual mandou poer em cima de uma boa azemula, e quatro homens de pé com ella, e um escudeiro, a que deu cargo de o apresentar, que chamavam Gomez Frazão.

Ora aqui escrevem alguns que Nuno Alvares mandou este porco em presente a Pero Sarmento, e que mandou dizer, que a poucos dias o iria vêr, e Pero Sarmento foi ledo com elle, e que mandou logo a el-rei de Castella ao arraial, e que enviou dizer a Nuno Alvares, que lh'o agardecia muito, e que ao mais não respondeu, antes enadem sobre isso, e contam, que Nuno Alvares quando lhe mandou aquelle porco, que lhe enviou dizer que queria ir jantar com el-rei: e que Pero Sarmento que viesse muito embora quando quizesse, que prestes acharia a salsa.

Mas examinadas taes razões, segundo um historeador escreve, não satisfazem ao arrezoado entendimento, e mostra-se claramente ser assim.

Porque se o presente de Nuno Alvares fôra apresentado a Pero Sarmento com taes palavras, como estes dizem, seguiria tanto sua condição em se avizar logo d'elle, que a Nuno Alvares fôra muito mau de fazer cousa, que sobre esto fosse pensada. Nem

os que esta historia contam não fazem menção de Pero Sarmento, a chegada de Nuno Alvares sobre Almada, nem cousa que com elle haviesse. Mas como quereis vós que fizesse menção de Pero Sarmento, que no estava hi, nem lhe fôra apresentado porco nem porca?

Porém leixemos seus errados ditos, seguindo as razões de um auctor muito esquadrinhador dos feitos de similhantes duvidas. Deveis saber que uma quarta feira pela manhã, postrimeiro dia do mez d'Agosto, partîram os homens de pé com aquelle porco, caminho d'Almada, que são d'ahi boas cinco leguas, e quando chegaram ao meio dia não acharam ahi Pero Sarmento, porquanto era além do rio, e no arraial de el-rei de Castella e pozeram o porco em Cacilhas, perto d'Almada, atendendo Pero Sarmento que tornasse.

O porco enviado, fallou Nuno Alvares com os seus, que tivessem á chegada certos cargos cada um em seus logares s. uns ás barreiras e palanque, que estava feito nos estrados das ruas, e que o britassem por força, antes que os castellãos hi acudissem, e elles se metessem entre o arrabalde e a villa pera filharem os que do arrabalde n'elle se quizessem lançar, e com estes havia de ir a sua bandeira, e se achassem as portas abertas, que entrasse a bandeira dentro com aquelles homens de armas que o acompanhavam, ou se lançassem dentro da volta com aquelles que fugissem, e que assim tomassem o castello.

Outros haviam de ir ao porto de Cacilhas, que se alguns castellãos da frota passassem, que os embargassem a não tomar terra.

E por quanto Nuno Alvares foi certo que em Coina, tres leguas d'Almada, estava em guarda

trinta ginetes, e que se algumas campanhas suas, ou d'outras partes viessem, que fossem dar novas aos do logar, pois aquelle era o arrojado caminho por onde haviam de vir.

Porém que partiu elle com tal intenção, dissemos, bem sol posto e já tarde, e levou caminho da charneca por cima de Azeitão entre Cezimbra; arredado uma legua d'aquellas escuitas, cuidando de todo ser na alva rompente em Almada, e andou toda aquella noite bem sete leguas, e as mais d'ellas fóra do caminho, e as guias não terem bem certas, des-ahi as terras um pouco espessas, cuidaram que eram já perto d'Almada.

E Nuno Alvares se deteve já quanto dormiram sonhos poucos.

Quando se levantaram, começou de amanhecer, viram que eram mais longe do logar do que pensaram.

Entonce se trigou Nuno Alvares no andar mais rijo, e sahindo o sol chegou a um logar que chamavam a Sovereira, que é acerca de hi uma legua a Almada.

E vendo tão tarde, fallou aos seus, que andassem a trote e a galope, quanto as bestas os levar podessem, e elles o fizeram, de guisa que pareceu que toda a terra era já cercada e cobrida do sol, ainda elles chegaram a tempo, que muitos dos castellãos ainda jaziam nas camas, que mal prestou o somno da manhã.

O primeiro que ás barreiras chegou foi Nuno Alvares com tres escudeiros, que á pressa deram por terra, e com estes entrou Nuno Alvares pela ribeira do arrebalde descontra Coina, dando-se ás lanças com alguns castellãos, que o embargar queriam.

Des-ahi chegou logo a sua bandeira, que vinha muito perto, com todos aquelles que a guardavam, e tomaram a rua direita contra Cacilhas, fazendo o melhor que podiam.

Em esto os castellãos, que pouco cuidado tinham de similhante feito, d'elles dormindo, e outros jazendo de seu vagar, quando ouviam bradar: Castella, e pelo arrebalde armas, armas, Castella, Castella, d'elles se lançaram fóra das camas, por saberem que era.

Outros se vestiam pera se armar á pressa. E os que já andavam fóra das pouzadas, faziam-se prestes a defender as ruas, mas o desacordo era tão grande, que sua defensão prestava mui pouco, que o principal cuidado era por escapar a vida, porém ajuntando-se alguns cobrando coração, quizeram voltar a Nuno Alvares por aquella rua, por onde elle ia, conhecendo já que era aquelle, e um seu peão chamado Nuno Alvares, saiu da travessa entre Nuno Alvares, e os inimigos, e arremessou a um castellão uma escuna, e deu com elle em terra morto.

Os outros fugindo quanto mais podiam, não querendo aguardar similhante jogo.

Ia com elles de mistura, João Rodrigues de Castanheda, que se levantou rijo da cama na pouzada onde jazia, e não podendo acabar de vestir o gibão.

A bandeira de Nuno Alvares chegou bem acompanhada até á porta do castello, cuidando de a achar aberta, como levava devisado.

Mas os do castello cerraram as portas, e acolheram dentro primeiro aquelles que poderam, e os outros d'elles se lançavam na barbacan, e outros pelas barreiras, cada um como melhor podia.

[illegible] no castello, não he [illegible] alguns homens [illegible] sobre a atalaia, onde [illegible] d'elles, que [illegible] se assomavam em [illegible] muitos [illegible]. E se não [illegible]. Des-ahi [illegible] que [illegible] não levavam [illegible] tiram-lhe [illegible] juntas [illegible] assim de Pero Sar- [illegible] fora

[illegible] do mar [illegible] man- [illegible] e recolheu [illegible] aquelles a que foi [illegible] de Cachas. [illegible] que Nuno Alva- res [illegible] a Pero Sarmento [illegible] por elle, [illegible]

[illegible] d'elle, moveu [illegible] poer em az or- [illegible] meio tendida, dan- [illegible] com outros signaes [illegible] da cidade. e do arraial [illegible]-os d'aquella [illegible] gentes da vi[illegible] soldo, [illegible] dos [illegible] quaes [illegible] cuidaram que era [illegible] alardo pera lhe [illegible] cuidavam que er[illegible]

El-rei que sabia que [illegible] bem cuidou que era [illegible] pela ventura ordena[illegible]

dou-o chamar e perguntou-lhe que gentes eram aquellas que estavam em aquelle oiteiro.

—«Certamente disse elle, senhor, não sei, mas diz-me a vontade que é Nuno Alvares».

—«Em verdade, disse el-rei, essa é boa resposta, serdes vós fronteiro d'aquelle logar, e virvos um escudeiro de cinco rocins fazer tal baldon».

—«E assim o dizeis vós, senhor, disse elle, pois agardecei a Deus, e a este rio, que está entre vós, e elle, ca se este mar não fosse aqui, vos viria buscar onde estaes.

Entonce se partiu Pero Sarmento á pressa, ainda não acabado de vestir, e remeteu-se em uma galé, e el-rei mandou que vogassem as outras, e metessem gente d'armas n'ellas, mas não se pôde fazer tão azinha por não estarem d'esto percebidas.

Nuno Alvares esteve assim quanto lhe aprougue, de cuja vista el-rei tomou grande nojo, e os da cidade mui grão prazer quando souberam que era aquelle.

A galé em que entrou Pero Sarmento, chegou antes que as outras ao porto de Cacilhas, e como foi em terra, começou de dizer a altas vozes:

— Castella, Castella, não é nada, não é nada: bradando á pressa, que lhe trouvessem um cavallo.

—«Não sei, disse um castellão dos que foram roubados, como vós dizeis não é nada, não é nada, mas dou ao demo a cousa que me a mim ficou, de quanto eu tinha, assim bestas, como armas, que tudo me levaram, e ainda de grão ventura escapei de prizão ou morte, e assim todos quantos eramos, e vós dizeis que vos tragam cavallo; e que presta de vos a vós trazerem cavallo, ainda que o ahi houvesse? Ca Nuno Alvares se foi já com toda a gente á sua vontade, como quiz».

—«Não monta nada, disse elle, tragam-me a mim um cavallo se o hi ha, sequer verei como se vão».

E não se fez mais sobre esto. Nuno Alvares foi comer a Coina, e alli repartiu o esbulho, sem havendo pera si parte alguma, e d'alli cavalgou, e foi a Palmella, e quando foi noite mandou fazer taes almenaras de fogo, que as viram os de Lisboa, por saberem os da cidade que estava elle alli, e tomarem algum esforço.

E certamente assim foi de feito, que o Mestre, quando viu aquellas almenaras de fogo em Palmella, bem entendeu que era Nuno Alvares que alli estava com suas gentes, e houve mui grão prazer, elle e todos aquelles que o viam, e mandou acender muitas tochas no grande eirado dos paços d'El-rei, onde entonce pouzava, por os verem de Palmella, e elle dar a entender que via as suas luminarias, e que lhe respondiam com aquelles lumes, pois outra falla haver não podia.

Assim esteve o Mestre em um bom espaço, fallando com os seus nos feitos de Nuno Alvares, com aquelle doce arrazoar, e louvores taes que este real servidor merecia de se lhe dizer; des-ahi se recolheu pera sua camara.

Nuno Alvares apagou seus fogos por cobrar o somno que de antes perdera, onde fique com boas noutes; nós tornemos ver a ponto esta atribulada Lisboa em que ponto está.

CAPITULO CXLVIII

Das tribulações que Lisboa passou por mingoa de mantimentos.

ESTANDO assim a cidade cercada da maneira que ouvistes, gastavam-se os mantimentos cada vez, pelas muitas gentes que em ella havia, assim as que se acolheram dentro do termo de homens aldeões com mulheres e filhos, como das que vieram na frota do Porto, e alguns se metiam ás vezes em bateis, e passavam de noite escusamente contra as partes de Ribatejo, que já se achavam prestes, por recados que ante mandavam, e partiam de noite remando mui rijamente.

Algumas galés, quando os sentiam vir remando, isso mesmo remavam á pressa sobre elles, e os bateis por lhe fugir, e ellas por os tomar, eram postos em grandes trabalhos.

Os que esperavam por tal trigo, andavam por a ribeira da parte de Enxobregas aguardando quando viessem, e os que velavam, se viam as galés remar contra lá, repicavam logo por lhes acorrer.

Os da cidade, como ouviam o repique, leixavam o somno, e tomavam as armas, e saia muita gente, e defendiam-nos ás béstas, se cumpria, e ferindo-se ás vezes de uma parte e da outra, porém nunca foi vez que tomassem algum, salvo um que certos bateis estavam em Ribatejo com trigo, e foram descobertos por um homem natural d'Almada, e tomados por os castellãos, e elle preso e arrastado e dece-

pado e enforcado. E posto que tal trigo alguma ajuda fizesse, era tão pouco, e tão raramente, que houveram mister de multiplicar como fez Nosso Senhor Jesus Christo aos pães, com que fartou cinco mil homens.

E esto fartou assim a cidade apertadamente, que as publicas esmolas começavam de fallecer, e nenhuma geração de pobres achava quem lhe dar pão' de guisa que a perda commum vencendo de todo a piedade, e vendo a grande mingua dos mantimentos, estabeleceram deitar fora as gentes minguadas, e não pertencentes pera a defensão. E esto foi feito duas ou tres vezes, até lançar fora as mancebas mundanarias e judeus, e outros similhantes, dizendo que, pois taes pessoas não eram pera pelejar, que não gastassem mantimentos aos defensores, mas isto não aproveitava cousa que muito prestasse.

Os castellãos á primeira aprazia-lhe com elles, e davam-lhe de comer e acolhimento, e depois vendo que esto era com fome por gastar mais a cidade, fez el-rei tal ordenança, que nenhum de dentro fosse recebido em seu arraial, mas que todos fossem lançados fora, e que se ir se não quizessem, que os açoutassem, e fizessem tornar pera a cidade, e esto lhe era tão grave de fazer, tornarem por força pera tal logar, onde chorando não esperavam serem recebidos. E taes hi havia que de seu grado se iam da cidade, e se iam pera o arraial, querendo de todo ante ser captivos, que assim perecendo morrerem de fome, como não lançariam fora gente minguada, e sem proveito, que o Mestre mandou saber em certo pela cidade que pão havia por todo em ella, assim por covas, como por outra maneira, e acha

vam que era tão pouco, que bem haviam mister sobre ello conselho.

Na cidade não havia trigo pera vender, e se o havia era mui pouco, e tão caro que as pobres gentes não podiam chegar a elle, que valia cada alqueire quatro libras, e o alqueire do melhor quarenta soldos, e a canada de vinho tres e quatro libras, e padeciam mui apertadamente, e dia havia ahi, que ainda que dessem por um pão uma dobra, o não achavam á venda, e começaram a comer pão de bagaço de azeitona, e dos queijos das malvas e raizes d'hervas, e outras desacostumadas cousas pouco amigas da natureza. E taes hi haviam, que se mantinham em alfeloas.

No logar onde costumavam a vender o trigo, andavam homens e moços esgravatando a terra, e se achavam algum grão de trigo metiam-n'o na boca, sem tendo outro mantimento.

Outros se fartavam d'hervas e bebiam tanta agua, que achavam homens e cachopos jazer mortos inchados nas praças, e em outros logares.

Das carnes isso mesmo havia em ella grande mingua, e se alguns criavam porcos mantinham-se n'elles e assim pequena posta de porco valia cinco libras e seis, que era uma dobra castelhana, e gallinha quarenta soldos, e a duzia dos ovos doze soldos. E se almocreves traziam alguns bois, valiam cada um setenta libras, que eram quatorze dobras cruzadas, valendo entonce a dobra cinco e seis libras, e a cabeça e as tripas uma dobra, assim que os pobres por mingua de dinheiro não comiam carne, e viviam mal, e comiam carnes das bestas, e não sómente os pobres e minguados, mas grandes pessoas da cidade lazerando, não sabiam que fazer,

e os gestos mudados com fome bem mostravam seus encobertos padecimentos.

Andavam os moços de tres a quatro annos pedindo pão pela cidade, por amor de Deus, como lhes mandavam suas madres, e muitos não tinham outras cousas que lhe dar senão lagrimas, que era triste cousa de vêr, e se lhe davam tamanho pão como uma noz, haviam-n'o por grande bem, e desfaleciam-lhe leite a aquellas que tinham crianças a seus peitos, por mingua de mantimentos, e vendo lazerar seus filhos e filhas, que acorrer não podiam, chamavam sobre elles a miudo a morte, antes que a morte os privasse da vida.

Muitos esguardavam as preces alheias, com chorosos olhos, por cumprir o que a piedade manda e não tendo de que lhe acorrer, caiam em dobra de tristeza.

Toda a cidade era dada a nojo, cheia de mesquinhas querelas, sem nenhum prazer que houvessem: uns com grande mingua do que padeciam, outros havendo dó das tribuladas; e isto não sem razão, ca se é triste o coração cuidoso nas cousas contrarias que lhe avir pódem, vêde que fariam aquelles que as tão continuadamente presente tinham.

Pero com todo esto, quando repicavam, nenhum não mostrava que era faminto, mas farto, e rico contra seus inimigos, e esforçavam-se uns aconselhar e dar remedio a seu grande nojo, mas não prestava conforto de palavras, nem podia tal dôr ser amansada com nenhumas doces razões.

E assim como é natural cousa a mão ir a miude onde seja dôr, assim uns homens fallando com os outros, não podiam em al despartir, senão em a mingua, que cada um padecia. Oh! quantas vezes

encommendavam nas missas e pregações que rogassem a Deus devotamente por o estado da cidade, e fincando os giolhos, beijando a terra, bradando a Deus que lhes acorresse, e suas preces não eram cumpridas. Uns choravam entre si, mal dizendo seus dias, queixando-se por quanto viviam, como se dissessem com o Propheta:

Ora viesse a morte antes do tempo, e a terra cobrisse nossas faces, por não vermos tantos males.

Assim que rogavam á morte, que os levasse, dizendo que melhor fôra morrer, que lhes serem cada dia renovados padecimentos. Outros se querelavam a seus amigos dizendo: que foram desaventurada gente, que se ante não deram a el-rei de Castella, que cada dia padecerem novas mesquindades, firmando-se de todo em as peores cousas, que fortuna em esto podia obrar. Sabia porém isso o Mestre, e os do conselho seu, e eram-lhe dorosas de ouvir taes novas, e vendo estes males, a que acorrer não podiam, cerravam seus olhos do rumor do povo.

Como quereis que não mal dissessem sua vida e desejassem morrer alguns homens e mulheres, que tanta differença ha de ouvir estas cousas a aquelles que as entonce passaram, como ha da vida á morte?

Os padres e as madres viam estalar de fome os filhos que muito amavam, rompiam as faces e peitos sobre elles, não tendo com que lhes acorrer senão pranto, espargimento de lagrimas, e sobre isto medo d'aquella vingança, que entendiam que el-rei de Castella d'elles havia de tomar.

Assim que elles padeciam duas grandes guerras dos inimigos que os cercados tinham, e outra dos

mantimentos que lhe minguavam, de guisa que eram postos em cuidado de se defender da morte por duas guisas.

Pero que é dizer mais de taes padecimentos; foi tamanho o gasto das cousas que mister haviam, que soou um dia pela cidade que o Mestre mandava deitar fóra todos os que não tivessem pão que comer, e que sómente os que tivessem ficassem em ella.

Mas quem poderia ouvir, sem gemidos e sem choros, tal ordenança de mandados áquelles que o não tinham?

Porém, sabendo que não era assim, foi-lhe já quanto de conforto.

Onde sabei que esta fome e padecimentos, que as gentes padeciam, não era pelo cerco ser prolongado, que não havia tanto tempo que Lisboa era cercada, mas era por azo das muitas gentes que se a ella acolheram de todo o termo. E isso mesmo da frota do Porto, quando veiu, e os mantimentos serem mui poucos.

Ora esguardae, como se fosseis presentes, d'uma tal cidade assim desconfortada, e sem nenhuma certa fiuza do seu livramento, como viveriam em desvairados cuidados, quem soffria ondas de taes afflicções! A geração que depois veiu, o povo bemaventurado, que não soube parte de tantos males, nem foi quinhoeiro de taes padecimentos, os quaes a Deus aprougue de cedo abreviar d'outra guisa, como acerca ouvireis.

CAPITULO CXLIX

Da pestelença que andava entre os castellãos, e d'alguns capitães que em ella morreram.

Não cumpre muito trabalhar por dar louvor ás muitas e mui boas gentes que el-rei de Castella comsigo tinha, quando se moveu pera entrar em Portugal, porque sem duvida sabei de certo que a casa de Castella era entonce uma das mais nobres do mundo, de muitos gentis homens, assim de grandes senhores e fidalgos, como cavalleiros e escudeiros bem encavalgados e guarnecidos d'armas, e d'outra mean gente de bésteiros, homens de pé em grande numero, e comtudo, depois que el-rei entrou pelo reino, e se veiu chegando contra Lisboa, pouzando por essas aldeias, começaram de morrer de peste alguns do arraial, das gentes de pé de pequena condição.

E quando algum cavalleiro, ou tal escudeiro, a cerca de finar, levavam-nos a Cintra ou a Alemquer, ou a alguns dos outros logares que por Castella tinham voz, e alli os abriam e salgavam, e punham em athaudes ao ar, ou os coziam e guardavam os ossos pera os depois levarem pera d'onde eram.

E por esta razão se mudava el-rei d'uma aldeia pera a outra, com suas gentes, até que veiu a sua frota, e se lançou sobre a cidade, como já é dito. E tendo assim seu cerco sobre ella, começaram de morrer na frota, e os outros eram muito annojados, ndo por muitas vezes a el-rei conselho que se

partisse d'alli por entonce, e que depois seria tempo pera vir cercar cada vez que quizesse, mas elle engeitando seus bons razoados, era muito inclinado a não descercar o logar, por cousa que havir podesse, sabendo bem como a cidade era minguada de mantimentos, e que não havia poder de se ter grande espaço que não cobrasse á sua vontade.

Ora como assim seja que entre todas as cousas, em que o divinal poderio vemos, que mais resplandece, assim é n'aquellas que em todo tempo são desesperadas, produzil-as a proveitoso effeito, quando lhe quer assim obrar entonce por sua mercê, a cerca d'esta cidade, porque sendo ella muito attribulada por desvairados modos de fomes, des-ahi todos cheios de arrefecimento d'alguma esperança, què d'outra parte havir podesse, salvo a que no mui alto Deus tinham, e na sua preciosa Madre, que os havia de ajudar, ou se aventurando todos um dia a morrer ou viver, como dissémos, prougue a Aquelle Senhor, que é Principe das hostes e vencedor das batalhas, que não houvesse hi outra lei, de não pelejar senão a sua, e ordenou que o anjo da morte estendesse mais sua mão, e precudisse asperamente a multidão d'aquelle povo.

E não embargando que d'antes assaz morresse, começou de se atear a peste tão bravamente em elles, assim por mar, como por terra, que dia havia que morriam cento e cincoenta e duzentas, assim mais e menos, como se acertava, de guisa que o mais do dia eram os do arraial occupados em enterrar seus mortos. Assim que era espanto de vêr aos que o padeciam, e estranho de ouvir aos que eram cercados. Ca do dia que falleceu de trama o mestre de Santiago D. Pedro Fernandes Cabeça de Vaca até

esta sezão, morreram mais de dois mil homens de armas dos melhores que el-rei de Castella tinha, afora muitos capitães que nomear não podemos, pero a alguns diremos seus nomes, assim como de Ruy Gonçalves Mexias, a que el-rei deu o mestrado depois da morte de D. Pedro Fernandes, e D. Pedro Fernandes do Sandoval, commendador-mór, que cuidou de ser mestre, e Pero Fernandes de Valhasco, camareiro-mór d'el-rei D. Pedro, Fernão Sanches de Toar, seu almirante mór, e Fernão d'Alvares de Toledo, mariscal de Castella, e Pero Rodrigues Sarmento, adiantado em Galliza, e D. Pedro Nunes de Lara, conde de Maiorcas, que pouco havia que cazara, como ouvistes, e D. João Affonso de Benavides, e D. Fernando Affonso de Samora, mestre de Santiago, e com este foram tres mestres, e João Martins de Rojas, e Lopo Ilhoa de Alverneda, e treze cavalleiros d'el-rei, da cidade de Toledo, e muitos outros cavalleiros e escudeiros de Castella e de Leão.

Era grão maravilha, por juizo a nós não conhecida, que em favor de tamanha peste, nenhum dos fidalgos portuguezes que hi andavam, nem prisioneiros ou d'outra qualquer guisa, nenhum não morria de trama, nem era tocado de tal dôr. E os castellãos por vingança e menencoria que lhe não prestava, lançavam os prisioneiros portuguezes que traziam com os que eram doentes de tramas, por tal que morressem pestelenciados, e morriam os castellãos doentes, e dos portuguezes nenhum padecia, nem dentro na cidade, que era tanto perto do arraial, nem fóra no termo, que forte cousa parece de crêr, ser um rei assim acompanhado e servido de taes e tão nobres fidalgos, como comsigo alli tro-

vera, e vêr sem nenhum proveito tantos d'elles mortos ante si, afora grande numero d'outro meudo povo, e não mudar seu desejo do que começado tinha, em quantos conselhos lhe eram propostos, como se acintemente lhe proguesse de os offerecer a morte.

CAPITULO CL

Das razões que D. Carlos disse a el-rei de Castella, e como el-rei levantou seu arraial e descercou a cidade.

SENDO a tormenta do reino tão grande, como ouvistes, e Lisboa tão affecta com ondas de taes tempestades, des-ahi a comarca d'ella gastada por fogo e outras destruições, de guisa que todas as aldeias que havia em seu termo até Cascaes, que eram d'ahi a cinco leguas, eram já deitadas por terra, e mais os logares de todo Ribatejo; além d'esto fome mui continuada, que nenhuma certa esperança de seu livramento, de cada parte se gerava nos moradores d'ella mui pouca fiuza de poder escapar, salvo aquella que em Deus havia, da maneira que dissémos. Isso mesmo el-rei de Castella, não embargando a forçosa demonstração que havia da mortandade dos seus, porque devera de entender que não prazia a Deus de alli mais estar, pero com todo esto seu firme proposito era perserverar até que a tomassem. Assim que os cercados e cercadores soffriam duas grandes penas, por cum-

prir as esperanças. Os da cidade esperavam cada dia que el-rei alevantasse mui cedo seu arraial, por o aficamento de grande pestelença; e os castellãos outro sim entendiam, que os de dentro, constrangidos por fome, lhe rogariam com a cidade, com penitencia de muitos a sua hora.

Assim que uns e outros, mantendo sua opinião, soffriam dois maiores damnos que em similhante feito podia acontecer s. uns apertada fome dos mantimentos que mister haviam; outros mortal pestelença em todos os estados da gente do arraial.

D. Carlos, infante herdeiro de Navarra, casado com a infanta D. Leonor, irmã de el-rei, que era com elle em este cerco, vendo a desordenada mortandade que entre elles andava, e como cada vez era maior, dizia a el-rei por muitas vezes que fosse sua mercê não querer tentar a Deus, estando mais em aquelle logar, e se alçasse de sobre a cidade, e tornasse pera seu reino, ca posto que elle d'alli partisse, assaz leixava em Portugal cavalleiros e outras gentes, ca tinham muitas villas e castellos, d'onde fariam guerra ao Mestre, e aos que sua voz quizessem manter. E depois que a Deus prouguesse de cessar aquella pestelença de todo, que entonce podia tornar com sua gente, e cobrar o reino á sua vontade, dizendo que não fosse tal, como fôra el-rei D. Affonso seu avô, quando pozera cerco a Gibraltar, que morrendo os seus de pestelença, e sendo aconselhado por os senhores grandes e capitães da hoste, que se apartasse de sobre o logar por as muitas gentes que morriam, e sua pessoa estava em perigo, e que nunca o quizera fazer, respondeu aos que o aconselhavam; que em tal cousa lhe não fallassem, ca elle tinha aquella villa, que muito pre-

zava de tomar, tão aficada sem esperança de nenhum soccorro, que a poucos dias seria sua e a tomaria, e com tal intenção se não quiz alevantar, por mui aficados conselhos, que lhe dar podessem, e em esto nasceu-lhe uma mortal landroa, de que se finou a poucos dias, e perdeu o logar e muitas das gentes que comsigo trouvera.

— «E vós, senhor, disse elle, não façaes similhante estada, nem detença de tamanho perigo, ca ainda que vós e outros de vosso conselho esto não dissemos, a razão vos daria d'isso comprido conhecimento, maiormente, que nenhum vos aconselha que de todo o ponto leixeis esta guerra, sem a demanda que começada tendes, á qual podeis tornar cada vez que quizerdes, e vossa mercê fôr. Mas dizemos o que é razão, ca pois a Deus apraz esta pestelença tanto damno fazer nos vossos, que espaceis a cousa pera tempo pertencente. D'outra guisa querendo n'ella mais aprofiar, parece-me que já este feito levaria caminho pera o arraial ser cedo orphão dos melhores que comvosco vieram.

— «Em verdade, disse el-rei, o vosso conselho é mui bom, e eu assim o quero fazer, e pois vós dizeis que meu avô cercou Gibraltar, e não embargando que désse a peste nos seus, que por quanto elle tinha aquella villa, que muito prezava de filhar, assim aficada, sem esperança de nenhum soccorro, que a poucos dias seria sua, que porém a não quiz descercar, posto que muitos dos seus morressem, até que a morte o privou da vida, e tudo isso fez por cobrar uma curugeira de pouco valor. Ora vêde vós que posso eu fazer por cobrar uma tal cidade como esta? A qual cobrada, como eu espero, por aqui cobro todo o reino, e tenho-a já tão aficada por fome,

que os de dentro perecem sem combate, nem outra peleja, segundo as novas que hei de certo d'elles, e elles me rogarão com ella, antes de muitos dias, e me farão minha vontade. E porém quero seguir o conselho de meu avô, e não o vosso, nem d'outro nenhum que me levante d'aqui. De os meus morrerem me peza muito, porém quero cuidar que entraram commigo em uma batalha, na qual pereceram por sua honra, em defensão de meu reino, e ninguem me falle n'esto outra cousa.

El-rei não embargando que esto dissesse, bem via as razões que lhe davam, assim as do infante, como as do seu conselho, que eram justas e bem razoadas, mas seu grande e esforçado coração desprezava, e tinha em pouco toda a duvida e cuidança temerosa que acerca de taes feitos alguns sobre esto imaginar podiam, de guisa que pero duramente soffresse tal pena, sua vontade era induravel em não levantar seu cerco, e continuar o que começado tinha.

Em esto deram duas tramas á rainha, porém não de grande aficamento, por cujo azo el-rei determinou partir do cerco, e entonce alevantou seu arraial, um sabbado depois de comer, poendo os seus fogo em aquelle dia, e ao domingo seguinte, a todas as cousas de que se prestar não podiam, segundo é costume dos que leixam cerco, e ardendo toda a noite, era um dos grandes fogos que os homens viram.

E foi-se aposentar á outra parte da cidade junto com o mosteiro de Santo Antão, que é mui perto d'ella, e esteve alli um dia. E Nuno Alvares, que d'esto não sabia parte, quando viu taes fogos em Palmella, de noite, onde elle estava, ficou mui es-

pantado, e com grão torvação, cuidando que seria por alguns dos melhores, que com elle andavam, de que elle suspeitava, que não eram fieis em seu serviço do Mestre, porque os fogos eram tamanhos, que parecia que ardia toda a cidade.

Este nojo e cuidado lhe durou até outro dia pela manhã, que Lisboa pareceu claramente sem nenhum cajão de fogo.

E aos cinco dias do dito mez, uma segunda feira pela manhã, partiu el-rei de sobre a cidade, caminho de Torres Vedras, com toda a sua gente como quer que á noite começaram todos de caminhar, cada um como melhor podia de guisa que se na cidade houvesse tantos de cavallo que se atrevessem a pelejar com elle, bem lhe poderam fazer grande nojo.

E em começando el-rei seu caminho, mui mais do que ao cerco viera de ledo, chegando a tal logar de que perdia a vista da cidade, voltou o rosto com ella, e dizem que disse:

— «Lisboa, tanta mercê me faça Deus, que ainda te eu veja lavrada de ferros d'arados.

Alli começou de requerer sua gente, a qual ainda o anjo da morte não cessava de perseguir, morrendo alguns pelo caminho, e nos logares onde depois chegou.

Foi-se dormir á Sapataria, que são cinco leguas da cidade, e ao outro dia a Torres Vedras, que eram d'alli tres, na qual villa a rainha sua mulher foi em ponto de morte das nascenças que do arraial levava, pero prougue a Deus que cobrou saude.

E assim durou o cerco depois que el-rei chegou ao Lumiar até tres dias do mez de setembro, que se alevantou de sobre a cidade, quatro mezes e vinte

e sete dias, não contando aqui o tempo que o mestre de Santiago Pero Fernandes de Valhasco, com outras muitas gentes comsigo, começou de fazer cerco pela comarca do Lumiar, segundo em seu logar havemos contado. E se d'este tempo contarmos como alguns contam, porque por defensão todas as gentes do campo jaziam já dentro na cidade, com medo dos castellãos, e se gastaram mantimentos, diremos que foram sete mezes.

El-rei partiu de Torres Vedras e chegou a Santarem com sua mulher e gentes que levava, onde o leixemos, em quanto nos formos vêr que fez o Mestre e os da cidade, depois que el-rei alevantou o cerco.

CAPITULO CLI

Como os da cidade ordenaram procissão por darem graças a Deus, e da prégação que fez um frade n'ella.

QUANDO o Mestre e os da cidade viram como el-rei se alçava e partia com suas gentes, e como alçara o cerco de sobre ella, no tempo de sua mais aficada tribulação, que á mingua de mantimentos viver não podiam, foram todos tão ledos com sua partida, quanto se perfeito dizer não póde, dando muitas graças a Deus que se d'aquella guisa amereceara d'elles, e sahiram fóra da cidade por vêr o sentamento do arraial, que já era queimado, e acharam muitos doentes n'aquelle mosteiro de

Santos, que dissémos, e uzavam com elles de piedosa caridade, posto que seus inimigos fossem.

No segundo dia, ordenaram logo uma grande e devota procissão, na qual todos fossem descalços ao mosteiro da Trindade, que é dos muros a dentro do logar. E o honrado D. João, escudeiro, bispo que entonce era d'essa cidade, partiu descalço da egreja cathedral da Sé, revestido em pontifical, com o corpo do Senhor nas mãos, a mais honesta e honradamente que se fazer póde, muito acompanhado d'ordens e clerezia, e des-ahi o Mestre com todo outro povo.

Chegando todos áquelle mosteiro, depois que fizeram sua devota procissão, começou de prégar um notavel e grande prégador, mui letrado e theologo, chamado por nome mestre Rodrigo de Cintra, da Ordem de S. Francisco, o qual fez uma solemne e comprida prégação, abastadamente de textos da Santa Escriptura, que seu proposito sabedormente trouve, do qual se mais dizer não póde, senão o modo que em ella levou, segundo muito em breve alguns leixaram escripto, e foi d'aquesta guisa.

Elle tomou por thema em começo de seu sermão: — «Misericordiam fecit nobiscum.» Tornando a dizer por linguagem: «Gram misericordia fez Deus comvosco.»

Depois declarou que cousa era Misericordia e Piedade, e como misericordia procedia por naturaes direitos, a qual era relevar homem seus proximos de miseria que padecem, e como toda perfeição da religião christã está em misericordia e piedade.

E entonce tratou do que movera a el-rei de Castella leixar seus grandes e poderosos reinos, contra o grão juramento dos tratos que prometera, e vir não

dignamente occupar o reino que lhe ainda o direito não concedia; dizendo que esto fizera uma não discreta cobiça, com deleitação de se assenhorear, desahi mau conselho d'alguns seus privados, com os quaes, depois de grandes trabalhos e mortes de muitos, ficaram sem nenhum fruito.

«Parae mentes e abri os olhos de vossos corações, disse elle, esguardae como vieram dias em estes reinos, e especialmente sobre esta cidade, em que seus inimigos a cercaram e pozeram em grande angustia, e por nossos pecados Portugal contra Portugal peleja, ficando tão pouco parte d'elle, que quasi nú e desamparado parece de todo, assim que toda a maldade em este tempo de grandes trevas, em umas e nas outras teve e tem corrupta intenção.»

E entonce fallou por claros exemplos da grande cidade de Samaria, que cercou Benadad, rei da Syria, no tempo do propheta Eliseu, sobre a qual, tendo seu cerco, foi a fome tão grande em ella, que davam uma cabeça d'um asno por oitenta reaes de prata, e um pouco de esterco de pombos para salgar vianda valia cincoenta, de guisa que, com tão grande fome, comiam os filhos, da qual mingua e pressa el-rei foi posto em tão grande coita, que rompeu suas vestiduras e pareceu o silicio, de que andava vestido, a cram da carne, e postos de todo em desesperação, se amerceára o Senhor Deus d'elles, dando tal espanto no seu arraial, que lhes parecia que grande hoste de gentes os perseguia, de guisa que fugiram todos sem curando de levar cousa alguma.

Contou da cidade de Jerusalem como fôra cercada por Senacherib, rei da Syria, sendo entonce Eze-

chias rei d'ella, e como tendo-a assim cercada, querendo-se Deus amercear d'ella, ferira o anjo de Deus uma morte ao arraial, e matára cento e oitenta e cinco mil d'elles, e fugira el-rei sómente com dez homens com grão temor e espanto que houve.

Disse mais do principe Olofernes como cercára a cidade de Betulia, e como lhe britou os canos das aguas que vinham de dentro á cidade, e lhe tolheu o logramento de umas fontinhas que eram acerca d'ella, de guisa que com grão mingua d'agua, começaram de se queixar uns contra outros, dizendo que melhor fôra servir a Olofernes que morrer assim de sêde, e que sendo assim n'esta pressa, ordenára Deus que sahisse fóra da cidade a santa mulher Judic, sob fingimento, que a visse Olofernes e a cobiçasse, e fôra assim que a vira e a cobiçára, e sendo-lhe levada á sua tenda se lançou elle farto de vinho e adormeceu primeiro, e ella cortou-lhe a cabeça com sua espada e tornou-se pera a cidade, e o outro dia achando os do arraial a seu senhor morto, e sendo mui torvados, começaram de fugir, e assim foi descercada a cidade. E tornando elle a comparar por modo a carestia e a fome de Lisboa e as outras minguas e padecimentos como a cidade de Samaria, e isso mesmo das outras cidades, e a grande misericordia que Deus fizera com ella em os livrar d'aquella maneira, taes similhantes comparações eram ouvidas com grandes choros e soluços, espargimento de muitas lagrimas, de guisa que parecia grão pranto feito por algum senhor, alçando todos as mãos ao ceu, e dando muitas graças ao Senhor Deus, que tão grande misericordia quizera fazer com elles.

— «Ora, disse elle, segundo esta cidade estava

attribulada e ardendo a fogo de sua gran tribulação na força de sua maior quentura, que era aficamento de grande cerco e sofrença de muita fome, o apagou Deus, porque seu apartamento não prestava cousa alguma que fazer podesseis contra o poderio de el-rei de Castella, não valiam missas nem prestavam orações que devotas pessoas podessem fazer, bradando a Deus que se amerceasse de nós e quizesse livrar esta cidade de poder de seus inimigos; de guisa que parecia que o Senhor Deus cerrava suas orelhas de nos ouvir e tornava sua face de nos querer livrar.

— «E nós assim postos na postrimeira parte de tamanha lastima e angustia, disse o mui alto rei Celestial, Padre dos grandes e Deus de toda a consolação no consistorio de sua sabedoria: Tempo é que hajamos compaixão da cidade attribulada, e não leixemos mais padecer como se dissesse:

— «Oh! cidade de Lisboa, ouvida é tua oração, e porque te amei, quero-te livrar, havendo de ti grão dó, e a astucia e mão forte e tua fiuza d'aqui em deante em mim será, mas por quanto aquelle grão rei de Castella era endurado em seu coração, a não descercar esta cidade, por cousa que havir podesse, até que a por fome ou força d'armas podesse tomar, não quiz Deus com elle ter outro geito por mostrar seu grande poderio, salvo aquelle que teve com el-rei de Pharaó, a que mandou por muitas vezes, que leixasse ir santificar a seu povo ao deserto, que pero o percudisse com grandes e estranhas pragas, nunca o quiz leixar de todo, até que o Deus tangeu com a decima praga, matando-lhe todos os primogenitos filhos, desde o filho do maior senhor do Egypto até o filho da mais pequena serva, que

havia entre elles, e dos filhos de Israel nenhum por entonce morria.

— «Assim o Senhor Deus começou de tanger de pestelença el-rei de Castella, ante que a esta cidade chegasse, que era signal e amoestamento que lhe não prazia de vir a ella, e elle por isso não leixou de vir. E depois que a teve cercada lhe começaram morrer alguns dos seus, assim da gente de bom estado, como d'outros de pequena condição.

«Des-ahi crescendo a mortandade, começaram a morrer dos fidalgos e senhores, que eram seus primogenitos, tanta multidão trigosamente, como todos bem sabeis. E elle por todo esto tinha sua vontade firme de a não descercar com quantos conselhos lhe davam sobre ello, até que Deus percudiu no seu primogenito filho que mais amava, que foi a rainha sua mulher, em a qual duas pestelenciaes postemas nasceram, e entonce seu duro coração com espanto da triste morte, se partio e descercou esta cidade, da qual cousa Deus comvosco fez mui grande mesiricordia, e não embargando que o Deus tangeu com aquella graça pestelencial, como vistes, ainda elle vae com tenção de tornar a este reino, pelo destruir e o sugigar, e acontecer-lhe ha em sua tornada, aquello que aconteceu a Pharaó com o povo de Israel, que depois que os leixou ir pera o deserto, foi depois elles com mui grande hoste, e cuidando de os perseguir e matar, foram mortos e destruidos quantos comsigo levava, e elle não cumpriu seu desejo; assim ha de acontecer a el-rei de Castella, que se elle tornar a este reino com a intenção que leva, Deus lhe matará tantos dos seus primogenitos, que são os grandes e honrados de seu reino, com quem britou a verdade que prometida

tinha, que nunca mais haverá vontade de tornar a esta terra. E elle põe sua esperança em multidões de muita gente, pera nos destruir sem por que, e nós esperamos em um só Deus, que nos livrará de suas mãos. O qual nos leixou padecer tantas pressas e tribulações, como vistes, por termos razão de o mais amar, quando nos d'ellas livrasse com boa fiuza.

«Ergo leixemos fazer ao Senhor Deus, que todas as cousas obra em bem, segundo sua mercê, e as quaes se faziam por seu justo juizo, como elle quer, a nós muito escondido.

«Ca d'outra guisa querer homem esto adivinhar, como e porque se esto assim faz, não é outra cousa senão dar guerra e cansar ao entendimento. Confessemos pois assim é, que somos dignos do que nos havemos por nossos peccados, e cheguemo-nos a Deus por pendoenças, e cantemos ao Senhor Deus cantar novo, assim como cantaram os judeus quando viram o que Deus fizera com elles, matando seus inimigos ante seus olhos; e digamos todos puramente e de vontade:

«Bento sejas tu, mui alto Deus principe dos reis da terra, doce solar dos atribulados, e muitas graças te damos, que nos quizeste ouvir, e do favo da tua doçura destilaste sobre nós a tão grande misericordia, abreviando os dias de nossa tribulação, que não fossem mais porlongados, que se mais tempo duraram, fôra grande duvida de o podermos suportar.

A ti bem digam e louvem todas as creaturas, e nós louvemos, e benzamos o teu santo nome pera sempre sem fim. Amem.

E estas e outras muitas razões, disse aquelle

frade em sua prégação, com que o povo muito chorava, alçando todos as mãos ao ceu, e dando muitas graças ao mui alto Deus, que os assim desabafara do poder de seus inimigos. E acabada a prégação, disseram missa mui solemnemente, e tornou a procissão á Sé com o corpo de Deus, assim como antes partira, todos com grande devoção, e muito consolados.

CAPITULO CLII

Como Nuno Alvares passou a Lisboa por fallar com o Mestre.

Soube Nuno Alvares, que estava em Palmella, como se alevantára el-rei do cerco e estava em Santarem, e prougue-lhe muito com taes novas, e foi certificado que elle fizera alardo de pouca gente não bem corregida pera repartir por suas fronteiras, e como homem mui sagaz e em toda cousa ardido, Nuno Alvares soube d'esto parte, e como haviam de vir com el-rei de Castella muitos mortos e doentes dos de sua companhia, entendendo que iriam a longe pelo caminho não bem cautelados; com grande e esforçado coração poz de todo em sua vontade de lhe ir sair deante, e com ajuda de Deus pelejar com elle e desbaratal-o com toda sua gente. E dizem aqui alguns, comtando em breve historia, que mandou pera ello pedir licença ao Mestre, e que elle lhe respondeu que lhe aprazia d'ello muito, e que lhe rogava que o aguardasse,

porque queria ser com elle em tal obra. E que por se esta cousa poer em trespasso, e o Mestre não ir ao tempo que compria, el-rei de Castella se foi seu caminho sem torva que de nenhum houvesse, de que Nuno Alvares muito pezou, e da licença que pedir mandára. Mas um outro compilador d'estes feitos, de cujos garfos por mais largo estylo enxertamos n'esta obra, segundo que cumpre, reconta isto por esta maneira:

Diz que Nuno Alvares estando em Palmella, sabendo novas, que já dissemos, que el-rei ia com grande desejo de poderosamente tornar ao reino pera o sugigar por força de guerra, ordenou de vir fallar ao Mestre, assim sobre a peleja que entendia de haver com el-rei de Castella, como d'outras cousas que muito cumpriam a seu serviço, não embargando que ainda a frota jouvesse toda sobre a cidade, assim como ante jazia. E por esta razão se veiu ao cabo do Montijo, que é em Ribatejo duas leguas da cidade, onde já tinha um batel prestes em que passasse. E quando houve de entrar no batel, um seu escudeiro de que muito fiava, chamado por nome Vasco Martins do Outeiro, fallou a Nuno Alvares a de parte, e disse:

« — Nuno Alvares, eu vos peço por mercê que não queiraes entrar em esse batel, nem fazer tal viagem pera além, ca eu vos digo que sonhava esta noite comvosco em este batel, que vos tomavam as galés de Castella, e a todos nós outros, que comvosco iamos, da qual cousa eu tomava nojo, que me queria matar quando via tal perda. E porém parece-me que é bem que escuseis esta ida por hora.

Nuno Alvares quando esto ouviu, respondeu mui manso e disse:

« — Amigo meu, eu vos agradeço vosso bom conselho, mas esta cousa Deus a fará melhor do vós dizeis, e pera vós não verdes esto que assim sonhastes, eu vos mando que fiqueis e não vades commigo, e por esta guisa vós não vereis vosso sonho cumprido, nem prazerá a Deus que seja assim.»

O escudeiro não embargando esto, disse que queria ir todavia com elle. E Nuno Alvaro não o quiz consentir, e assim ficou muito contra sua vontade.

E Nuno Alvares, desprezando todo o sonho e agouro vão, não mudava tenção do que proposto tinha, e entrou no batel com alguns seus, a horas de meia noite. E posto que se desviar podera, quiz atravessar por a frota, que jazia ante a cidade, e como foi entre ella, mandou logo dar ás trombetas.

Os das naus, quando esto viram, começaram de se alvoraçar, bradando todos: Armas, armas; e uns saltavam aos bateis, e outros vinham á borda, não sabendo que era aquello.

Porém alguns das naus perguntaram aos do batel quem ia alli.

E foi-lhe respondido que era Nuno Alvares; e vendo que lhe não podiam empecer, cessaram de começar nenhuma cousa contra elle. E foi esto no derradeiro dia do mez de Setembro.

CAPITULO CLIII

Como Nuno Alvares fallou ao Mestre e das razões que ambos houveram.

Chegou Nuno Alvares a terra ante manhã, e os que o assim viram, houveram grande prazer com sua vinda, e trouveram-lhe uma mula, em que cavalgou, e seu pagem atraz d'elle com a espada d'armas, que lhe enviára de gajas Pero Sarmento, quando houvera de vir á batalha com elle em Evora, e os seus todos de pé ao redor d'elle e muitos outros que o acompanhavam, e foi-se logo ao mosteiro de S. Domingos ouvir missa em Santa Maria da Escada, em que havia grão devoção, e como acabou de ouvir missa, foi-se direitamente aos paços onde o Mestre pouzava, o qual sabendo já parte como elle viera, fazia-se prestes pera o receber.

Em esto disseram-lhe como vinha Nuno Alvares, e o Mestre desceu ás portas d'um grande e espaçoso curral, que se fazia ante ellas, e quando o viu houve com elle grande prazer, e enviou-se rijo a elle abraçando-o, e não sómente o Mestre mas os seus com os de Nuno Alvares se abraçaram e beijaram nas faces, que pareciam que se não podiam fartar uns nos outros. Nuno Alvares se fincou em giolhos ante elle, por lhe beijar as mãos, e o Mestre não o quiz consentir, e elle estando em giolhos ante elle trabalhava por lh'as beijar, e o Mestre fel-o levantar, di-

zendo não era tal como elle pera lhe dar a beijar as mãos, mas pera lhe fazer muitas mercês e acrescentamentos. — «Maiormente, disse o Mestre, a tal como eu, que jouve aqui encerrado em este curral, sem fazer bem nenhum.»

A aquello respondeu Nuno Alvares tão boas e mesuradas palavras, que a muitos dos que ahi estavam, vendo tão animosa contenda, nasciam lagrimas nos olhos, com prazer, que lhe corriam pelas faces.

Em fim de suas razões, Nuno Alvares nunca se quiz alevantar até que o Mestre consentiu de lhe beijar as mãos, e entonce se levantou e foram-se ambos pera a camara, onde fallaram por alguns dias que hi esteve muitas cousas no proveito da guerra em que eram postos, e esperavam de ser; entre as quaes Nuno Alvares disse ao Mestre que elle fôra certificado por Pedro Eanes Lobato, que a elle enviára com recado da tomada de Monsaraz, que fallando com alguns fidalgos, dos que comsigo tinha, que a muitos d'elles entendera, que não eram fieis em seu serviço, e que porém lhe parecia que era bem que houvesse com elles que lhe fizessem todos menagem e o recebessem por senhor, assim aquelles que o recebido tinham, como os fidalgos e cavalleiros de entre Douro e Minho, que ficassem por seus vassallos pera o servir na guerra que esperavam, porque depois que se cada um fosse pera suas casas sem fazendo isto primeiro, que não seria tão seguro d'elles nem os teria assim obrigados, nem prestes pera seus serviços, e que esta fôra a principal cousa porque se demovera a lhe vir fallar, o qual lhe pedia por mercê que encaminhasse como fosse feito.

E o Mestre houve esto por bom conselho, e ordenou como se pozesse em obra.

E aos dois dias do mez de outubro foram todos os fidalgos e gentes da cidade juntos no mosteiro de S. Domingos, aos quaes o Mestre propoz dizendo:

— «Que bem sabiam como sendo elle prestes pera se partir do reino, por certas razões, que todos eram em consentimento, por aficados rogos e preces dos moradores da cidade, e isso mesmo de alguns fidalgos que presentes eram, tomára cargo de regedor e defensor d'estes reinos, por cuja defensão e emparamento elle soffrera e entendia supportar quaesquer cajões e trabalhos que lhe avir podessem, até aventurar-se por ello á morte. E que segundo elles viam a disposição em que o reino estava, e a intenção com que el-rei de Castella ia, que muito maiores trabalhos lhe eram presentes pera soffrer que os passados até entonces tinham, que por cobrar os logares que por Castella estavam e mais defender os que tinham sua voz, não se podia fazer senão sendo todos de um accordo e de uma vontade, de lhe ordenar d'onde se podessem haver despezas pera o supportamento de taes encargos.

E portanto ordenára, emquanto estavam todos juntos, de fallarem sobre estas cousas, que bem viam elles que o reino era acerca de partir, e que não eram postos em nenhum cuidado de o cobrar que quando fôra filhado aos mouros, porém fallassem sobre estas cousas, como se melhor poderiam fazer; ca em todo bom accordo que elles ordenassem elle era prestes de consentir.

CAPITULO CLIV

Como os fidalgos e povos fizeram menagens ao Mestre, e dos privilegios que deu á cidade.

FALLADAS muitas e desvairadas cousas, assim pelos fidalgos como todo o povo, e posto ante seus olhos o mal e o bem, que de taes feitos haver podia, depois de largos resoados, que leixar queremos por não deter, sua postrimeira conclusão foi esta: que não embargando que todos os da cidade e alguns fidalgos dos que eram presentes e tivessem já recebido o Mestre por senhor, assim fidalgos como cidadãos, lhe fizessem menagem como a regedor e defensor dos reinos de Portugal e do Algarve, e que o servissem e ajudassem com os corpos e haveres que cada um havia, pois viam que estavam em tempo de haver mister. E mais que fossem chamados aquelles concelhos que por Portugal mantinham voz, e todos em Coimbra, com os fidalgos e prelados que hi fossem juntos, fallassem sobre o provimento da guerra, e d'onde se podiam haver as despezas pera ella necessarias.

E isto assim determinado veiu aos seis dias do mez de outubro da era presente, já nomeada de quatrocentos e vinte e dois, foram juntos no paço d'el-rei, onde o Mestre pouzava, o conde D. Gonçalo e D. Frei Alvaro Gonçalves, priol do Esprital, e Nuno Alvares Pereira e Diogo Lopes Pacheco e outros senhores com todos os fidalgos, assim cavalleiros como escudeiros, e todos moradores da cidade e de

outros logares, que a tal feito cumpriam de estar. Os quaes juntamente, e cada um por si, juraram aos Santos Evangelhos, corporalmente tangidos, e fizeram preito e menagem ao Mestre, como a seu senhor, de o servir e o ajudar com todas suas forças assim contra el-rei de Castella, como contra qualquer outro que lhe algum nojo fazer quizesse, e lhe beijaram a mão por senhor d'elles do coração e obra, outros fingidos e não de vontade, como se depois mostrou, e elle prometteu e jurou de guardar todos os seus privilegios e liberdades, que havia de manter o reino em direito e justiça.

Tanto que esto foi acabado viu o senhor Mestre, como os moradores da cidade mostravam tal desejo de o servir, que maior ser não podia, despondo-se em toda guisa a levar este feito ávante, não embargando o cerco e fome em que foram postos, e des-ahi a destruição dos bens que tinham passado, e esperavam de receber até despoer os corpos á morte, por serviço seu, e honra do reino.

Como nobre senhor, de real coração, e que não sómente abundava largueza de grandes dões, mas ainda se podia d'elle bem dizer que era corrente rio de limpa e virtuosa grandeza, com firme proposito, sem fazer tardança, poz logo em sua vontade de regar os corações d'elles das mais doces aguas dos agradecimentos, e chamou esses do seu conselho, assim como o conde D. Gonçalo, e D. Frei Alvaro Gonçalves, priol do Esprital, e D. Lourenço, arcebispo de Braga, e D. João, bispo de Lisboa, e D. Payo de Meira, bispo de Silves, e Nuno Alvares Pereira e Diogo Lopes, senhor de Ferreira, e o doutor João das Regras e outros assaz que aqui não dizemos. E propoz ante elles, e disse que bem

sabia como a cidade de Lisboa era a melhor e maior que no reino havia; e como ella fôra a primeira que tomara voz e esforço pera defender estes reinos da sujeição em que os el-rei de Castella quizera metter sem teudo razão de todo sogigar a elle, fazendo muito por ser assim, na qual sugeição os de Lisboa nunca consentir quizeram, e o tomaram por defensor e regedor d'elles, assim como outras villas e logares do reino, depois, por seu azo fizeram similhantemente.

Des-ahi como ella por esta razão fôra cercada por mar e por terra, como todos viram no qual cerco, que assim houveram, perderam muitos dos bens que haviam e espargeram muito do seu sangue, por cujo defendimento, com a graça do mui alto Deus o reino ficava em parte livre e fóra de tal sujeição, na qual ficára se elles e ella quizeram consentir. Além d'isso que elle esguardava as grandes despezas que até alli fizeram e lhes convinha fazer, por honra de seu estado e exalçamento do reino, e que lhe prazia que aquelles que tamanha demanda quizeram levar adeante, como era defender a terra do grande poder de seus inimigos, que lhes convinha supportar seus perigos e trabalhos, que adur se podiam galardoar com mercês, porém por galardão de tal façanha, e por ficar memoria para sempre a aquelles que depois viessem, elle tinha cuidado de dar privilegios e fazer mercês á dita cidade, em recompensa d'estes tão grandes serviços; os quaes posto que em egualação não fossem do que ella merecia, que ao menos seu desejo era de a fazer franca e livre de sacarias de alguns direitos de pequena condição, que os reis em ella e em seu serviço e costume até aquelle tempo haviam, de guisa que to-

dos vivessem sem refezes sujeições, uzando livre mente do que houvessem.

E ditos por elle quaes eram, não foi tal que o contradissese, mas cada um dizia que era muito pouco em comparação de tão assignalados serviços, quaes eram os que ella fazia e continuava de fazer, razoando sobre tal feito muitas cousas e dizendo que posto que outras cidades e villas do reino mantivessem sua voz e tenção, ca todo era em esforço e favor de Lisboa, tendo mentes que como ella fizesse assim fariam todos; em tanto que honra e perda do reino em ella sómente estava de todo. A qual cousa era muito de notar, louvando todos a grande bondade do Mestre por tão virtuosa tenção, acerca d'esto ter cuidado, dizendo que Deus lhe encaminharia depois seus feitos, com tanta sua honra e exalçamento de seu estado, que elle lhe agalardoaria cada vez melhor, com abundancia de largas mercês.

Entonce lhe quitou estes costumes e direitos, que haviam em uzança de pagar, s. relego, lugadas de pão e de vinho, mordomado e anadavas, açougagem, selario, mealharia, londos e alcavalla. E mais lhe fez mercê dos passos em que tiravam taes direitos, assim como do trigo que está sob a portagem, e que em outro tempo fora carneçarias, e do passo das fangas da farinha, e do passo onde os carniceiros hora cortam a carne, e mais lhe deu dezaseis tendas, que eram des o Arco das Mercearias, até á Porta das Carnaçarias, s. oito d'uma parte, e oito da outra, as quaes mandou que se derribassem por a praça da cidade ser mais formosa.

Deu-lhe mais dois tabelliados, que havia em Oeiras, e no Reguengo de Ribamar, por não haver ou-

tros tabelliães no termo, e não sómente lhe tirar este costume e direitos, mas ainda deu mais outros, e privilegios a todos os visinhos da cidade e de seu termo, que entonce eram e ao deante fossem, que não pagassem em todos os logares do senhorio de Portugal e do Algarve portagem, nem uzagem, nem costumagem, nem outro nenhum direito nem tributo de todas as mercadorias que levassem pera cada um logar dos ditos reinos, ou que trouxessem d'outros logares pera a dita cidade, assim pera seus mantimentos, como pera vender.

E d'esto lhe mandou fazer escripturas, as mais fortes que poderam, com que os da cidade foram mui contentes, e elle cobrou grão louvor e fama.

Os quaes lhe pediam por mercê, que mandasse logo derribar o castello d'essa cidade.

Sendo outhorgado por elle, foi derribado em terra, sem outra tardança.

E em esse dia fallou Nuno Alvares ao Mestre, como sua firme vontade era, quando el-rei de Castella partisse de Santarem sair-lhe ao caminho a Chão do Couce, e uma manhã vir dar sobre elle, e que entendia, com ajuda de Deus, de o desbaratar, e que lhe pedia por mercê que lhe desse licença pera esto, dizendo que se elles haviam de pelejar com elles á vinda com muitas gentes, e bem corregidas, que melhor pelejariam entonces com poucas companhas, e mal ordenadas.

O Mestre entonce respondeu que lhe prazia muito, e que pera tal obra elle queria ser seu companheiro, e que porém se tornasse elle pera Palmella, e que o aguardasse alli; e que se passaria além com os mais que podesse, e d'alli partiram a ir buscar

el-rei e pelejar com elle, tornando-se entonce Nuno Alvares da guisa que viera no batel.

E aguardando o Mestre pera esto que dizemos, partiu el-rei entonce mais cedo do que elles cuidavam, mas sabendo porém d'este ordenado, Nuno Alvares foi-se pera Evora, onde folgue um pouco, até que vá tomar Portel.

Nós iremos emtanto poer el-rei de Castella fóra do reino.

CAPITULO CLV

Como el-rei de Castella chegou a Santarem e ordenou alcaides em alguns logares.

Partiu el-rei de Torres Vedras, chegou a Santarem com sua mulher, a qual ia em umas andas, ainda de redea.

Alli começou de ordenar como ficassem seguros e defensos os logares que mantinham sua voz, e uma segunda feira fez alarde em Valada por vêr que gentes tinha pera partir, assim as que ficassem em cada um logar, como as que havia de levar comsigo.

Em o alarde foi bem pouca gente e mal corrigida, como homens que vinham de sobre cerco, e os mais d'elles morreram os senhores com que viviam. E tirou el-rei em Santarem de alcaide Lopo Fernandes Padilha, por o levar comsigo, e leixou na villa por fronteiro Diogo Gomes Sarmento, seu irmão, e na Alcaçova mandou que ficasse Gonçalo Pires de Valderavanos e com elles oitenta lanças e

trezentos bésteiros. Em Cintra leixou o conde D. Anrique Manuel, e em Torres Vedras um cavalleiro de Castella, que diziam João Duque, e em Alemquer Vasco Pires de Camões, e em Obidos João Gonçalves Teixeira, e em Leiria Garcia Rodrigues, meirinho-mór que fôra d'el-rei D. Fernando, e em Torres Novas Pero Lopes de Texeda, natural de Castella, e commendador de Santiago, por levar comsigo Gonçalo Vasques d'Azevedo, que fez um bom jogo, que n'este capitulo contaremos. E em Penela e em Miranda leixou o conde de Vianna, e isso mesmo nos outros logares leixou aquelles que os tinham, segundo tratamos, onde cumpria outros, alguns em seu logar, assim como o priol D. Pedro Alvares, que se foi entonces com el rei, e nas fortalezas de seu priolado leixou certos que as aguardassem; e Gonçalo Eanes em Castello de Vide, e em Villa Viçosa Vasco Porcalho, commendador da Ordem de Aviz, e em Portel Fernão Gonçalves de Sousa, em Monforte Martim Eanes da Barbuda, e em Campo Maior e Ouguella Paio Rodrigues Marinho, e em Olivença Pero Rodrigues da Fonseca e em Moura Alvaro Gonçalves, e em Mertola Fernão d'Antes, commendador-mór da Silva, e em Ponte de Lima Lopo Gomes de Lira, e em Braga João Lourenço Bubal, e assim outros alcaides nos logares que tinha. E tambem n'estes como nos outros e em todos ficaram gentes de escudeiros e bésteiros e homens de pé, aquelles que el-rei viu que pera cada um cumpria. E fallando aos alcaides, que fallar pôde, a outros escreveu, que se tivessem firmes e defendessem tambem suas fortalezas, ca elle Deus aprazendo, entendia de tornar mui cedo, e esguardaria todos com grandes galardões e mercês.

E dizem que tão minguado foi alli el-rei de dinheiro pera pagar o soldo ás gentes que leixava, que antes mandou desfazer sua grande baixella de ouro e prata que trazia, e cortavam-n'a á thesoura e davam-n'a em marcos a cada um.

Ora em este logar deveis saber que, posto que alguns culpassem Gonçalo Vasques d'Azevedo, que elle fôra em conselho e em azo de darem Santarem a el-rei de Castella, que elle não esteve porém no cerco com elle nem se tremeteu mais de seus feitos, sobre estar sempre em Torres Novas, não determinando qual porte teria até vêr o fim de tamanho negocio.

Mas outros rezoam isto pelo contrario, dizendo que estando elle em Torres Novas, por suas cartas e mensageiros enviou dizer ao Mestre que lhe perdoasse todo o que passado era, que elle o serviria bem e lealmente contra el-rei de Castella e contra quaesquer outras pessoas, e d'esto lhe enviou firmeza sua por palavra e por escripto, e que ao Mestre prougue d'ello muito, e que deu pera elle e pera suas gentes soldo e dinheiros e em outras joias.

E esta razão parece mais certa, porque Alvaro Gonçalves, filho d'este Gonçalo Vasques, se lançou entonce da parte do Mestre em Lisboa, na frota do Porto, mostrando-lhe o Mestre grande gasalhado e muito boa vontade, até que fugiu com Gonçalo Rodrigues de Souza e foi pera os castellãos. Quando el-rei d'esta vez chegou a Torres Novas, Gonçalo Vasques não o sahiu a receber, nem el-rei não pouzou no castello, e quando viu esto, por entender que lhe não prazia, e pouzando assim na villa, nenhum castellão não entrava dentro, mas á porta lhe vinham fallar quando lhe algum recado queriam di-

zer. E porém el-rei mandava rogar que lhe viesse fallar, sempre se escusava de o fazer, receando-se o que lhe depois aveiu; el-rei tendo d'isso grande sentido, crendo que como elle d'ahi partisse que Gonçalo Vasques logo dava volta e se tornaria da parte do Mestre, cuidando todavia de o levar comsigo, e foi d'esta guisa:

A soltura que os homens dão ás mulheres, que muitas vezes lhe trazem deshonra e perda, encaminhou Ignez Affonso, mulher de Gonçalo Vasques, fosse vêr a rainha D. Beatriz, sua cunhada, e isso mesmo el-rei, e ambos disseram o não bom geito que seu marido mostrava em os servir, de guisa que elle não tinha em elle boa experiencia, dizendo-lhe quantas boas razões tinha pera amar seu bom serviço, e elle de lhe fazer mercês e acrescentamento, as quaes ella por ligeiro siso todas concedeu á sua vontade, promettendo-lhe que ella o reduziria de todo ponto a seu serviço, e quando tornou pera seu marido, começou de lhe prégar todas as razões que lhe el-rei e a rainha disseram, e grande honra e acrescentamento em que tinham em vontade de o poerem, e que porém désse o castello a el-rei e se fosse em sua companhia, e que ella assim lh'o aconselhava, dizendo que a tenção do Mestre era uma abusão sem fundamento, em que alguns nescios de pouco entender cahiam e os sisudos se guardavam d'ello; que pois a rainha renunciára o regimento em poder d'el-rei, des-ahi a rainha D. Beatriz era herdeira do reino, a que nenhum contradizer podia maiormente, sendo já tantos logares por ella em Portugal contra Portugal. E bem mostrava ser todo al vento, como elle muito cedo veria, e o Mestre não havia poder de se amparar ao grande poderio d'el-rei

de Castella, ainda que tivesse vinte tantos dos que tinha. Gonçalo Vasques ouvia bem todo, e não respondia cousa de que ella fosse contente, tendo elle a sua vontade incerta, como alguns outros tinham, quando viram que el-rei tornava pera o seu reino, não acabando porque viera, que era azo de mui grande duvida.

Ignez Affonso vendo que se não podia induzir a seu marido, com formosura de palavras, a dar o castello e se ir com el-rei, ordenou que a hora que elle não tivesse geito de perguntar por ella, se saiu escusamente por a porta da traição, dizendo que a mandava el-rei chamar, e foi-se ao paço pera fallar com elle. Escuzando-se d'ello com algumas razões, enviou-lhe el-rei dizer em resposta que não fazia força quer fosse quer não, que pois elle já tinha sua mulher em poder, ficasse elle com Deus, que elle a levaria comsigo pera Castella. Gonçalo Vasques quando esto ouviu ficou torvado de tal razão e perguntou aas seus por ella, e disseram-lhe da guisa que se fôra, de que ficou mui espantado.

Movido entonce por coração femenino, a que as mulheres chamam mavioso, por lhe não levar a mulher, foi fallar a el-rei, e elle depois que o teve comsigo, mandou a mulher a Evora pera o castello e levou Gonçalo Vasques e Alvaro Gonçalves, seu filho, caminho de Castella.

E partiu de Torres Novas, leixando por guarda do logar Affonso Lopes Texeda, com as gentes que cumpria, e quando a Lisboa chegou recado que el-rei de Castella partira d'aquelle logar pera seu reino, que foi aos quatorze dias do mez de outubro, em este dia mandou o Mestre decepar dois pés e duas mãos, e poer na forca um homem chamado João do

Porto, que fôra escrivão da camara d'el-rei D. Fernando, por cartas que falsara do dito rei, sendo vivo, e isso mesmo do Mestre depois que foi regedor.

E d'ahi a sete, que foram vinte e um dias do mez, se partiu a frota d'el-rei de Castella pela manhã, assim naus como galés, e á vespera tornaram todas por tempo contrario que houveram. E depois aos vinte e oito dias se foram todas sem mais tardar. E a quem diz que esta frota jouve sobre Lisboa, antes que el-rei veiu á batalha, dizei que o sonhou quando esto escreveu.

CAPITULO CLVI

Como el-rei de Castella partiu pera seu reino e da maneira como iam

EMQUANTO el-rei de Castella esteve em Santarem, vieram-se pera irem em sua companhia todos os que alguns senhores tinham mortos, pera os levarem pera suas terras, segundo havemos contado.

E partiram d'Obidos e de Alemquer, e dos outros logares que por Castella estavam, e ajuntaram todos com elle em aquella villa, e quando se el-rei partiu d'aquelle logar, partiram todos com elle, e levaram esta ordenança.

Elles iam todos deante sem mistura d'outra gente d'armas, e cada um levava seu senhor em seu ataude, coberto de dó, posto em cima d'uma azemula, e arredor d'ella todos de pé vestidos de grande luto,

e detraz os de cavallo, que o acompanhavam na vida com a bandeira das suas armas. Logo junto acerca d'elle, e assim, iam todos juntos entre outro, por grande espaço de caminho, a qual procissão era triste e dorida de vêr. El-rei de Castella ia detraz com suas companhas assaz de bem annojado, e desacompanhado dos senhores e fidalgos, que á primeira comsigo levara, segundo pertencia a seu real estado.

Como poderia haver prazer no coração d'el-rei, o qual tantos e tão bons vassallos trouvera comsigo, e assim guarnecidos e ledos pera o servir e ajudar, em tão breve tempo os via levar todos ante si mortos, sem que nenhuma cousa de suas honras fizessem.

Certamente crêde que segundo o grande nojo que entonces el-rei levava, por estas e outras gentes que perdera, e isso mesmo; posto que com elle iam, des-ahi o grande quebramento dos corações que acompanhavam os mortos, e mui pouca gente, que com elle entonce viera, com boa vontade de lhe fazer nojo, que em mui pouco espaço podera cumprir seu desejo.

D'esta guisa, que dizemos, levou el-rei seu caminho até que chegou ao estremo onde cada um tiveram cuidado de levar a enterrar seus senhores, aos logares de onde lhe pertenciam, e el-rei foi-se pera Sevilha, e alli ordenou que D. Pedro Nunes de Godoy, mestre de Calatrava, fosse mestre de Santiago, e que D. Pedro Alvares Pereira, mestre do Esprital, que era ahi com el-rei, fosse mestre de Calatrava, como quer que a muitos desaprougue d'esta mudança que el-rei fez, mas os freires d'esta Ordem fizeram o que lhes el-rei mandou, e o que se

chamava Papa Clemente, com que entonce el-rei tinha, confirmou-lhe estas permudações.

E como D. Pedro Alvares foi feito mestre de Calatrava, fez el-rei logo conde de Barcellos o conde de Maiorcas, e Gonçalo Vasques d'Azevedo adiantado de Castella-a-Velha.

Dizem alguns, que esto começava el-rei de fazer receando-se dos que tinham seu bando fazerem depois mudança, porque sua honra fosse abalada, segundo as cousas qne haver podiam.

E portanto sob fingimento de trigoso galardão, mostrando grão desejo de acrescentar aquelles que sua voz tomavam, quizera logo dar todo Portugal áquellas honradas pessoas de que lhe algum estorvo depois podia nascer, e as honras e dignidades que havia no reino, dal-as a seus naturaes pera segurança de seu estado.

Outro sim porque até aqui nomeamas dois priores do Crato, e não dissemos como isso era, sabei antes que ora al comecemos de dizer, que se chamava d'esta guisa:

Alvaro Gonçalves Camello por seus bons merecimentos, em tempo d'el-rei D. Fernando, foi privilegiado pelo grão mestre da ordem do priorado em Portugal.

El-rei, que maior desejo havia de o haver Pedro Alvares, filho do priol D. Alvaro Gonçalves seu padre, encaminhou comó lhe prouguesse d'ello, o que chamavam Papa Clemente, porque el-rei tinha declarado, dizendo que o grão Mestre tinha com o Papa Urbano sexto, e que não curava dó provimento que fizera a Alvaro Gonçalves, e d'esta guisa houve D. Pedro Alvares o priorado, e o outro ficou seu, e quando o Mestre começou seus boris

feitos, e se Alvaro Gonçalves chegou a elle pera o servir, havendo o Mestre a D. Pedro Alvares por seu inimigo, e este por bom servidor, poz-lhe nome de priol, posto que outro houvesse a renda; e este houve do Mestre grandes mercês, até que depois houve o priorado.

Mas ora leixemos el-rei em Sevilha, como dissemos, juntando suas gentes, e armando frota pera tornar a Portugal, e contemos como Nuno Alvares tomou Portel, e do que se depois haveiu a Lisboa e ao Mestre, até que foi alçado por rei em Coimbra.

CAPITULO CLVII

Como Nuno Alvares cobrou a villa de Portel, por azo d'alguns que dentro moravam.

Entre os logares que voz tinham por Castella, entre Tejo e Odiana, era um d'elles a villa de Portel, da qual era alcaide um grande fidalgo portuguez, que chamavam Fernão Gonçalves de Sousa, casado com D. Thereza Meira, aia que foi da rainha D. Beatriz, que entonce era de Castella, e dizem que por conselho d'esta sua mulher tomou elle voz contra Portugal, e se tornou castellão, como Gonçalo Vasques de Azevedo, e outros, e afóra as gentes que comsigo tinha, estava no logar por fronteiro D. Garcia Alvares, senhor de Villa Garcia, mestre que depois foi de Santiago, com cento e vinte lanças, e outras gentes de cas-

tellãos. E estando assim o logar por Castella, receando-se Fernão Gonçalves dos moradores d'elle, tomou-lhe as armas a todos, e pol-as no castello.

Aveiu um dia, que os de Evora foram correr a Portel e levaram alguns gados e prisioneiros, e Garcia Fernandes saiu a elles com sua gente, e os da villa em sua companhia, e não levaram al senão capas nos braços e pedras nas mãos.

Garcia Fernandes quando aquello viu, houve-os por bons, e disse a Fernão Gonçalves que lhe não parecia razão aquelles homens estarem sem armas d'aquella guisa, ca posto que alguns bem quizessem fazer, não tinham com que, e que parecia mui mal, indo com elles, com capas nos braços e pedras nas mãos.

Assim por estas e outras palavras que lhe sobre ello fallou, se demoveu Fernão Gonçalves a lhe dar as armas.

Em este logar de Portel havia um clerigo de missa, que chamavam João Matheus, e desejava muito que a villa estivesse por Portugal, e tivesse voz pelo Mestre, e pensou em seu coração que esto se poderia fazer bem, havendo chaves contrafeitas pera abrir as portas quando elle quizesse, e tomou cera, pol-a sobre as fechaduras, e foi-se escusamente a Evora, onde Nuno Alvares estava, ao qual fallou da maginação que cuidava e tinha, e como se queria trabalhar de haver chaves feitas pera abrir as portas de noite, e depois que as concertadas tivesse, que lh'o faria saber.

Nuno Alvares lh'o agardeceu muito, como aquelle que havia grande despeito porque estava Portel por Castella, e porque era logar de sua fronteira, e onde elle muito comarcava, disse que se tra-

CAPITULO CLVIII

... o castello a Nuno Alvares, e se ... Gonçalves pera Castella.

... Gonçalves, que no castello estava, como ... nos, era o mais soberboso homem que ... Portel havia, e mui solto em suas palavras, ... em tal obra ficou espantado, entendendo ... do logar azaram aquello, mas não sou- ... que fazer a tal feito.

... todos, e roubado todo quanto acha- ... rou-lhe Nuno Alvares dizer que lhe desse ... castello pera o Mestre seu senhor, senão ... que o combareria logo, e o romperia por ...

... Gonçalves, pero estivesse assaz nojoso, ... de uzar d'aquello que por natureza ti- ... logo em resposta a quem lh'o esto disse: ... Dizei a Nuno Alvares que devia pezar a Deus ... soberba e ameaça, que ainda que o cas- ... de Portel fosse braga de pannos de França, ... tres buracos, não romperia tão azinha, ... elle diz que romperá este castello. Ora vós hi, ... que haverei meu conselho».

... esse dia gente de Nuno Alvares e alguns de ... com elles, depois que cearam, sem ... do nenhum, supitamente sem outra or- ... neçaram de combater o castello, bra- ... ozessem fogo ás portas.

Des-ahi cavalgaram e foram de geito, que antes da manhã bom espaço, chegaram a perto do logar, e sendo a noite assim cerrada, e elles com tal assocego, que os da villa não souberam d'esto parte, alí descavalgaram todos, e se pozeram a pé terra com os bacinetes na cabeça e suas costumadas armas, com as lanças nas mãos, e começaram de andar outra vez, o mais encobertamente que se fazer pode. E os da villa, que d'esto tinham esperto cuidado, como sentiram que eram acerca e viram vir a rolda pelo muro, apupando:

— « Eis a raposa vae, eis a raposa vae; — «que era certo signal entre elles, e depois que a rolda pouzou já longe, começaram elles de cantar e dizer outras razões.

O clerigo João Matheus, que de abrir as portas tinha maior cuidado que de rezar as matinas, foi logo mui passamente a ellas, abriu-as e a gente de Nuno Alvares começando de entrar, alguns castellãos que estavam com as velas, houveram d'elles já quanto sentido, e começaram de bradar, dizendo: — «Armas, armas, Castella, Castella.»

Nuno Alvares, vendo que era descoberto mandou dar ás trombetas.

Garcia Fernandes e todos os seus sentiram a cousa como era, e acolheram-se ao castello, d'elles em camisa e outros mal vestidos o mais á pressa que se fazer pode. E este Garcia Fernandes, quizera Nuno Alvares haver por prisineiro, se tão cedo não fôra descoberto, e cobraram os seus todas as armas e bestas de todos os castellãos, e todo quanto tinham, que não poderam salvar nada.

CAPITULO CLVIII

Como entregaram o castello a Nuno Alvares, e se foi Fernão Gonçalves pera Castella.

Fernão Gonçalves, que no castello estava, como dissemos, era o mais soberboso homem que em Portel havia, e mui solto em suas palavras, e quando viu tal obra ficou espantado, entendendo bem que os do logar azaram aquello, mas não soube remedio que fazer a tal feito.

Assocegados todos, e roubado todo quanto acharam, mandou-lhe Nuno Alvares dizer que lhe desse aquelle castello pera o Mestre seu senhor, senão fosse certo que o combareria logo, e o romperia por tres partes.

Fernão Gonçalves, pero estivesse assaz nojoso, não leixou de uzar d'aquello que por natureza tinha, e deu logo em resposta a quem lh'o esto disse:

—«Dizei a Nuno Alvares que devia pezar a Deus com tanta soberba e ameaça, que ainda que o castello de Portel fosse braga de pannos de França, que tem tres buracos, não romperia tão azinha, como elle diz que romperá este castello. Ora vós hi, e dizei que haverei meu conselho».

E esse dia gente de Nuno Alvares e alguns de Beja, que eram com elles, depois que cearam, sem lh'o mandando nenhum, supitamente sem outra ordenança, começaram de combater o castello, bradando que pozessem fogo ás portas.

Fernão Gonçalves quando viu aquesto disse contra os seus em favor.

—« Vistes nunca mais estranha cousa que esta, que por ter combate Portel?»

E esto dizia elle por a abundancia que dos muitos bons vinhos, que ha em aquelle logar, dando a entender que beberam mais do que lhe cumpria, e por tanto se demoveram a fazer aquello.

Nuno Alvares mandou entonce que não combatessem mais, ca poderiam perecer alguns sem podendo fazer cousa que muito aproveitasse.

Entonce mandou Fernão Gonçalves rogar que lhe prouguesse de fallar á salva fé. Nuno Alvares disse que aprazia, e fallaram ambos á beira do castello, que é contra a porta de Beja, na qual falla Nuno Alvares, por reduzir ao serviço do Mestre a Fernão Gonçalves: que se maravilhava muito de ser tão bom fidalgo e de grande linhagem, des-ahi lidimo portuguez, como era, e além d'esto ser senhor d'aquelle logar e de Villalva e de Villarviva, leixar todo por dar Portel a el-rei de Castella, leixando o certo pelo incerto: que lhe parecia que não houvera bom conselho, porém, não embargando esto, se a elle prouguesse de tomar voz por seu senhor o Mestre, que elle haveria com elle que lhe desse todos os outros logares, e lhe fizesse muitas mercês.

Fernão Gonçalves respondeu e disse que Nosso Senhor sabia bem que rependido era do que tinha feito, mas que já de outra guisa não podia ser senão levar adeante o que começára, mas que lhe rogava que fizesse com elle, e com os castellãos algum preitejamento, que razoado fosse.

Nuno Alvares disse que fallasse elle com D. Garcia Fernandes, e com os outros, e segundo a preitezia que pedissem, assim lhe responderia.

Tornou Fernão Gonçalves pera o seu castello, e logo o outro dia lhe mandou dizer que os leixasse ir em salvo pera Castella, com todo o seu, entregando-lhe o que lhe tomado tinham, e que lhe dariam o castello, comtanto que lhe fizessem juramento.

A Nuno Alvares aprougue d'esto, e fez aquelle juramento que lhe foi requerido, entre os quaes que esto juraram foi Fernão Pereira, seu irmão, que era hi com elle.

Entonce mandou Nuno Alvares entregar a Garcia Fernandes e a Fernão Gonçalves todo o que foi achado que era seu, salvo uma cota e uma espada de D. Garcia Fernandes, que Fernão Pereira escondeu, sem sabendo Nuno Alvares parte.

Esto assim feito, Fernão Gonçalves com suá mulher e com todos outros se fizeram prestes pera se partirem.

Nuno Alvares mandou com elles pera os poerem em salvo em Castella, um bom escudeiro d'Evora, que chamavam Diogo Lopes Lobo. E quando Fernão Gonçalves e sua mulher houveram de partir da villa, pero pouco prazer tivessem, começou a dizer que lhe chamassem as trombetas pera tanger, dizendo a sua mulher:

— «Andae, andae por aqui boa dona, iremos bailando, vós e eu ao som d'estas trombetas, vós por puta velha e eu por vilão, que assim o quizestes vós, ou cantemos d'esta guisa: pois Maria bailou, tome o que ganhou, melhor era Portel e Villa Ruyva que não Cacella e Segura, tome o que ganhou, dona puta velha.»

E esto dizia elle, porque perdia Portel e Villa Ruyva, e davam-lhe em Castella, Cacella e Segura.

Des-ahi esta voz que tomára era fama que sua mulher o demovera que o fizesse.

E estes sabores e outros ia dizendo Fernão Gonçalves, emquanto foi pela villa e pelo arrabalde.

Des-ahi cavalgaram e foram-se caminho de Castella, e Nuno Alvares poz segurança e regimen no logar qual cumpria, e tornou-se a Evora.

CAPITULO CLIX

Do nome de algumas pessoas que ajudaram ao Mestre a defender o reino.

Pois esta obra é compilada, segundo a pouquidade do nosso engenho, a nós parece ser digna cousa e boa, que aquelles que foram companheiros ao Mestre em seus grandes e virtuosos trabalhos, houvessem quinhão de alguma relembrança que sómente ficasse em escripto, ca se o escorregamento dos grandes tempos gasta a fama dos excellentes principes, muito mais alongada edade soterra os nomes das outras pessoas dentro no moimento com elles.

E porque em começo de seus bons feitos, o Mestre houve fidalgos e cidadãos que o bem e lealmente serviram, poendo os corpos e vida por honra do reino, injuria nos parece que seria feita leixal-os cahir em perpetuo esquecimento. Ca assim como este

senhor, de que fallamos, com grande largueza de especiaes dons, galardoou todos sem ficar nenhum, assim deveram os velhos auctores fazer d'elles alguma menção, a qual nos parece que devera ser d'este geito:

Nomear primeiro que fidalgos de linhagem em tempo tão duvidoso se vieram pera o Mestre e ficaram com elle pera o servir; depois os alcaides dos castellos que tiveram voz por Portugal sem fazer mudança: des-ahi os moradores e filhos de cidadãos de Lisboa que andavam em seu serviço. E querendo nós soccorrer a tal mingua e a outras, em que os antigos não cumpriam nosso desejo, achamos que se não póde já inteiramente fazer, que envelhecendo os nomes de taes, morreu a claridade de sua nobreza.

Quem quereis vós que tire, já agora, da escuridão de tantos annos os nomes d'aquelles, que outras testemunhas não teem, salvo esquecimento e cinza que adur póde ser achada? Quem cuidaes que se não enfade de revolver cartorios de podres escripturas, cuja velhice e desfazimento nega o que homem queria saber? Quem achará tantos bitafes antigos que os moimentos em que são escriptos dêem testemunho de quem jaz em elles? E quem contentará vontades alheias em tão devisos de homens, de guisa que a todos apraz ao que dizer queremos?

Certamente é cousa impossivel, porém com trabalho, não copiosamente, por se arremedar como se devera fazer, o processo d'este será mui breve, nomeando alguns fidalgos que com elle ficaram, des-ahi de Lisboa certos cidadãos, pois ella foi madre e cabeça de todos estes feitos, posto que d'elles tenhamos seus nomes em alguns logares d'este livro

postos, que aqui juntamente acharão escriptos aquelles que percalçar podémos. De guisa que como no começo d'esta obra nomeamos fidalgos alguns, que ao conde D. Henrique ajudaram a ganhar a terra aos mouros, assim n'este segundo volume diremos alguns poucos, que ao Mestre foram companheiros em defender o reino de seus inimigos, onde não escrevendo por ordem de fidalguia, mas como a mão quizer mover a penna.

O primeiro n'esta ladainha seja o muito nobre Nuno Alvares Pereira, gloria e louvor de todo seu linhagem, cuja claridade de bem servir, nunca fez eclypse, nem perdeu seu lume. E não sómente ainda Nuno Alvares, mas por breve e solazosa comparação, elle e os da sua companhia devem ser postos primeiro que outros, porque assim como o filho de Deus, depois da morte que tomou por salvar a humanal linhagem, mandou pelo mundo seus apostolos prégar o evangelho a toda a creatura, pela qual razão são postos em começo da ladainha, nomeando primeiro S. Pedro, assim o Mestre se poz a morrer se cumprira, por salvação da terra que seus avós ganharam; enviou Nunes Alvares e seus companheiros a prégar pelo reino o Evangelho portuguez, o qual era que todos cressem e tivessem firme o papa Urbano ser verdadeiro pastor da egreja, fóra de cuja obediencia nenhum salvar se podia, e com isso ter aquella crença que seus padres sempre tiveram de gastar os bens e quanto haviam por defender o reino de seus inimigos, e como por manter esta fé espargeram seu sangue até á morte. A qual prégação Nuno Alvares e os seus fizeram por palavras e obras tão compridamente, que alguns d'elles, como depois vereis, foram mortos por a defender.

E porém leixemos alguns, dos que já dissémos, quando Nuno Alvares partiu de Lisboa, e muitos que seria sobejo de escrever. Estes seguintes avondem por hora s:

Do reino do Algarve, de Tavira e de Farão, Rodrigo Affonso d'Aragão, Vasco Eanes, pae de Vasco Eanes Corte Real, Gonçalo Arraes, Nuno Velho, Pero Affonso d'Ancora, João Fernandes Garganta, Gonçalo Vasques Barão, Payo Pereira. De Loulé e de Silves, Vasco Affonso, alcaide-mór do logar e João Vasques, seu irmão, Gonçalo Gomes Barreto e Lopo Estevens. De Tavira e de Albufeira, Rodrigo Alvares Bouzão, Fernão Pires Banha, Gonçalo Navarro, João Delgado. E de Beja e do Campo d'Ourique, Martim Gomes, commendador-mór de Santiago, Rodrigo Eanes Selandrino, Alvaro Affonso de Negreiros, Vasco Lourenço Monteiro, Gonçalo Nunes, alcaide-mór do logar, Mem d'Affonso de Beja e João Nunes de Brito. De Serpa e da Coutada, Egas Lourenço Raposo, Pero Rodrigues e Lopo Alvares, filhos de Alvaro Gonçalves de Meira, e Lourenço de Arrayolos e João Gomes de Moura, Pero Esteves, pae de Payo Rodrigues, Lopo Soares, Soeiro Alvares d'Elvas, Pero Martins Alcoforado. De Jurumenha e do Alandroal, João Gomes. De Villa Viçosa e de Estremoz, Lourenço Gonçalves, Gonçalo Gonçalves, Affonso Pires do Rego, Lopo Gonçalves Alconena, Fernão Lourenço, Gil Eanes, Gonçalo Eanes Frandino, Mem d'Affonso, Alvaro Martins de Alvarenga. De Evora, Fernão Gonçalves de Arca o velho, João Fernandes, seu filho, Diogo Lopes Lobo, Fernão Lopes Lobo, Martim Lopes Lobo, Estevam Fernandes Lobo, todos quatro irmãos, Rodrigo Affonso Pimentel, James Lourenço, João

Pires, filho da ama, Martim Cotrim, Fernão Martins Brandão, Gomes Martins Cazagal e Affonso Lourenço. Do Vimieiro, João Affonso da Rigueira, João Farto, Martim Vicente Vilha Lobos e Fernão Gonçalves Façanha. De Portalegre e de Montemór, Martim Gonçalves, tio do conde Nuno Gonçalves de Moraes, Lourenço Eanes Azeiteiro, Vasco Gil, que foi corregedor e João Lourenço Carvalho. De Alcacere e de Setubal, Rodrigo Eanes Carvalho e Martim Eanes. Em Lisboa, João Vasques d'Almada, Pedro Eanes Lobato, Vasco Eanes Leitão, filho de Estevam Leitão, neto do mestre de Christo, D. Estevam Gonçalves, Affonso Pires da Charneca, Antão Martins, João Alvares de Faria, Estevam Eanes Berbereta, João Esteves Correia, Lopo Affonso de Agua, Lourenço Affonso, seu irmão, Affonso Dias de Sai Vedra, João Lobato e outros, que contamos em seu logar, os quaes não cumpre serem repetidos, mas podemos mui bem dizer e apropriar, que assim como Nosso Senhor Jesus Christo sobre Pedro fundou a sua egreja, dando-lhe poderio, que aquelle que ligasse e absolvesse na terra seria ligado e absolto nos céos, assim o Mestre, que sobre a vontade e esforço de Nuno Alvares fundou a defensão d'aquella comarca, lhe deu livre e izento poder que elle podesse poer alcaides, e tomar e quitar menagens, e dar bens moveis e de raiz, e pertenças e todas outras cousas, assim que perfeitamente, como o Mestre, e d'ellas uzar poderia. E que aquellas cousas que Nuno Alvares, por suas cartas desse, o Mestre as não desse depois a outrem; e assim se guardava sem poer mais duvida, de guisa que como a dada de Nuno Alvares se mostrava ser feita primeiro, logo o Mestre mandava que se cerrasse

a sua, dizendo que sua mercê era de não ir contra nenhuma doação, que Nuno Alvares fizesse a alguma pessoa, mas confirmal-o e mantel-o em ella.

E assim o fez a Nuno Alvares de Moraes, a que deu os bens de Gonçalo Mendes de Oliveira, que Nuno Rodrigues de Vasconcellos havia em Evora e em Arrayolos, e outros muitos que não cumprem de escrever. E outros honrados discipulos se chegaram depois a Nuno Alvares, pera lhe ajudar a prégar este evangelho portuguez, cuja perseveração foi a elles e a seu linhagem subir a grande honra e acrescentamento, assim como foi o almirante-mór Carlos e Alvaro Pires de Castro, e Martim Affonso de Mello, e Affonso Vasques Correia e Gonçalo Eanes, de Castello de Vide, e outros que não vão escriptos em este livro.

CAPITULO CLX

Dos nomes de alguns fidalgos, assim portuguezes como castellãos.

Por similhavel comparação, podemos em outra parte nomear por valerosos os moradores de Lisboa, e aquelles que com o Mestre estiveram em sua companhia, e esto com justa razão, porque não sómente são fortes e valerosos os que padecem por não adorar os idolos, mas ainda aquelles que dos hereges sismaticos são perseguidos por não desamparar a verdade que tem e

se quer dizer testemunha, bem testemunhas são os de Lisboa, dos que no cerco morreram de suas tribulações e padecimentos, porém ella como cidade viuva de rei, tendo entonce o Mestre por seu defensor e esposo, podemos fazer pergunta, dizendo:

— «Oh! cidade de Lisboa famosa entre as cidades fortes, e esteio, e columna que sustem todo Portugal, quejando é teu esposo, e quaes foram os valerosos que te acompanharam em tua perseguição e dorido cerco?

Ella respondendo póde dizer:

— «Se me perguntaes de que parte descende, de el-rei D. Affonso, o quarto é neto, a altura de seu corpo de boa e razoada grandeza, e composição dos membros em bem ordenada egualdade, com graciosa, e honrada presença de grão coração, e engenhosos feitos, que a minha defensão pertencem e todo meu bem é posto em elle. Os valorosos que o acompanharam foram de duas maneiras:

«Uns vendo a boa intenção e justa querela que eu tinha em defender o reino de seus mortaes inimigos, publicamente foram convertidos e recebendo tal querença em seus corações chegando-se a mim por serde-lhes ajudada, segundo de praça mostravam, mas depois a breves dias, induzidos de todo por espirito de Satanás e mau conselho dos falsos portuguezes, poucos e poucos leixaram seu bom proposito, tornando a fazer seus sacrificios e adorar os idolos em que ante criam. E d'alguns d'elles esto fazerem, sem dando tal fruito, quaes folhas mostravam suas palavras, são tanto de culpar porque eram já enxertos tortos nados, e de azambugeiro bravo, assim como o conde D. Henrique Manuel, o conde D. Pedro Affonso, seu ir-

mão, João Affonso de Beja, Gonçalo Tenreiro, que se chamava depois em Castella mestre de Christos, Affonso Tenreiro seu irmão, Vasco Pires de Camões, Lopo Gomes de Lyra e outros taes, mas aquellas vergonteas direitas, cuja nascença trouxe seu antigo começo de boa e mansa oliveira, portuguezes esforçando-se de coração e arvore que os criou, mudando seu doce fruito em amargoso licor, isto é de doer e chorar, assim como o almirante Mice Lançarote e D. Gonçalo Telles, conde de Neiva, D. João Affonso Tello, conde de Barcellos, o conde de Vianna, filho do conde velho, D. Pedro de Castro, D. Affonso seu irmão, D. Pedro Alvares, priol do Esprital, Diogo Alvares seu irmão, Martim Affonso de Mello, rico homem, Fernão Affonso de Mello, seu filho, Fernão Gonçalo de Sousa, Gonçalo Rodrigues de Sousa, Ayres Gonçalves de Sousa, seu irmão, Gonçalo Vasques d'Azevedo, Alvaro seu filho, Pero Lourenço Bubal, que se chamava arcebispo de Braga, Pero Rodrigues da Fonseca, Gonçalo Eanes da Fonseca, Martim Gonçalves de Ataide, Garcia Rodrigues Taborda, Fernão d'Antes, alcaide de Mertola, que se chamava em Castella mestre de Santiago de Portugal, Vasco d'Antes seu irmão, Alvaro Mendes d'Oliveira, Gonçalo Mendes de Oliveira, Payo Marinho, Gonçalo Marinho, Diogo Botelho, Vasco Botelho, João Rodrigues Portocarreiro, João Vasques Pimentel, Martim Corrêa, que tinha o castello da Feira, Alvaro Gonçalves de Carvalho, Gil Alvares de Carvalho, Fernão Gonçalves de Meira, Vasco Porcalho, João Gonçalves Teixeira, Vasco Gomes d'Abreu, Ruy Vasques Milhão, Vasco Conçalves de Viegra, Vasco Gonçalves de Dormes, Manuel Rodrigues seu irmão, Nu-

no Garcia de Chaves, Pero Mendes, commendador d'Almada, Vasco Madeira, Estevam Eanes de Beja, o moço, Alvaro Fernandes Churrichom, João Martins Doutel, que estando depois com el-rei na batalha se lançou com os castellãos, e assim muitos outros, um grão capitulo. E se algum disse, por todos escusa, que se uns e outros houveram do Mestre bom gasalhado misturado com mercês, que muito queria aos fidalgos corações, os tortos enxertos e vergonteas novas todos deram saboroso fructo, a esto posso bem responder, que tão gracioso gasalhado, nem mais doce companhia ser achada em outro homem de lhe fazer grandes mercês, segundo que cada um era, de sobejo podia ser prasmado, mas de muito pouco, não de guisa que mais parecia que fôra elegido pera largo distribuidor dos bens e terras do reino, que pera ser defensor d'elle. E d'esto serão boas testemunhas os livros dos grandes d'aquelle tempo, se fossem necessario de buscarem, e assim que nenhuma cousa do que pertencia á creação dos fidalgos corações fallaram a todos que não fosse feito, mas os enxertos não quizeram prender, e assim vergonteas mudaram sua natureza como acontece algumas vezes que os bacellos de boa casta tornam-se em outras muito contrarias, sem culpa d'aquelle que os prantou, e porém taes cavalleiros como nomeei não quizer postos em meu calendario, senão fôra as boas promagens que de si lançaram, de que o Mestre meu senhor foi depois bem servido e guardado, e o reino defeso e amparado de seus inimigos e contrarios.

CAPITULO CLXI

De alguns fidalgos e cidadãos que ajudaram ao Mestre a defender o reino.

A outra maneira dos fortes e valorosos, cuja relembrança deve de durar pera sempre, foi aquelles que com limpa intenção, sem dobreza de palavras, estiveram fortes com grande firmeza, não se movendo por nenhumas pessoas nem ameaças do que começado tinham, os quaes se já todos não pódem achar por ficarem em memoria. E posto que se todos achar podessem, fariam tão grão processo, que mais seria de sobejo que de necessario e bem ordenado. Porém estes poucos que aqui são postos, não por ordem da fidalguia, como já dissémos, mas feito d'alguns este pequeno feixe, como se melhor apanhar poderam, fique por si e por todos os outros, s. o mestre de S. Santiago D. Fernão Affonso de Albuquerque, filho bastardo de D. João de Albuquerque, o qual se veiu pera o Mestre e lhe offereceu as terras do mestrado; D. Lourenço Eanes Fogaça, o doutor Gil Docem, o doutor João das Regras, o doutor Martim Affonso, que depois foi arcebispo de Braga, Diogo Lopes Pacheco, que em tempo tão duvidoso se veiu de Castella com seus filhos, João Fernandes, Lopo Fernandes e Fernão Lopes, por se lançarem com o Mestre, João Rodrigues Pereira, filho de Ruy Vasques Pereira, Ruy Pereira, que morreu na frota, Fernão Pereira, irmão de Nuno Alvares

Pereira, Rodrigo Alvares, seu irmão, Gil Vasques da Cunha, Lopo Vasques da Cunha, Martim Rodrigues de Vasconcellos e Ruy Mendes, seu irmão, que leixaram Gonçalo Mendes seu padre, em Coimbra e se vieram pera o Mestre, Lopo Dias de Azevedo, que leixou todos seus bens e se veiu pera o Mestre, pera o servir, João Gomes da Silva, que leixou seu padre em Montemór-o-Velho, onde estava, e se foi ao Porto metter na frota e veiu em ella ao cerco pera o Mestre, João Lourenço da Cunha, que se veiu de Castella pera o Mestre, Alvaro da Cunha, seu filho Alvaro Pires de Castro, Ayres Gonçalves de Figueiredo, João Rodrigues de Sá, Fernão Vasques de Resende, Ruy Freire, Gomes Freire seu irmão, Pero Lourenço de Tavora, Ruy Lourenço seu irmão, João Lourenço de Penella, Vasco Martins de Sá, Sancho Gomes de Avelar, Lourenço Martins de Avelar, Vasco Rodrigues Leitão, Alvaro Leitão seu filho, Fernão Rodrigues de Sequeira, Lopo Vasques de Sequeira, Fernão d'Alvares d'Almeida, Gomes Garcia de Foyos, Rodrigo Eanes de Barbuda, João Rodrigues da Matta, Gil Estevens Doutrim, Pero Fogaça, Pedro Alvares de Pedra Alçalo, Nuno Viegas e Alvaro Vasco de Goes.

Alguns fidalgos cidadãos dos moradores, assim cavalleiros como escudeiros, foram estes que se seguem:

Martim Affonso Valente, Estevam Vasques Filippe, Gil Vasques Farizeu, Affonso Eanes Nogueira, Antão Vasques, Alvaro Paes, Diogo Alvares, seu filho, Gonçalo Pires, que depois regeu a casa do civel, Affonso Furtado Geral, Martim de Lemos, Gomes Martins de Lemos seu filho, Ayres Vasques d'Alvalade, Ruy Carvô, Gonçalo Gonçalves Borges,

Fernão Gonçalves da Ameixoeira, Pedro Affonso do Casal, Vasco Queimado, Affonso Esteves da Azambuja, João Affonso seu filho, que depois foi cardeal, Gonçalo Vasques Carregueiro, João Dias Torrado, Lopo Affonso do Quintal, Estevão Eanes da Gram, Lopo Affonso Donzel, Francisco Domingos de Beja, João da Veiga-o-Velho, Silvestre Esteves, Affonso Esteves seu irmão, Martim Lourenço, padre do doutor Gil Martins, Affonso Lourenço seu irmão, Martim da Veiga, João Pires Canelas, Diogo Affonso, João Affonso seu irmão, Martim Alvares, Esteves Eanes da Barbuda, Affonso Martins de Goruzo, Nuno Fernandes de Chaves, Pedro Affonso do Casal, Martim Gonçalves Rombo, Gonçalo Eanes do Valle, Alvaro Vasques da Veiga, Diogo Gonçalves da Veiga, João Pires da Veiga, Fernão d'Alvares, padre do doutor Ruy Fernandes, Alvaro Lopo das Regras, Affonso Martins do Pão, Ruy Portella, Gonçalo Dias Barroso, Rodrigo Affonso Barreteiro, Esteves Eanes Lobato e Diogo Alvares de Santo Antonio.

Outros muitos teve pelo reino, que sustiveram em uma tenção fielmente, mas dos que se acertaram com o Mestre em seu padecimento, certo foi minha tenção leixar uns poucos em escripto, posto que a memoria de muitos d'elles se haja de perder de todo, mas porque muitas vezes o bom proposito é escorregadiço e de pouca dura, e o justo cada dia cae sete vezes e outras tantas se levanta, e não é maravilha se alguns fidalgos dos que antes nomeei depois de estremados serviços, que ao reino fizeram, cahiram do seu bom estado, partindo-se do que começado tinham por humanal fraqueza e desvairação dos tempos.

Aquelles que foram verdadeiros portuguezes e ao Mestre leaes servidores, assim entonces como depois foram postos em grandes honras e acrescentamentos, como bem se póde escrever, e quem no conto d'estes cavalleiros e esforçados não achar seu padre ou irmão ou algum parente, a que grão bem queira, não doeste porém esta obra com grão trabalho ordenado, a qual a todos não póde comprazer nem contentar, assim como o vento não póde comprazer a desvairados mareantes, mas haja aquella paciencia, que os Santos houveram, que não são postos na ladainha nem na sacral, que se diz em a missa.

CAPITULO CLXII

Dos nomes d'a'guns logares que tiveram voz por Portugal.

LEIXADOS taes cavalleiros e tão valorosos, nomeados, convém outra vez que perguntemos á cidade de Lisboa, dizendo:

— «Oh mui nobre cidade de Lisboa, vida e coração d'este reino, purgada de todas as fezes em o fogo da lealdade, pois que já sabemos alguns cavalleiros dos que por ti padeceram, ora vejamos quaes foram os fieis que te fizeram clara entre as gentes, confessando sempre tua tenção sem desfallecer n'elles tal fé.

E ella respondeu a tal pergunta, podendo dizer d'esta guisa:

Os que confessaram commigo o papa Urbano ser verdadeiro pastor, e o Mestre redemptor e defensor d'estes reinos, foi a boa e leal cidade do Porto que muito trabalhou commigo n'este tão forte negocio, mostrando grandes ajudas e despezas, por manter a verdade que eu defendi. E com ella Coimbra, Evora, Guarda, Vizeu, Lamego e a cidade de Tavira. E des-ahi irmãmente com estas no reino do Algarve, a cidade de Silves, Castromarim, Farão e outros logares d'aquelle reino, Sines, Santiago de Cacem, Mourão, Serpa, Elvas, Monsaraz, Portalegre, Arronches, Fonteira, Portel, Evoramonte, Estremoz, Castello de Vide, Aviz, Montemór-o-Novo, Setubal, Palmella, Almada, Amieira, Certã, Penamacôr, Pinhel, Monsanto, Trancoso, Linhares, Louzã, Celorico, Moncorvo, Miranda, Freixo de Espadacinta, Villa Flôr, Celorico de Basto, Abrantes, Thomar, Soure, Pombal e Alcanede. E assim alguns logares similhantes a estes. E todas as outras me desampararam, umas por fraqueza de coração e d'ellas por não bons portuguezes, outras por força de tormento que supportar não podiam, fazendo alguns de mim escarneo e da tenção que tomava por sahir da sujeição a que nossos inimigos por força obrigar queriam.

E em estas aqui nomeadas foram os meus fieis, que sempre confessaram a voz que eu tinha, sendo minhas companheiras nas pressas e tribulações do reino, me despuz a padecer eu assim viuva e desconsolada, não tendo outro que me amparasse, senão o Mestre meu senhor e esposo, em que era minha grande fiuza e esperança.

Juntaram-se todos na cidade de Coimbra, e alli me receberam com elle de praça, dando-me por rei

e senhor, como depois ouvireis, o qual sempre entendo de servir e amar, e ser muito obediente não sómente a elle mas a todos os que d'elle descenderem, em quaesquer cousas que me sua mercê mandar, e o meu bom desejo poder abranger.»

CAPITULO CLXIII

Da setima edade que começou no tempo do Mestre.

SEGUNDO nosso fallamento, por dar fim ao que começamos, em este passo deveis notar que os que escreveram as deferenças do tempo, assim como Eusebio, de temporibus, e Beda e outros alguns assignaram nomeando seis idades. A primeira de Adão até Noé, que passaram mil e seiscentos e cincoenta e dois annos, na qual se contiveram dez gerações, e perdeu-se toda por diluvio. E a segunda foi de Noé até Abrahão, cujo espaço foi duzentos e noventa e seis annos, na qual se contiveram dez gerações. A terceira de Abrahão até David, em que foram quatorze gerações, e durou novecentos e quarenta annos. A quarta desde David até o trespassamento da Babylonia, em que houve outras quatorze gerações, e durou tres mil setenta e tres annos. A quinta desde David até á vinda do Salvador, que conteve em si quatorze gerações, e foram os annos d'ella quinhentos e noventa e nove. A sexta, em que ora andamos, que ha quatrocentos e quarenta e tres que dura não tendo certidão por

annos na conta de gerações, mas cuidam alguns que terá fim, quando se acabar os segres, a qual dizem que ha de durar seis mil annos, e que já eram passados por esta guisa cinco mil duzentos e noventa e sete. E assim ficam pera se acabar o mundo setecentos e tres annos. Assim que d'outra edade d'esta presente vida nenhum se entremeteu de fallar, salvo quando alguns disseram que assim como Deus criára o mundo por espaço de seis dias e no setimo folgára, que assim a folgança das espirituaes almas que no Paraiso haveriam, seria a setima edade.

Mas taes opiniões bem são de engeitar acerca dos entendidos, que pois Jesus Christo Nosso Senhor no Evangelho diz que do postrimeiro dia nenhum não era sabedor, nem os anjos do ceu, sómente o Padre, taes falamentos pouca parte tem de verdade, mas nós com uzança de fallar, como quem já agora, por comparação, fazemos aqui a setima edade, na qual parece se levantou outro mundo novo e nova geração de gentes, porque filhos de homens de baixa condição, que não cumpre dizer, por seu bom serviço e trabalho, n'este tempo foram feitos cavalleiros, chamando-se logo de novas linhagens e appellidos; e outros se apegaram ás antigas fidalguias, de que já não era memoria.

De guisa que por dignidades humanas e officio do reino, em que os este senhor sendo Mestre e depois que foi rei poz, montaram tanto ao deante em seus descendentes, que hoje em dia se chamam dons, e são teudos em gran conta: assim como o filho de Deus chamou a seus apostolos dizendo que os fazia pescadores dos homens, e assim muitos d'estes que o Mestre accrescentou, pescaram depois

tanto pera si, por seu grande e honroso estado, que taes houve ahi, que traziam comsigo vinte e trinta de cavallo em a guerra que se seguiu e os acompanhavam trezentas e quatrocentas lanças e alguns fidalgos de linhagem.

Assim que esta edade, que dissémos, que se começou no feito do Mestre, a qual pela era de Cesar porque esta chronica é compilada, ha agora setenta annos, que dura e durará até o fim dos segres, ou quanto Deus quizer, que todos creou.

CAPITULO CLXIV

Como o Mestre foi por cobrar Cintra e não póde chegar por azo da muita chuva.

SEGUNDO percalçar podemos, n'estes derradeiros dias pozemos os nomes dos logares que voz por certas pessoas que foram em seu defendimento tinham havido, não por tal memoria dos mortaes trazer comsigo algum espirito de proveito, mas por dar azo dos que isto houveram de seguir aos bons e honrosos feitos que os de seu linhagem ganharam grande e notavel fama. Porque não ha cousa tão certa, nem porque os homens melhor se avezem, d'aquello que aos outros cavalleiros sós pertence esguardar nas obras porque os antigos floresceram ou houveram algum contrario d'outrs guisa d'ellas homem ignorante e assim cego, e noa

que são por vir, e porém não alongando mais tal arrazoado, brevemente deveis saber que com alguns fidalgos e cidadãos dos que nomeámos, e parte d'outra boa gente, começou o Mestre seus grandes e guerreiros trabalhos. E a primeira cousa que se trabalhou de fazer, depois que se el-rei de Castella levantou do cerco assim foi haver os logares derredor da cidade que por Castella tinham voz, e teve falla com alguns de Cintra, onde estava o conde D. Henrique Manuel por fronteiro, que são cinco leguas da cidade, que lhe dessem o castello do logar que é uma grande fortaleza em um alto e fragoso monte, e a villa ao pé d'elle sem nenhuma cerca que a defender possa.

E uma segunda feira, vinte e quatro dias do mez de outubro, que era o dia entre elles devisado, pouco mais de hora de vespera, mandou o Mestre sahir fóra da cidade, a um rocio perto d'ella, que chamavam Santa Barbara, esses poucos de cavallo que hi havia, e outras gentes d'armas e peões, mostrando que queria fazer alardo. E depois que alli foram juntos, apartou d'esses fidalgos assim como o conde D. Gonçalo e o arcebispo D. Lourenço e da outra gente quanta lhe aprougue de levar, e os outros tornaram pera a cidade e d'alli partiu com elles, não sabendo nenhum pera onde elle ia, salvo aquelles que com elle fallaram. E a mór parte d'elles montaram de pé por mingua de bestas que não tinham por azo do cerco em que foram postos.

Em elles indo pelo caminho, não mui longe da cidade, nasceram no ceu umas leves nuvens com escuro emburilhamento, molhando a terra de ligeiros orvalhos, e crescendo mais sua espessura foi assim o ar coberto de seguidão chuvosa, que a noite mos

trou sua grande tristeza antes das horas pertencentes.

Os montes começaram de se lavar com multidão de grossas chuvas. E descendo ás estradas seu trigoso escurecimento dava tanta torva aos armados, que queriam seguir seu caminho, de guisa que dos pobres regatos um adur morava uma pobre raiz se faziam tão grandes ribeiras, que punham espanto de se poderem passar. E sendo cada vez maior a aspereza de tão esquivo inverno parecia que nasciam no ceu novas maneiras de chuvas pera soverter o mundo outra vez com mortal diluvio. Assim que os rios crescendo fóra de mesura e cobrindo as costumadas pontes, adur eram os homens ouzados de passar seu medroso passamento; o Mestre, não embargando esto, seguiu seu caminho passo e passo, que não convinha d'outro geito pelos que iam com elle de pé. E des-ahi esperando que cessasse tal tempo, como foi acontecer e acabar aquello porque iam.

Em este comenos, sendo já as trevas de todo cerradas com infernal escuridão nasceu de subito um pezado som abundoso de grandes ventos misturado com cerração e saraiva, e apertando-se o vento o ceu se toldou todo em relampagos e trovões fóra do arrezoado costume, como se assintemente fossem enviados pera torvar o Mestre da sua ida, em tanto que a guia que os levava perdeu de todo o esmo da terra, que mui notavelmente não sabiam que fazer nem pera onde fossem, sendo já umas quatro leguas da cidade, segundo a manhã depois demonstrou.

D'elles acertavam por aquecimento em casaes, e faziam sahir fóra seus donos, que lhes mostrassem

por onde havíam de ir, e nenhum podia dizer nem amostrar cousa que lhe aproveitar podesse.

Uns topavam com os outros, não vendo caminho nem em que logar eram, e leixando-se estar quedos de tão desmesurada noite, que cumpre sobre esto fazer detença, pois se por escripto dizer não póde.

As trevas eram em tal quantidade que nenhum lume de relampagos leixavam de dar ouzia de vista que prestasse, mas assim como aos mareantes era postrimeira desesperação de gran tormenta parecer nas arcas e cordas das naus lumes e candeias, que é chamado o Corpo Santo, assim em esta danosa noite appareciam taes candeias nas pontas das lanças d'alguns de que eram acerca do Mestre.

Vendo elle entonce tão nojoso aquecimento, fallou áquelles que trazia junto comsigo, e disse esta razão: — «Que pois a Deus prazia de não cessar aquelle mau tempo, em que era cada vez peor, que não fossem mais por deante, mas cada um trabalhasse de se tornar, se entendessem tomar acerca caminho ou por onde melhor podessem.

Onde sabei que estas foram as maiores aguas que os homens nunca viram nem ouviram fallar, e duraram até cerca de manhã, indo-se pouco a pouco começaram, ca a sua abastança foi tanto, que não cabendo pelos canos da serventia da cidade, por onde tem costume de se vazar quando chove, reprezaram no muro em tanta multidão, ca ainda pela porta de S. Vicente dava agua pela metade do postigo, e derribou casas das que eram mais acerca, e derribou a parede da cerca do mosteiro de S. Domingos, e entrou dentro em altura de quatro covados e meio, e alagou as cellas dos frades, que eram entonce terreas, e uma nobre livraria, em que

damnou muitos e mui bons livros, e sahia tão teza pela porta da egreja, que derribava o muro do alpendre onde prégam, e todo o rocio era um grande mar, e alagando muitas casas ao derredor d'elle, e nadavam os toneis do vinho na rua das Esteiras e pela rua Nova, e nadou uma galé nas tercenas, e outras muitas que parecia impossivel de crêr.

O Mestre chegou em outro dia de tarde, desacompanhado de como partira, e contando cada um os aquecimentos que lhe havieram, era saborosa cousa de ouvir.

CAPITULO CLXV

Como o Mestre foi a Almada e cobrou o logar por vontade dos moradores da villa.

ANDADOS quatro dias depois d'esto, ordenou o Mestre de pagar soldo, e foi logo pago d'um mez, e tendo vontade de cobrar Torres Vedras e outros logares que diremos, mandou primeiro João Rodrigues Pacheco, com gente d'armas, bésteiros e homens de pé fazer começo de cerco sobre a villa de Torres Vedras, onde estava João Duque por fronteiro, e tanto que a ella chegou, sahiram a elle a escaramuçar, e João Rodrigues com aquelles que com elle iam por força d'armas o fez recolher pelas portas do logar, e encerrar dentro, a mal seu grado, e d'esta guisa esteve cercada até que o Mestre depois chegou.

Ora assim aveiu, que el-rei de Castella quando quiz partir do cerco de Lisboa, ante que movesse seu arraial, mandou chamar dos moradores d'Almada alguns dos honrados, que hi havia, dizendo que queria tornar a Castella por encaminhar cousas de seu serviço, e que lhe rogava que lhe fossem bons e leaes vassalos, tendo aquella villa por sua, o qual esperava que elles fariam, e que elle teria cuidado de os sempre defender e lhes fazer por ello muitas mercês, mas que poderia ser que por induzimentos d'outros alguns, elles fariam mudanças de suas boas vontades.

Por segurança de tal feito, elle queria que lhe dessem em refens os filhos dos melhores que hi houvesse, pera os mandar na frota a seu reino, ca á tornada, quando viesse, achando que eram bons e leaes servidores, elle teria cuidado de lhe crear os filhos e de os casar e fazer muitas mercês.

Elles que al fazer não podiam, disseram que pois sua mercê era fazer-se d'aquelle geito, que lhes prazia de lh'os darem, e foram em refens todos os filhos e parentes dos melhores que na villa havia, bem até vinte, assim varões como femeas, e eram alguns tão pequenos que não chegavam a quatro annos. E estes moços foram todos dados e entregues na frota ao almirante d'ella.

E alçado el-rei de sobre Lisboa, ficou hi a frota por alguns dias, e quando partiu chegou a Cezimbra, onde roubaram algumas cousas que tomar poderam, e tornando outra vez sobre o porto da cidade, foram-se logo quatro galés direitas a Almada e sahiram fóra muito soutamente, cuidando aquello que era razão que a villa por elles estivesse.

Os do logar que entonce começaram de vindimar, quando viram as galés sahiram em Cacilhas, que é

muito perto, repicaram muito trigosamente, e foram logo á pressa juntos os que se prestes fazer poderam.

Os castellãos andavam já no arrabalde trabalhando por levar d'aquelle vinho que achavam. Os portuguezes começaram de lh'o defender, mettendo-se com elles, ferindo e matando até á ribeira, de guisa que ao recolher das galés, onde muitos castellãos morreram e lhe foi forçado cortar os proizes que tinham em terra, jurando por esto os patrões das galés que lhe matariam os filhos que em refens levavam. Assim se foram sem tornando mais.

Quando o Mestre d'isto soube parte, prougue-lhe muito de taes novas, louvando-os por verdadeiros portuguezes, e houve logo séria falla com elles, de guisa que lhe mandaram dizer que fosse receber o logar, e que lh'o entregariam e tomariam voz por elle, não embargando os filhos que em refens dado tinham, posto que soubessem que lh'os matariam.

O Mestre mandou fazer prestes certas barcas para aquello pertencentes, e havendo só mais de tres dias que as galés partiram de Almada, chegou lá o Mestre e o conde D. Gonçalo com umas duzentas lanças. Os da villa sahiram todos a recebel-os com procissão, e assim foram com elle até o logar, que lhe entregaram com leda vontade, contando-lhe as pressas e tribulações que haviam passado por ter sua voz, e elle prometteu-lhes de lhes fazer mercês.

CAPITULO CLXVI

Como o Mestre partiu d'Almada e foi sobre Alemquer.

O Mestre em Almada, como dissémos, chegou-lhe recado d'alguns d'Alemquer, com que tinha fallado sobre esto, que partisse logo pera o cercar, havendo-o por seu serviço, e que fosse alta manhã se podesse. E logo uma tarde depois da ceia embarcou com aquelles que tinha comsigo, em trinta e cinco entre barcas e bateis, e o arcebispo e Affonso Furtado e outros se foram por terra. E porque o mar começasse de encher, que era grande azo pera ir mais toste, por quanto o vento não era de viagem, toda a noite pozeram até chegar a uma legua, que chamam o Piquete, entre Villa Nova e a Castanheira, uma legua de Alemquer. E alli desembarcaram o Mestre com os que levava, e foi com elles por terra, todos armados, sendo já mui clara manhã, e quando chegaram acerca do logar houveram os da villa vista d'elles, e repicando sahiram logo pela porta ás barreiras.

O Mestre como chegou a uma egreja, que chamam Santo Espirito, que é um chão acerca do rio, que corre ao derredor da villa, recolheu a si sua gente, e des-ahi foi por uma comprida calçada acima e pouzou em um mosteiro de S. Francisco que ahi ha, e des-ahi mandou dizer a Vasco Pires todas as boas razões que entendeu, que se devia demover a lhe dar aquelle logar, cuja final resposta, depois

de longos fallamentos, foi que o não entendia de fazer.

Entonce mandou o Mestre a Lisboa por tiros e por dois engenhos, e foram-lhe levados em barcas até aquelle logar, onde desembarcaram, e d'ahi em bois não poderam mais ir, tomaram os homens cordas pera os levarem por ellas, aonde haviam de ser armados, e não os podiam levar, cansando muito com elles. Fallou entonces o Mestre e disse:

—«Oh! amigos, esforçae-vos por Deus e tirae bem, e lembro-vos vossas mulheres e fazendas, e os filhos e terras d'onde sois naturaes, e trabalhae por deitarmos estes inimigos fóra d'aquelle logar.

E elles se esforçaram com suas boas palavras de tal guisa, que pozeram o arteficio elles cada um no logar onde havia de estar. E haveiu um dia pela manhã que o Mestre e o conde D. Gonçalo e algumas gentes iam vêr uma casa em que o Mestre mandou começar uma cava pera pôr encontros á torre que está á porta de Santa Maria da Varzea, onde chamam a porta do Carvalho. E isso mesmo um engenho que mandava armar em uma porta do logar, e alguns de dentro sahiram pela porta da villa armados e os do Mestre moveram contra elles, entre os quaes ia Ayres Gonçalves de Figueiredo, e os da villa se recolheram a dentro por uma barreira baixa, onde eram bem defesos dos que estavam em cima do muro. E Ayres Gonçalves, como valente homem d'armas, entrou pela porta da barreira a mal seu grado de quantos dentro eram, e chegou acerca da porta da villa, e deu por façanha tres ou quatro vezes com a adaga na parede do muro.

D. Pedro era um homem pequeno, de boas feições, por onde era muito namorado de D. Beatriz de

Castro, mulher que fôra do conde de Maiorcas, que ficára em esta villa, quando el-rei de Castella partiu pera seu reino, e fallando um dia estes fidalgos perante o Mestre das manhas dos homens d'armas, começou Ayres Gonçalves de dar a entender que os homens de pequenos corpos não tinham poder de se egualar com os de maior grandeza: e uns e outros defendendo seu bando, disse Affonso Anriques contra Ayres Gonçalves, que se lhe a elle pouguesse de elle ser seu companheiro em armas, que elle o acharia sempre comsigo, em qualquer bom feito que elle a mão pozesse.

Ayres Gonçalves disse que lhe aprazia muito, e deram-se as mãos sobre tal irmandade, e diziam que todo esto fazia Affonso Anriques por amor de D. Beatriz, cujo namorado era, e quando Ayres Gonçalves entrou pela porta da barreira, como dizemos, ia Affonso Anriques junto com elle, e das muitas pedradas que de cima deitavam, deram uma tal a Affonso Anriques que cahiu em terra e deu alguns tombos. Ayres Gonçalves não podendo soffrer as cousas affastou-se afóra, e d'esta queda foi Affonso Anriques muito prasmado dos seus, dizendo que se queria poer em cajões, que lhe não compriam maiormente com tal como Ayres Gonçalves, que era homem de grão corpo e força qual não havia outro n'aquelle arraial, e que a egualança d'ambos não era convinhavel, e outras taes razões. E elle respondeu, dando a entender que não entendia de deixar o proposto, que começado tinha.

Em isto foram novas mui á pressa onde o Mestre pouzava, como se combatia o logar rijamente, e não era assim. Porém o Mestre se armou e quantos hi estavam e pelo arrabalde, e foram-se caminho da

porta de Soure pera combater d'aquella parte, que era grande espaço d'onde estava o Mestre. E como chegaram, disseram alguns que tal combate não era razoado, a uma por a porta ser muito forte e a outra porque elles eram muito poucos e os da villa muitos mais que elles. E o doutor João das Regras que hi era de mistura, respondeu entonces dizendo estas razões:

—«Oh! amigos meus, essa é a verdade da peleja: que um portuguez não peleja com um castellão, mas com tres e com quatro, quando mister fizer, e portanto não cumpre aqui al, senão combater com vontade, posto que a porta seja forte e as gentes muitas».

E entonce se chegaram e pozeram fogo á porta da barbacan, e por força das muitas pedras que vinham das torres de cima da porta, isso mesmo d'aquella barreira, lhe conveiu de se arredarem sem d'ella arder cousa que prestar podesse, nem lhe fazer outro nojo; posto que ardera e abrira de seu grado, não lhes aproveitára, porque a da villa era muito forte.

Em esto veiu o Mestre da outra parte, d'onde estava onde escaramuçaram. E estes leixaram o que começado tinham, e foram-se todos pera as pouzadas.

CAPITULO CLXVII

Do combate que deram os do arraial aos da villa, em que foi morto Affonso Anriques e outros.

Em esse dia, depois de comer, sahiram os da villa pera desfazer e cortar uma ponte de grossos paus que passava pela cava da barreira, por onde antes provaram de poerem o fogo.

Os do arraial quando aquello viram, quizeram-lh'o embargar que os não cortassem, foi lá muita gente por esto, e os da villa sahiram á barreira por defenderem os seus, e foi lá grande envolta de peleja, de guisa que de escaramuça se começou de fazer combate.

Em esto Affonso Anriques, o moço que estava com o Mestre no mosteiro, ouvindo aquelle grande arruido, pediu-lhe licença pera se armar nas suas armas, pois não estava na sua pouzada, e ao Mestre lhe prougue d'ello e armou-se de umas solhas postas em panno de sirgo verde, porque o Mestre era conhecido quando as vestia, e foi-se logo á porta da barreira, onde começaram de combater, e chegando alli foi mais adeante e deu com a lança na porta da villa, por mostrar ardideza, e as pedras muitas que vinham de cima de sobre as torres da porta, acertou de lhe dar uma que cahiu em terra morto. E os da villa que o viram cahir, conhecendo as armas que eram do Mestre, cuidaram que era elle, e entonces se esforçaram de lançar muitas mais sobre elle, de guisa que o cobriram todo.

Ayres Gonçalves que era presente, quando esto viu, tomou um pavez da barreira, com que se amparou das pedras o melhor que pôde, e por uma pequena parte de perna que lhe parecia, o tirou afóra por força, não embargando as muitas pedras que assim lançavam. E d'esta guisa morreu Affonso Anriques cometendo ardideza, a que não aproveitava, de cuja morte o Mestre mostrou assaz que lhe pezava, porque segundo dava a entender que tinha bom desejo de o servir.

Em este combate deu um virotão a João Affonso, filho de Affonso Esteves da Azambuja, de que morreu esse dia, e foi morto Gil Affonso, creado do Mestre, e outros mortos e feridos. E mais aconteceu entonce que dois bésteiros, um da villa e outro do arraial, tiraram um ao outro e d'aquelle primeiro tiro se atiraram ambos e foram logo mortos. E deram este combate, que se começou como de escarneo e se acabou de verdade, até cerca de sol posto.

CAPITULO CLXVIII

Como o Mestre preitejou com Vasco Pires de Camões, e se alçou de sobre o logar.

Estando o Mestre sobre Alemquer por espaço de dias, chegou ahi o conde D. Pedro, irmão de Affonso Anriques, que alli morreu, o qual ficára no Porto ferido da mão quando a frota houve de partir, segundo contamos em seu logar, e trazia *alguns poucos* comsigo.

O Mestre o recebeu muito bem, e lhe fez bom gazalhado.

Em esto começou a agua de minguar nos da villa, porque uma couraça, que hi havia começada, não era ainda em tal altura que d'ella podessem tomar agua, posto que fosse tempo de inverno, não chovia cousa que aproveitasse.

Vasco Pires sentindo as cavas que lhe faziam e o engenho que armavam pera lhe tirar, des-ahi como o Mestre mandava por almazem a Lisboa, entendeu que tinha vontade de continuar seu cerco. E entonce elle e Gonçalo Tenreiro, seu sogro, mandaram fallar ao Mestre sobre preitezia, na qual acordados fizeram tal avença, que Vasco Pires pozesse fóra os homens d'armas e bésteiros castellãos que hi estavam, que se fossem pera Santarem com todo o seu, e que elle tomasse voz pelo Mestre e fizesse por elle guerra e paz, e se a rainha D. Leonor que lhe tal castello déra tornasse ao reino em seu livre poder, sem companha de castellãos pera ajudar a defender o reino, que lh'o entregasse pera não ficar em mau caso. E fez esta preitezia aos dez dias do mez de dezembro, no mosteiro de S. Francisco, onde pouzara o Mestre, de noite ás tochas, presente muitos que hi estavam. Foi posto em ella que o Mestre leixasse hi homens d'armas por guarda do logar quaes Vasco Pires quizesse escolher. E elle, feita menagem ao Mestre, apontou pera ficar com elle Ruy Corvo e Gonçalo Gonçalves Borges, e Fernão Gonçalves da Ameixoeira e outros que eram seus compadres e amigos.

E partiu o Mestre d'ahi e foi-se cercar Torres Vedras, havendo já seis semanas que chegára sobre Alemquer.

CAPITULO CLXIX

Como o Mestre partiu de Alemquer e foi cercar Torres Vedras.

E feita tal convença, e ficando Alemquer por seu, partiu o Mestre pera Torres Vedras, onde João Fernandes Pacheco havia já feito começo de cerco, e foi levar engenhos e tiros pera lhe tirarem com elles. João Duque que a villa tinha por el-rei de Castella, era um fidalgo castellão bem acompanhado de homens d'armas e peões e bésteiros que pera defensão eram bastantes.

O Mestre aposentou suas gentes pelo arrebalde arredor da villa, como melhor poderam alojar, e nos paços d'el-rei, onde pouzava o conde D. Gonçalo e João Fernandes Pacheco, punham de dia e de noite uma guarda, e a segunda estava da outra parte contra o castello.

E este logar de Torres Vedras é uma fortaleza assentada em cima d'um formoso monte, o qual natureza gerou em tão ordenada egualdade, como se á mão fôra feito artificialmente, e em bom e gracioso termo junto comsigo a derredor, de pães e vinhos e outros mantimentos, que n'aquelle tempo, por azo da guerra, eram gastados de todo o ponto.

A villa tem sua cerca arredor do monte, e na maior alteza d'elle está o castello, e entre a villa e o castello moravam tão poucos que não é feita conta. Em toda sua povoação era um grande arrabalde

de muitas e boas casas e bem ordenadas ruas ao pé do monte.

O Mestre desejou de haver e cobrar este logar. João Duque tinha gran vontade de o deffender, por cujo azo se faziam algumas escaramuças entre os de fóra e os de dentro, de que não cumpre fazer historia, salvo d'aquelle longo trabalho porque o Mestre ordenou de o tomar, que foi uma grande cava, afóra outras que lhe fez, a qual havia de ir sahir ao adro da egreja, que chamam Santa Maria, que é dentro no logar entre a villa e o castello.

Esta cava era larga e espaçosa, de guisa que tres homens d'armas podiam ir a par folgadamente por ella, e foi começada em uma tarde, e arredada do logar o mais encobertamente que se fazer pôde, de guisa que não sómente os da villa não houveram d'ello nenhuma noticia, mas ainda muitos do arraial não sabiam parte que se ahi fazia. A terra que se alli de dia tirava d'ella deitavam dentro na tenda, e de noite lançavam-na em tal logar, que os inimigos não entendessem sua obra.

Os castellãos tinham atalaia em cima da egreja, quando viram que o Mestre ia tanto a miudo áquella tenda, suspeitaram o que era, e o Mestre por escusar a suspeita deixou de ir lá de dia, e de noite ia a vêr o que faziam, porém todo seu cuidar e suspeita fôra vão, senão foram algumas pessoas que andavam com o Mestre, que não amavam seu serviço, que por signaes e outras encobertas maneiras lhes faziam saber quanto o Mestre obrava contra elles. E não sómente lhes faziam saber todos os segredos que em seu conselho fallavam, mas ainda avizavam o Mestre de quaesquer cousas que em obra mandava poer pera destruição do logar, assim como tirar

dos engenhos que o Mestre mandava que tirassem ao muro e ás torres pera as desfazerem e derribar, e elles diziam que mandasse tirar ao pé do muro da villa, e que por alli fariam um portal pera que entrassem a tomar o castello. O que tinha cargo de tirar com os engenhos contradizia muito tal conselho, e não embargando tiravam ao muro da villa e á torre da menagem.

O Mestre por ficamento d'aquelles não fieis conselheiros, se houve tanto de aqueixar contra elle, que disse que se não tirasse ao pé do muro, como lhe elles mandavam, que o mandaria lançar do fundo do engenho dentro no castello.

Elle vendo que por seu bom serviço lhe promettiam tal galardão, de que houve grande medo, fugiu aquella noite, e foi-se pera Leiria.

CAPITULO CLXX

Como o mestre de Christus foi vencido e levado a Santarem preso.

Em esta sesão, no mez de novembro que dissemos que o Mestre viera sobre Alemquer, partira o mestre de Christus, D. Lopo Dias de Souza, da villa de Thomar, e com elle D. Alvaro Gonçalves Camello, priol que chamavam do Espital, e Rodrigues Pereira, irmão de Nuno Alvares, e outros, e foi cercar Torres Vedras, levando comsigo oitenta lanças e homens de pé e bésteiros, e

fez levar um engenho pequeno com que lhe mandava tirar ás vezes alguns combates, que lhe pouco empecimento faziam.

Affonso Lopes de Texeda, que no logar ficara por alcaide, deffendia-o o melhor que podia. E porque se seguiam espaço de dias que era cercado, começou-lhe de minguar a agua e o pescado, de guisa que cada dia comiam carne e esperavam de padecer peior.

Diogo Gomes Sarmento, que estava em Santarem, soube parte como lhe minguavam os mantimentos, ordenou de fazer pera lá uma cavalgada que fosse uma via e dois mandados, s. levar-lhe algumas viandas, se as podesse poder dentro pela porta da traição, ou descercar o logar a todo seu poder. E com esta tenção partiu de Santarem á meia noite com dozentos de cavallo, entre homens d'armas e ginetes, e andadas aquellas cinco leguas que ha de um logar ao outro, sol levado amanhecendo, chegaram sobre o logar.

O mestre que d'esto parte não sabia, quando supitamente tão perto de si viu, juntaram-se todos assim como estavam e fez-se prestes pera pelejar. Os castellãos isso mesmo, vendo-os tão poucos, cobraram fouteza de pelejar com elles, e foi o mestre vencido e preso, e levado a Santarem, elle e Alvaro Gonçalves Camello.

E assim jouveram até que a batalha depois foi vencida, como ouvireis. E jazendo elle assim preso, mandou pedir por mercê ao Mestre, a Torres Vedras, onde estava, que ministrasse por elle um tanto o mestrado Martim Gonçalves, commendador de Almoural, e ao Mestre prougue d'ello e assim o mandou por sua carta, e fez poer bom recado em *todos os logares* da ordem.

CAPITULO CLXXI

Como Nuno Alvares foi a Elvas e lançou fóra alguns do logar.

CONTADO havemos em seu logar, onde fallamos da tomada de Portel, como Nuno Alvares depois que leixou n'elle segurança qual cumprisse, tornou logo pera Evora.

Emquanto o Mestre jaz sobre Torres Vedras e fazem cava pera o tomar, vejamos o que aveiu entretanto a Nuno Alvares, pois todo foi em uma sezão. Onde segundo conta um historiador, estando elle em aquella cidade, veiu-lhe recado da villa d'Elvas que alguns dos bons do logar se queriam alçar com ella e tomar voz por el-rei de Castella; e que Nuno Alvares se partiu pera lá com certas gentes comsigo, pera poer assecego na villa, segundo visse que era mister.

Outros dizem que Fernão Pereira chegára a Evora pouco havia, por ir vêr sua madre, que estava em Elvas, que Nuno Alvares pelo ir esposar com uma sua filha de Gonçalo Gomes, alcaide que fôra d'aquelle logar, e o poer em posse d'elle se movera pera lá chegar.

Ora de qualquer guisa que fosse, indo elle pelo caminho com suas gentes, viu levar vestida a seu irmão Fernão Pereira a cota que fôra de um Garcia Fernandes, e cingida a sua espada, as quaes elle escondera em Portel, quando se Garcia Fernandes houve de partir.

Nuno Alvares quando assim o viu ir e conheceu aquellas cousas cujas foram, foi muito annojado em sua vontade; entonces a Fernão Pereira disse que fizera grande mal passar por elle tal mingua contra seu juramento, dizendo que prouvesse a Deus que lhe não viesse por ello algum gran cajão por quebrantar assim sua jura. Fernão Pereira se escusou com razões, a que Nuno Alvares não quiz responder, e foram seu caminho até que chegaram a Elvas.

E elles d'alli, a mui poucos dias mandou Nuno Alvares da parte do Mestre a Gil Fernandes e a Martim Rodrigues, e outros bons do logar, que se sahissem da villa e se fossem a Torres Vedras, onde o Mestre tinha seu cerco, pera o servirem em elle.

D'esto pezou a muitos d'elles, como aquelles que se tinham por verdadeiros portuguezes e leaes servidores do Mestre, como se bem por obra até alli mostraram. Porém obedecendo a seu mandado houveram de fazer, e quando chegaram a Torres Vedras o Mestre os recebeu mui bem, mostrando que de sua vinda lhe prazia muito, dizendo que viessem muito embora, e outras razões de gazalhoso recebimento.

Gil Fernandes que era solto em fallar, disse logo perante todos:

— Mas venhamos muito embora em hora má, senhor, pois por quanto e bom serviço vos fazemos, nos mandastes lançar fóra d'Elvas como lançam os tredores; dizendo elle e cada um dos outros todos a que por suas honras entendiam.

O Mestre respondeu desculpando se que de tal cousa não era sabedor, nem fôra feito por seu mandado nem consentimento, mas que elle os havia por verdadeiros portuguezes e tão bons e melhores servi-

dores do que elles diziam, e lhes faria por ello muitas mercês e acrescentamentos como elles bem podiam vêr.

E com estas e outras boas palavras os apacificou, e assim estiveram com elle por espaço de dias.

CAPITULO CLXXII

Como Nuno Alvares foi por cobrar Villa Viçosa e foi morto seu irmão, e a cercou e não pôde tomar.

TANTAS vezes contamos e foi já ouvido, que indo Nuno Alvares por tomar Villa Viçosa, que Vasco Porcalho dera aos castellãos, foi morto Fernão Pereira, seu irmão, á entrada do logar, que nenhum d'esto alguma cousa duvida, mas que o moveu partir pera lá por tal feito, como elle foi, a desconcordancia dos historiadores nos põem sobre ello um fadigoso cuidado. Porque uns dizem que sabendo elle que o commendador fazia voda e dava casa a um seu criado, que diziam Alvaro Machado, que cuidou que por a gran festa e prazer em que seriam postos aquelle dia, que emquanto os noivos fossem á egreja, e a mais da gente com elles, que de salto e supitamente podia tomar o logar, e por aquesto se partiu assim. Outros contam que alguns homens bons de Villa Viçosa enviaram dizer a Nuno Alvares que fosse lá, e que lhe dariam uma porta da villa porque entrasse, e sendo elle muito

ledo de tal embaixada, trabalhou logo de o poer em obra, e partiu com suas gentes sobre a noite, fazendo infinta que ia pera outra parte.

E sahindo a sua bandeira por a porta da villa, quebrou a haste d'ella ao alferes que a levava, e todos que eram alli houveram por mau signal, dizendo a Nuno Alvares que não partisse por nenhuma cousa e escusasse o caminho que fazer queria, mas elle não curou nada do que lhe diziam, e mandou poer a bandeira em outra haste, e seguiu a tenção que começada tinha.

Andadas aquellas quatro leguas que ha de um logar a outro, chegou a Villa Viçosa e alojou-se perto d'ella muito sem arruido, e todos assocegados.

E outro, dia pela manhã ordenou de tomar a villa, segundo informação que lhe enviada fôra. E mandou diante Fernão Pereira, seu irmão, com Alvaro Coitado, e certos comsigo.

Os quaes a cavallo, armados com seus bacinetes, como a tal feito pertencia, chegaram á pressa a Villa Viçosa e desceram dos cavallos por se lançarem dentro, pela porta que chamam da Torre, que é a mais forte que ella tem, a qual é em esta guisa:

Ella é uma torre mui larga, bobadada de cima da porta, que nenhum pode chegar á porta da villa que primeiro não passe por sob toda aquella abobada, a qual ha uma tal boca na metade porque cabem grandes cantos pera os lançar de cima quem quizer. E como Fernão Pereira e os outros se quizeram lançar por sob aquella abobada por chegar á porta da vila, veiu um grande canto de cima e deu a Fernão Pereira que lhe esmagou o bacinete e a cabeça, e foi logo morto, e por esta guisa mataram um seu

escudeiro que a segua, que chamavam Vicente Esteves.

Alvaro Coitado chegou todavia á entrada da porta sem impedimento nem nova que lhi ouvesse, e querendo entrar foi ferido e preso, e levado dentro á villa, e tambem levaram o corpo de Fernão Pereira, que era um dos ardidos e formosos corpos que em todo o reino havia, sendo aquelle tempo de vinte e quatro annos.

E em esto chegou Nuno Alvares com sua bandeira e gentes, e quando soube que seu irmão era morto e Alvaro Coitado preso e ferido, que maior ser não podia, e não podendo em ello mais fazer por as portas serem cerradas e tal entrada mui perigosa, tornou-se com grande noio pera Borba, que estava pelo Mestre, que era d'ahi uma legua.

Ora sabei que outro historiador contando a partida de Nuno Alvares, quando desta vez foi a Villa Viçosa, não se outhorga em tal razão, mas diz que Vasco Porcalho enganosamente escreveu aquella carta a Nuno Alvares em nome de tres ou quatro dos bons do logar, dizendo que se trabalhassem de chegar lá com suas gentes o melhor que podesse, que elles lhe davam entrada de guisa que podessem tomar a villa e quantos eram dentro n'ella, e que elle crendo que era tal cousa verdade se moveu da guisa que dissemos e recebeu aquelle grande cajão e engano.

E certamente tal falamento é mais conforme á razão que nenhum dos outros, porque se os da villa em grande segredo tal cousa moveram em perda e damno do commendador e dos que no logar eram, não houveram morte, porque foram vingados dos que tal maldade contra elles commetteram? E nós não

achamos historia que diga que algum por esto tal recebesse, ante foram todos acordados e muito prestes quando Fernão Pereira chegou, e que parecia que já sabiam d'esto parte.

Outros dizem em este passo que as vigias havendo vista d'elles appellidaram, e por esto foram alli prestes.

No seguinte dia, sendo Nuno Alvares mui anojado por tal cousa e perda como havia recebido, enviou dizer a Vasco Porcalho que lhe enviasse o corpo de seu irmão, e foi-lhe logo trazido, e ordenou de o ir soterrar ao mosteiro de S. Francisco de Estremoz, que é d'alli a outra legua, tendo grão sentido e intenção que todo aquelle máu aquecimento que a seu irmão viera, fôra por a cota e a espada de D. Garcia Fernandes, que contra seu juramento tomara Nuno Alvares, porém não embargando esto, segundo convém aos grandes senhores, não mostrou tanto nojo de fora, quanto em seu coração tinha, assim por não acabar aquello que começara, como pelo morte de seu irmão, e como homem de grande esforço confortou a si e a sua gente, e mandou chamar por esses logares derredor mais companhas, das que comsigo tinha, e enviou a Elvas por um engenho, e foi cercar Villa Viçosa, e jouve sobre ella por espaço de tempo, tirando-lhe de noite e de dia com aquelle engenho, e escaramuçando e combatendo não lhe pôde fazer o nojo que elle desejava, porque na villa era boa gente de castellãos e de portuguezes com grande avondança de mantimentos, que a defendiam.

E elle por não perecerem alguns bons dos que com elle andavam que elle muito amava, des-ahi por azo de ir a outras cousas que pela comarca re-

cresciam, que cumpria tornar por serviço do Mestre, levantou o arraial e foi-se a Estremoz.

Nem ainda, segundo se affirma, sua condição não era muito teuda continuar cercos, nem jazer sobre elles, por o grão perigo que se algumas vezes segue, dizendo que no campo o haviam de achar, e que quem vencesse e houvesse a praça, ca ligeiramente cobraria os logares cercados.

CAPITULO CLXXIII — *

Como os do Porto tomaram o castello de Gaya e derribaram.

LEIXADAS algumas cousas que n'este casão no Porto aconteceram, uma só diremos em breve por virmos a nosso proposito, a qual foi que Ayres Gonçalves de Figueiredo tinha o castello de Gaya da mão do conde D. Gonçalo, e sua

* Na edição de Antonio Alvares este capitulo é o 180, tendo havido uma intercalação evidente dos sete anteriores (173 a 179). Essa intercalação tanto póde ter sido feita, involuntariamente, decerto, por Antonio Alvares, como pelo proprio Fernão Lopes, no seu tempo, ou ainda pelos primeiros que lhe colligiram e ordenaram os capitulos da Chronica. Aos fasciculos ou *cadernos* se formou e até se escreveu o livro, seguramente. Era o processo geral d'este genero de trabalhos, como não deixou de o ser ainda para muitos escriptores. Não será difficil encontrar aqui mesmo referencias sufficientemente illucidativas de que este era o processo usado por Fernão Lopes e até de que o trabalho não seguia precisamente a *ordem e successão* que se lhes dava depois.

mulher d'Ayres Gonçalves estava em elle com alguns escudeiros e homens de pé por guarda, os quaes pelas aldeias de redor faziam tão má vizinhança de roubar e tomar por força as cousas que vontade haviam, que todos eram d'elles muito aggravados, e os do Porto tinham d'esto grão sentido e desejo de o vingar, como o bem fazer podessem.

Aveiu assim um dia que a mulher de Ayres Gonçalves mandou pedir certas cousas a uma aldeia, que lhe mandassem pera si e pera aquelles que comsigo tinha, os moradores do logar contradisseram de o fazer, dizendo que ainda que aquelle castello tivesse voz por Castella, que não haviam d'elle peor vizinhança recebido, do que até alli tinham recebido, e não lhe quizeram consentir de levar aquello que elles queriam. A mulher d'Ayres Gonçalves, quando lhe com este recado chegaram, com pouco sizo e grão queixume, foi-se a aquella aldeia e levou quantos tinha comsigo por tomar vingança d'elles e trazer todo o que lhe viesse á vontade. Os da cidade como esto souberam, juntaram-se logo e foram

Nada mais natural e facil do que na juncção dos diversos capitulos ou *cadernos*, se darem intercalações mais ou menos importantes, perfeitamente involuntarias e mais ou menos disparatadas tambem.

Certo é que Fernão Lopes interrompe a cada passo a sequencia da narrativa ou dos successos, com intenção manifesta, confessada até, geralmente. Mas aqui a intercalação tanto não é intencional que briga exactamente com as referencias do proprio texto. Por exemplo, no capitulo 173 da edição de Alvares o Mestre levanta o cerco de Torres Vedras seguindo para Leiria e Coimbra, tendo o capitulo 169 informado de como fôra posto aquelle cerco e se começara a fazer *secretamente* «uma cava» para tomar o logar.

lá, e tomaram o castello e roubaram-no de quanto n'elle tinham, derribando o muro e torres deitavam-no todo ou levavam.

Ayres Gomes como isto soube em Torres Vedras, onde estava, houve d'ello mui grão desperto, e disse ao conde D. Gonçalo, com que elle acompanhava, porque fôra seu aio e governador de sua casa em sendo moço:

— «Paraimentes, senhor, e vêde que senhor servimos e de que esperâmos mercê, andar homem em seu serviço e levar más noites e maos dias pelo seu, e poer o corpo com tantos perigos de morte, e elle mandar-nos honrar d'esta guisa que vós vêdes, e certo é que os do Porto não se intrometeram de fazer tal cousa se o não sentiram d'elle, ca elles tem sua voz e vós isso mesmo. Pois para que se moveram elles a me deshonrar de tal geito, se não parece que elle tem de vós má suspeita, e manda-nos fazer esta honra.»

O conde não mostrava em ello tamanho queixume como Ayres Gonçalves, e por seu aficamento foi ao Mestre e disse-lhe aquellas razões e outras, cuja

Como e porque desistira? É o que só vem a saber-se no capitulo 180, quando os intermedios, de 174 a 179, nos dão o Mestre em Coimbra. Além disto e da interrupção inexplicavel do discurso de João das Regras, até o capitulo 187, o proprio 180 diz: — «Por hora tornemos a ver a *cava*.» Qual? A do cerco de Torres.

E no capitulo 181 o Mestre continua n'esse cerco, que o 178 dava por levantado.

Porque não fazemos uma edição critica não se segue que devamos reproduzir os erros da edição anterior quando elles são manifestos e a correcção além de facil se impõe naturalmente á simples leitura. É claro que a nossa restituição é [illegible] ordem. Ao capitulo 172 da edição de Alvares faze-

conclusão era que elle não tinha d'elles boa suspeita, e por tanto lhe mandara fazer aquello.

O Mestre se desculpava quanto podia, dizendo que de tal cousa não sabia parte, nem fôra feito por seu mandado nem consentimento, que aquelles homens tinham sua voz e o serviram e serviam bem em todas as cousas que podiam, e que não sabia porque se demovessem ao fazer; porém que suspeitava que o fizeram por seu serviço, assim como fizeram os de Lisboa quando derribaram o castello; e que pois já era feito não podia desfazer, mas que elle lhe tornaria seu castello e outro como aquelle, e lhe faria por seu bom serviço muitas mercês, como era razão.

Mas com quantas boas razões lhes dizer podia, nunca os poude apacificar, e assim se partiram d'ante elle queixosos.

Por ora tornemos a vêr a cava que ficou começada, em que ponto está, emquanto se estas cousas passaram.

mos seguir os 180 a 186 d'ella e a estes os 173 a 179 porque do proprio texto se deduz logica e até declaradamente esta ordenação ficando completa a narrativa dos successos do cerco de Torres até o levantamento d'elle e deixando de ficar truncada a historia das cortes de Coimbra.

Oliveira Martins percebera já o caso, pois que no exemplar da Chronica que lhe pertencia existe a seguinte nota de sua letra: — «Os capitulos 180 a 186 estavam aqui intercalados, fóra do seu logar. Deve o 180 entrar depois do 172».

L. C.

CAPITULO CLXXIV

Como o Mestre combateu a villa com as cavas que feitas tinha e a não poude tomar.

FIZERAM a cava que dissémos por espaço de tantos dias, até que chegaram além do muro entre a villa e o castello, e por saberem o sesmo em que logar eram, traziam trados muito grossos, quaes cumpriam pera tal obra, e com um d'elles furavam a terra pera cima, por verem o ceno onde já chegavam, e com outro enchiam aquelle buraco de barro, por se não enxergar, e assim entraram com a cava tão acerca da egreja, que já viam o campanario.

O Mestre com grão prazer cuidando em outro dia tomar o logar, foi fazer prestes aquelles que entendeu que pera tal obra cumpriam, assim como João Gonçalves da Silva e outros, pera sahirem no adro da egreja e entrarem dentro com os inimigos.

João Duque que era avisado por onde a cava ia e onde havia de sahir, por aquelles maus conselheiros do Mestre, e percebido de todo quanto se fazia, amanheceu muito cedo uma tenda armada sobre aquelle logar por onde os portuguezes cuidavam de haver entrada. E começaram de a talhar, de guisa que se viram uns aos outros, e cada um por cumprir suas vontades eram postos em grande afan, de geito que se feriam mui mal, os de cima com portas e tavoado embargando-lhe a sahida aos de dentro, e ao fogo, e elles lançaram-lhe muita agua pelo

apagar. Mandou então o Mestre armar o tiro de dentro na cava, e posto que dessem em aquella madeira, e d'ella quebrassem e fizessem nojo, não era tanto que aproveitasse afim do que começado tinha, e depois de muito trabalho de ambas as partes, sendo feridos d'uns e dos outros, começaram de apreſiar mais sobre ello.

O Mestre vendo que quanto trabalho até alli tomara todo fôra posto em vão, pezou-lhe, e mandou-lhe pôr uma cava sobre o muro da villa, e trabalhando-se em ello por dias, pozeram um lanço d'ella a suas torres em encontros. E um dia ordenou seus combates pera poer fogo á cava, e quando lhe foi posto, veiu o muro e torres a terra, e os de dentro que já percebidos eram e faziam o que se havia de fazer, tinham postas cubas e toncas bastidas feito n'aquelle logar, de guisa que por onde o Mestre cuidou de ficar bem largo portal pera entrarem á sua vontade, elle, porque o logar era amontoado, ficou muito mais forte do que ante era, e tanto que nenhum podia combater nem fazer cousa que lhe damno fizesse; quando o Mestre viu isto, mandou arredar suas gentes fóra, não tendo suspeita que nenhum andava em sua companhia de tal engano, e desserviço podesse vir, mas pensava que era bom avisamento dos do logar, que em taes feitos traziam esperto sentido.

Em isto começaram os da villa de haver mingua d'agua de duas cisternas que tinham dentro, e isso mesmo de carne; e o Mestre sabendo d'esta parte, mandou-lhe João Duque um dia um vergonhoso presente, s. uma natura d'asno cosida com duas laranjas, e com ella uma trova, cuja conclusão era:

«Que [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] bocado como aquelle [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] porem que lhe pedia por mercê que lhe mandasse alguma carne fresca, que [illegible] dias havia que era desejoso d'ella, ca elle não era em [illegible] de lhe defender o logar, pois lhe [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] levaram.

O Mestre [illegible] [illegible] [illegible] e mandou-lhe das carnes quanto [illegible] [illegible]. E da parte do desculpamento lhe respondeu:

«Que [illegible] [illegible] [illegible] por mal, mas por bem, porque aquello era [illegible] de fazer todo o bom fidalgo, e que elle trabalhasse bem por se defender, ca elle muito havia de fazer por lhe tomar o logar».

João Duque houve seu conselho vendo como se gastavam as viandas, que viesse fallar ao Mestre, e em lhe fallando moveram suas preitesias, nas quaes não se concordando, partiu-se sem nenhuma avença.

O Mestre tinha grande sentido, porque em tão breves dias aos da sua parte aconteceram contrarios aquecimentos, assim como o desbarato e prisão do mestre de Christus e a morte de Fernão Pereira, e o cerco de Nuno Alvares, que se não dera bem, e isso mesmo de duas galés de Castella armadas que chegaram a Lisboa alta noite, não sabendo nenhum d'elles parte, e tomaram uma nau do Porto carregada d'haver do peso, e mais tres galés que jaziam desarmadas na goa, e foram-nas queimar na metade do rio, e a náu isso mesmo, porque lhe não deram os da cidade vagar que a levassem, e não embargando que de taes cousas convidamente em sua vontade tivesse assaz de nojo, a grandeza de seu coração cobria todo, não dando a entender nenhuma cousa, mas a todo mostrava

semblante e bom gazalhado, dizendo quando em esto fallava:

«Que costume era de guerras darem nojos e prazeres aos que n'ellas muito uzavam», e outras taes razões, porque aos seus dava a entender que nenhuma cousa d'aquellas lhe fazia torvação, e que pera grandes trabalhos era seu coração prestes.

CAPITULO CLXXV

Que pessoas eram aquellas que ao Mestre não eram fieis vassallos.

A nós é por força pera saber certas cousas historiarmos um pouco comprido, pois temos costume razoar as opiniões e parte dos ditos d'alguns que já sobre esto primeiro que nós fallaram, por não carecer de proluxidade que a alguns gera fastio, mas porque não sendo taes razões achadas em este volume, lhe seja contado por imperfeição. E porém o que muitas historias quizer lêr, maiormente authenticas e aprovadas, achará que os auctores d'ellas louvaram grandes senhores e seus bons costumes, e d'outros escrevem suas feias condições e desaventurados feitos. E este modo teve Santo Agostinho no livro da Cidade de Deus, cuja obra e authoridade não é de prasmar n'esta parte, seguindo ordenança.

Forçado é que leixemos algumas pessoas, fallando d'ellas em certos logares, maiormente, pois já seus excessos por outras ante que nós são nomea-

dos em mais historias, cuja nodoa parem, segundo direito escripto e evangelica doutrina, não poz magoa em seu linhagem, quando os descendentes d'ellas não foram seguidores de suas perversas pegadas, assim que pois nós dissemos, que tendo o Mestre cercado o castello que tanto desejava de tomar, que não fieis vassallos que comsigo trazia, por geitos e escriptos desvairados percebiam assim os de dentro, que todo o seu trabalho fazia em vão, razão é que espereis que digamos que pessoas eram estas e de que estado, e como soub·e o Mestre d'ello parte, e quando e porque guisa, ante que contemos que os moveu a esto, e publiquemos aquello que outros primeiro publicaram e pregaram.

Vejamos logo que homens eram, e busquemos todos os livros que d'estes feitos fazem menção.

As historias assignam quatro, s. o conde D. Pedro e D. Pedro de Castro, e João Affonso de Beça, e Garcia Gonçalves Baldes.

Do conde D. Pedro já tendes ouvido, onde fallámos dos feitos da rainha quando foi a Coimbra, como este conde de Trastamara, primo co-irmão d'el-rei, se quizera lançar na cidade com ella, e como fugiu e se foi ao Porto, e des-ahi nas galés de Portugal a Galliza, e tiveram n'elle não boa suspeita no combate de Bentaços, e como foi ferido no termo do Porto por seu irmão, e depois se veiu pera o Mestre, jazendo sobre Alemquer, d'esta vez, como dissemos, era com elle em este cerco.

D. Pedro de Castro já sabeis que era filho do conde de Arrayolos, D. Alvaro Pires de Castro, o qual foi culpado no cerco de Lisboa, que pela porta de Santo Agostinho, que era sua guarda, quizera

dar entrada aos castellãos, e como foi preso e depois perdoado. Era aqui em companha do Mestre João Affonso de Beça, que era um dos fidalgos castellãos que depois da morte d'el-rei D. Pedro de Castella, em tempo d'el-rei D. Fernando, se lançou em Portugal com outros, e quando D. Guido, cardeal de Bolonha, tratou pazes entre os reis, ambos eram das pessoas que el-rei D. Henrique nomeou que fossem fóra de Portugal, dos vinte e cinco que então deu foi este. E quando os inglezes vieram depois, que o conde de Cambrigue chegou a Lisboa, tornaram-se alguns dos que andavam em Inglaterra com elle, ante os quaes se tornou este João de Beça, e ficou no reino e andava com o Mestre.

Garcia Gonçalves de Baldes era um escudeiro asturião, de grande e mui bom corpo, o qual se lançou com o Mestre quando el-rei de Castella tinha cercado Lisboa, offerecendo-lhe seu serviço e ficando por seu vassallo.

E posto que o lançamento de taes pessoas em tempo de esquiva guerra de uma parte e outra, aos prudentes senhores muito seja de arreceiar pero porque todos ligeiramente creem que qualquer cousa que lhes é aprazivel, maiormente serviço de bons fidalgos em tempo de necessidade, não teve o Mestre d'esta suspeita, nem relembrança das nodoas dos outros.

Ora os que os moveram a esto, segundo contam as historias, foi que el-rei de Castella enviou cartas por um judeu em grande segredo ao conde D. Affonso, seu primo, em que lhe fez a saber «o gran deudo que com elle havia, e como elle o maior inimigo que teve no mundo era o Mestre d'Aviz com que elle andava, contra o qual devia ser seu ajuda-

dor, por entre elles haver tão grande parentesco, e se elle n'esto quizesse obrar todo o que bem podia fazer, que era fallar com alguns taes que amavam seu serviço, e matarem o Mestre a seu salvo, que era bem ligeiro d'acabar, que n'esto lhe fazia tão grande serviço e prazer, que maior ser não podia. Pelo que lhe perdoava algum erro que passado era e o accrescentaria tanto em todo o seu reino, que nenhum outro houvesse similhante, e aquelles que em ajuda de tal feito fossem poeria em grandes estados e faria muitas mercês».

O conde vendo as palavras das cartas e mais o dito do judeu, que lh'o bem dizer soube, prouguelhe d'ello com leda vontade, e fallou com os taes, que ouvindo as grandes promessas por cada um accrescentar em si, conceberam em seus corações este damnado segredo determinando de matarem o Mestre o mais cedo que se fazer podesse.

E porém dizia o senhor D. João, duque de Bretanha, padre d'este que ao prezente vive, fallando uma vez nas deslealdades que os vassallos contra seus senhores commettem, dizendo cada um por si as intenções que sobre esto tinham, que uns diziam, «que antes queriam ser cornudos, que cahirem em máu caso». Outros escolhiam serem antes mortos, que commetter tão má cousa, outros captivos e presos pera sempre, assim cada um nomeava pera si o mal que ante queria que lhe viesse, que commetter tão grave excesso.

Elle vendo tenções, começou-se de rir e disse:

— «Não sabeis que vós dizeis, por a mais pequena cousa d'essas cahiria cada um de vós em elle, e eu comvosco, quando me a mim viesse».

E el-rei perguntando porque razão seria aquello, respondeu elle entonce:

— «Por vingar uma pouca de sanha, ou por cobiça de accrescentar em mór honra.»

E certo estes que dissemos, que se a esto demoveram, por esta segunda razão foi, e assim o affirma Christophorus decretorum doutor, fallando dos feitos do Mestre, em um tratado que d'esto compoz, capitulo posto que antes, n'aquelle logar onde diz:

«Rex propter hoc multa bona promittens.»

CAPITULO CLXXVI

Porque modo tinham ordenado de matar o Mestre e descobriram seus segredos.

Não embargando esto que assim é dito, e que a longa pratica ensina, alguns porém tem opinião que ambas as cousas que dissemos, s. desejos de honra e vingança de odio, ambas n'este feito concorreram, dizendo que mais se atrigou D. Pedro n'este conselho, quando lhe foi fallado por vingança d'odio, que o muito tinha, por a prisão que ante passára, que por cobiça de acrescentar em honra, como alguns disseram; mas nós de encoberto fallar julgar não podemos, salvo das graças e mercês, honra e grande gazalhado que do Mestre todos recebiam, cada um em seu estado; ca posto que elle prendesse D. Pedro, por aquelle erro que as chronicas contam, logo a mui poucos dias o mandou soltar, e d'esta vez jazendo sobre Alemquer, ha-

vendo pouco mais de dois mezes que sua prisão fôra, o Mestre lhe confirmou e fez doação pera sempre de todas as villas e logares e castellos que os reis haviam dados ao conde D. Alvaro Pires, seu padre, assim por condado como por doação, e por outra qualquer guisa que seja, salvo dos bens de Diogo Lopes Pacheco, que el-rei D. Fernando dera a seu padre, mas de todos os outros lhe fez doação por escrivão tão firme, como a D. Pedro quiz mandar fazer. E porém não é de cuidar que por odio se movesse contra um senhor de que tantas e assignadas mercês recebera.

Ora por qualquer das razões ou intenções que fosse, a falla era de geito que cada um d'elles que a seu salvo podesse matar o Mestre, que o fizesse, mas João Affonso e Garcia Gonçalves tinham de tal obra especial carrego, lançando-se logo á pressa no logar como fosse feito, porquanto João Duque, que já d'esto era sabedor, havia sempre de ter atalaia, que como o alvoroço no arraial fosse visto, porquanto João Duque já sabia, que logo abrissem suas portas, sahindo com os seus por recolher os que fugiam, e a morte havia de ser por uma de duas maneiras.

João Affonso de Beça era um grande cavalgante e bem desenvolto, especialmente á gineta, e quando o Mestre cavalgava e algum dos seus com elle, ia elle sempre muito diante com a lança nas mãos por acompanhar com outros, e dava de esporas ao cavallo vindo correndo brandindo a lança, e quando era acerca do Mestre mostrava que a queria arremessar rijamente, dando a intender que o fazia por sabor por o Mestre, nem outro algum tomar suspeita d'elle, e esto entendia elle de fazer muitas

vezes por desegurar, até que vissem geito de arremessar e assim o matar.

Onde aqui é de saber, e não sem razão de notar que o Mestre tinha um seu criado, veador de sua casa, a quem chamavam Fernão d'Alvares d'Almeida, commendador de Villa Viçosa, homem avisado e bem discreto e que amava muito seu serviço; este cavalgava sempre com o Mestre de guisa que ao longe e ao perto nunca se d'elle partio. E vendo que João Affonso uzava a meudo aquello, maiormente que nunca mostrava aquelle geito senão contra a pessoa do Mestre, desprougue-lhe d'ello muito, sem suspeita porém alguma que de tal cousa podesse avir.

E um dia vindo João Affonso correndo rijo por fazer tal mostrança, como havia em costume, pozse Fernão d'Alvares diante e desviou com sua lança e disse:

— «Affastae, affastae lá vossa lança, não haveis empacho fazerdes já tantas vezes esto e virdes contra de tal geito contra o Mestre meu senhor, sabei que vos não parece bem, antes parece mal a quantos vol-o veem fazer».

João Affonso disse que o fazia por jogatar e por fazer sabor, e não por fazer desprazer ao Mestre.

— «Esse jogatar, disse Fernão d'Alvares, hi-vos fazer a outro, mas não ao senhor com quem vós viveis».

E sobre isso começaram a haver razões, e o Mestre disse que se calassem e não curassem d'aquello. E des então não se termeteu mais João Affonso de uzar aquelle fingimento e jogo, e perdeu a esperança de por tal azo poder acabar o que tinha cuidado.

Outra maneira era que vindo o Mestre vêr os engenhos, como havia em costume, quando fosse mal acompanhado e com poucos, que então teriam geito de cumprir sua má vontade.

E assim andaram aguardando tempo quando podiam commetter e acabar tão maliciosa obra.

E emquanto estas cousas assim passavam, com maduro assocego e fingidas razões davam ao Mestre muito maus conselhos, fazendo saber a João Duque por escriptos e signaes quanto o Mestre com elles ordenava, e era d'este geito, como depois foi sabido.

Tendiam os virotões e punham-lhe penas de papel ou de pergaminho, e n'ellas ia escripto quanto lhe queriam descobrir. E mais lh'o faziam saber que d'onde se podessem e começassem de estar os da villa acenando com as mãos, que por alli ia a cava, e assim o fizeram de feito, lhe chamavam fi de puta, cornudos, vassallos de alfinago, fazendo-lhe certos signaes porque avizavam de todo, e com o mau conselho que ao Mestre davam, e em todas as cousas que contra elles faziam, seus trabalhos aproveitavam pouco.

CAPITULO CLXXVII

Como foi descoberta a traição que ao Mestre tinham ordenado e queimado Garcia Gonçalves.

JÁ dissemos como o conde D. Gonçalo e Ayres Gonçalves de Figueiredo chegaram ao Mestre mui queixosos por razão do castello de Gaya, que foi tomado como ouvistes, e as razões que sobre ello houveram, e des então até este tempo sempre ambos mostraram de si geito que eram mal contentes do Mestre, e tanto que seu apartamento e falla a meudo em segredo e apartados, fez gerar persumpção ás gentes que alguma cousa queriam ordenar contra elle, de guiza que por este azo foram alguns que disseram ao Mestre:

— «Senhor, sabei que aqui é fama que o conde D. Gonçalo e Ayres Gonçalves de Figueiredo não andam verdadeiros em vosso serviço, e se querem lançar em Coimbra com os seus pera vos serem contrarios nas cousas que houverdes de fazer. Mandae sobre esto poer avizamento, de geito que não ponhaes sobre ello estorvo, ante que se entremetam começar alguma cousa».

O Mestre ouviu o que lhe diziam e calou-se, sem dar a entender nada. Em esto começou-se de dizer e affirmar que Diogo Gomes Sarmento, que estava em Santarem com quatrocentas lanças, e Vasco Pires em Alemquer com cento e cincoenta, João Gonçalves em Obidos com cento e o conde D. Henrique em Cintra com outro cento, que estes capitães

tinham falla feita com João Duque e com este D. Pedro que dissemos, que uma noite supitamente dessem todos sobre o Mestre como tinham ordenado, e que morto ou preso ou desbaratado não lhe podia escapar.

E diz aqui o doutor já allegado no capitulo que dissémos, que a falla entre elles era d'esta guisa: — «que não se podendo matar o Mestre como tinha ordenado, que um dia se lançassem todos na villa, e que d'aquelle dia que se assim lançassem a seis dias seguintes, havia de ser a vinda d'estes capitães, com suas gentes, em cuja ajuda havia de sahir João Duque com os seus pera todos acabarem esto que tinham ordenado».

Ora o Mestre não sabendo parte do que contra elle traziam ordenado, sómente por seu percebimento e boa segurança, quando esto ouviu dizer, aos oito dias de janeiro da era que se então começára de quatrocentos e vinte e tres annos, ordenou este dia de estar em conselho, e mais que todos os capitães parecessem com suas gentes perante elle pera vêr quantos homens d'armas tinha comsigo.

E aqueceu que dos primeiros que ao conselho vieram, foi o conde D. Gonçalo com seu filho D. Martinho, e Ayres Gonçalves com elle, e como foram na tenda do Mestre elle mandou-os todos tres prender, posto que o filho fosse moço pequeno, e entregou-os a Vasco Martins de Mello.

O conde D. Pedro e D. Pedro de Castro que andavam pelo campo fallando de bestas, quando ouviram dizer que o conde D. Gonçalo e Ayres Gonçalves eram presos, cuidaram certamente que seu segredo e falla era descoberto, e com grande medo que houveram, sem outro conselho, e mais

vagar que houvessem, começaram a fugir á pressa, s. o conde D. Pedro se lançou na villa, e João de Beça, e D. Pedro de Castro, fugiram para Santarem.

E querendo Garcia Gonçalves lançar-se no logar com o conde D. Pedro, pela guarda que tinha Antão Vasques, foi filhado pelas gentes do Mestre, e o alvoroço foi tamanho no arraial por a fugida de taes homens assim supitamente, de sorte que o Mestre ficou espantado e não sabia que dizer. Folgou muito quando lhe disseram que Garcia Gonçalves era preso, por saber por elle a verdade, e trazido perante elle perguntou-lhe que fugida era a sua de tal geito e porque?

Elle pensando guardar sua vida, escuzou-se com razões não bem compostas, as quaes crêr lhe não quizeram. Então o mandou metter a tormento de açoutes, e confessou pelo meudo tudo o que haveis ouvido, e quaes eram culpados, e como jazendo el-rei de Castella sobre Lisboa, por seu mandado se lançaram com o Mestre pera o haver de matar em companhia d'outros.

O Mestre vendo tão grande maldade deu muitas graças a Deus, que por sua grande misericordia o quizera guardar de tamanho perigo, andando tão desegurado entre elles. D'outra parte mui irado contra elle por nova e razoada sanha, não o quiz mandar matar de simples e honesta morte, mas cruel de fogo em grande soffrer, e mandou que o queimassem.

E se alguem escreve n'este passo que o Mestre era bem certo como lhe muitas pessoas traziam tratada morte e que nunca lh'o dava a entender, esperando que maneira em ello queriam ter, não deis

fé a tal escriptura, que quem vê não póde consentir uma pensada suspeita que do conde D. Gonçalo tomou, e teve por ello tanto preso, como depois ouvireis, grave lhe seria de soffrer tal tredorice como esta pera esperar a pratica d'ello.

E porém mandou o Mestre que o trouvessem perante sua tenda, e alli lhe mandou que confessasse outra vez perante todos aquello que apartadamente dissera por tormento, e elle disse que lhe pedia por mercê que o não constrangesse a aquello que já havia confessado. E o Mestre mandou todavia que o dissesse.

E elle respondeu que maior pena lhe era aquello, que a morte que lhe mandava dar.

Então começou de contar compridamente aquelle notavel erro em que elle e os outros que fugiram, e outras pessoas eram culpadas, e acabado seu confesso, levaram-no ao fogo, que já era prestes, e ataram-no a um esteio, onde ardendo fez mau fim de sua vida.

CAPITULO CLXXVIII

Como o Mestre deu os bens dos que eram culpados contra elle.

FAZENDO-SE assim n'aquelle homem esta bem merecida justiça, não podiam as gentes em outra cousa fallar, salvo sua traição que elle e os outros ao Mestre tinham ordenada, dando sobre ello desvairadas razões e exemplos, e com queixumes ante si fallando, diziam contra o Mestre:

— «Leixae-o vós, pois se tal quer, não lhe abundava o que lhe D. Pedro fez no cerco de Lisboa, quando quizera dar a cidade a el-rei de Castella, porque se perdia o reino e nós outros todos, e prendiam e soltavam pera lhe depois bastecer a morte por galardão de soltamento. Leixou logo de o mandar matar, ou de o metter em carcere, d'onde nunca sahisse pera tirar suspeição do reino, e soltou-o d'ahi a poucos dias, como se fosse cousa leve que lhe pouco houvesse de empecer. Quanto agora bem podiam dizer o que diz o exemplo antigo, que quem seu inimigo poupa a suas mãos morra. E elle cuida que perdoar aos maus que lhe é mui grande bondade, e elles fazem-se cada vez peores, e fazem-lhe este jogo que vós vêdes».

E estes exemplos e historias contavam tantos, e de tantas guisas, que em al não achavam desenfadamento. Outros diziam que fizera o Mestre bem mandar apoz elles pera os haver ás mãos, e fazer n'elles justiça, mas isto não prestava nenhuma cousa, porque elles traziam os melhores e mais ligeiros cavallos que em toda a hoste havia, de guisa que nunca nenhum os alcançaria.

O Mestre isso mesmo de praça, contava sua gran traição e maldade, segundo pelo morto fôra confessado, dizendo que agora entendia e era em conhecimento do geito do arremessar que João Affonso fazia, e por quantas guisas a cada um mostrava em lhe fallando quanto amava seu serviço, e quanto todos eram fundados em o deservir e envezar, e contando o que lhe haviera com cada um d'elles, no cerco d'aquelle logar, e em outras cousas, e como por seu azo não fôra tomado e despendera sobre elle muito trabalho em vão.

Mas a esto não minguava que responder muitas razões, culpando-o no perdão que fizera a D. Pedro, dizendo que a muito se aventurava quem punha a vida e honra em quem a elle em algum tempo começou de errar. Des-ahi diziam que fiar de nenhum castellão era a elle cousa mui empecida, maiormente em tal como o conde D. Pedro, que era primo co-irmão d'el-rei de Castella, do que elle bem devera entender que seu serviço não era fiel.

E o Mestre respondia a todo, e em fim veiu a dizer:

—«Eu não sou o primeiro que fui enganado por falsos vassallos, nem hei de ser o derradeiro, mas eu dava gran fé a todo seu conselho, por serem homens de auctoridade, des-ahi por mostrarem grão desejo que amavam muito meu serviço, em tanto que por vezes me fizeram dizer asperas palavras a alguns que me lealmente desejavam servir, assim como fiz ao mestre dos engenhos, que d'aqui fugiu com medo que de mim houve, e alguns outros, muito sem porque».

Em todo esto vendo João Duque como queimavam Garcia Gonçalves, com grande menencoria que d'ello houve, mandou tomar uns seis ou sete portuguezes, homens trabalhadores, que tinha presos, e mandou-os todos decepar das mãos e fanar dos narizes, e poer todos as mãos ao collo d'um d'elles, e mandou-os assim ao Mestre, o qual vendo sua desmesurada crueldade, mandou lançar no fundo do engenho, dentro da villa, os prisioneiros que tinha castellãos.

Des-ahi uzando mais de piedade que de rigor de vingança, houve d'um d'elles compaixão, e mandou que se não fizesse. Entonce chegou Nuno Al-

vares, que o Mestre mandou chamar a Evora, onde estava, pera fallar com elle, e trazia comsigo uns setenta de mulas com cotas e braçaes. E ouvindo em Lisboa dizer como os capitães dos logares que dissemos se ajuntavam pera irem dar uma noite sobre o Mestre, houve armas emprestadas pera os que com elles iam, e trigosamente foi a Torres Vedras.

O Mestre soube parte de sua vinda e prougue-lhe muito com elle, e sahiu a receber, e mandou-o bem aposentar. E por tres dias seguintes depois da fugida que dissemos d'aquelles, o Mestre aguardou em batalha as gentes que diziam que haviam de vir sobre elle; entonce nem depois não veiu nenhum que lhe nojo fizesse.

O conde D. Gonçalo e Ayres Gonçalves mandou o Mestre que os levassem ao castello de Thomar, e entregaram-nos ao alcaide, e depois foram levados a Evora.

Entonce deu o Mestre a Vasco Martins de Mello todos os bens moveis e de raiz que a condessa, mulher que fôra do conde D. Alvaro Peres, e D. Pedro de Castro, seu filho, e o conde D. Pedro, seu genro haviam em quaesquer logares do reino, (ca este conde D. Pedro era casado com D. Izabel de Castro, filha do conde D. Alvaro Peres e d'esta condessa D. Maria) assim de terras acastelladas como chãs, resalvando as terras e logares do conde de Vianna, e as que dadas eram por condado ao dito conde D. Alvaro Peres, e mandou que pozessem na dita carta de mercê estas seguintes razões:

« — Por quanto o conde D. Pedro nos trazia bastecida morte e traição, e a dita condessa era em esto consentidora.»

E esta condessa D. Maria se foi pera Castella com D. João Affonso Telles, irmão da rainha D. Leonor, quando se foi d'estes reinos. E deu entonce o Mestre os bens d'elles a Affonso Gomes da Silva.

Outrosim deu o Mestre a Lopo Dias d'Azevedo todos os bens moveis e de raiz que foram de João Affonso de Beça, assim os que lhe elle dera por doação, como quaesquer outros que tivesse, e mandou poer nas cartas estas palavras:

« — Por quanto o dito João Affonso em vivendo comnosco, e recebendo de nós muitas mercês, nos trazia bastecido a morte e traição, como mau e desleal, e se foi pera Castella.»

E não sómente deu dos bens d'elle, mas ainda de Maria Annes Leitoa, sua manceba, moradora em Lisboa, se achassem que fugira com elle, e assim d'outros seus criados.

Onde sabei que n'esta sazão, estando el-rei de Castella em Sevilha armando náus e galés pera mandar sobre Lisboa, ajuntando muitas gentes pera entrar em Portugal, chegou-lhe recado do desbarato do mestre de Christus e da sua prisão e do Priol, e prougue-lhe muito com taes novas, quando lhe contaram o que havira a estes fidalgos que nomeamos, e como eram já de seu bando foi elle muito ledo, entendendo que seus feitos se davam a bem.

Se muito prougue a el-rei, com as novas, tanto prougue á rainha D. Leonor sua sogra, assim da prisão de seu irmão o conde D. Gonçalo, como do desbarato do mestre seu sobrinho; do irmão porque elle lhe não quizera fazer a vontade quando foi a Coimbra com el-rei seu genro, e da prizão do sobrinho porque a não viera tomar ao caminho quan-

do a levavam presa pera Castella, segundo lhe ella escrevera, podendo-o bem fazer. E fallando a aquella hora nos feitos do Mestre, disse:

— « Oh! Mestre como andas vendido e não o sabes».

Perguntando os que eram presentes porque, respondeu entonces, e disse:

— « Porque quantos dentes tem na bocca todos lhe abalam, senão um só».

E esto que dizia era Nuno Alvares.

CLXXIX

Como Vasco Pires tomou voz outra vez por el-rei de Castella.

E contado havemos como, jazendo o Mestre sobre Alemquer, preitejou com Vasco Pires de Camões que lhe desse o logar com certas condições em que se concordaram, recebendo entonce do Mestre soldo, elle e Gonçalo Tenreiro, seu sogro, e tendo assim voz por Portugal soube como Garcia Gonçalves fôra queimado, e como fôra descoberta aquella peçonhenta falla que elle e os outros entre si traziam guardada; e mandou Vasco Pires ao Mestre Gonçalo Tenreiro seu sogro, com modo sobre certas cousas, e quando tornou a Torres Vedras parece que Vasco Pires não foi contente da resposta que lhe trouve, ou por ventura tinha vontade de fazer aquello que fez, e buscou azo de o fazer mais sem prasmo.

Entonce mandou chamar quantos bons havia na villa, assim os melhores como d'outra condição, dando a entender que queria com elles haver conselho, e entonce propoz perante todos e disse estas razões:

— «Amigos, senhores, segundo as cousas que vós vêdes que se acontecem, eu queria saber de vós quejanda é a vossa vontade, ou como quereis que façamos, se vos praz que tenhamos com el-rei de Castella, ou se mantermos voz do Mestre.

«Mas o que a mim parece é esto. Eu vejo que do Mestre são partidos os melhores capitães que elle comsigo trazia, assim como é o conde D. Pedro e D. Pedro de Castro, e João Affonso de Beça, e o conde D. Gonçalo, e Ayres Gonçalves isso mesmo, assim que com elle não fica gente que de conta nem de valor seja. Pois elle sem gente não ha poder de se defender de seus inimigos e contrarios, e d'el-rei de Castella, o qual eu hei por nova certa que a mui poucos dias será aqui com todo seu podor, pera haver e cobrar este reino, que diz que é seu de direito. Ora considerae vós estas cousas, e vêde como vos parece que é bem, e assim me respondei logo, ou quando vos aprouguer de vir a accordo».

E elles porque entendiam em sua vontade o que elle desejava de fazer, disseram que fizesse como melhor entendesse por proveito dos corpos e dos haveres, ca elles prestes eram a fazer quanto elle mandasse e por bem tivesse. Entonce respondeu elle dizendo:

— «Amigos, eu vos digo que já ha muito que cuidei sobre esto, e por segurança de todos nós outros, eu acho que é bom sermos com el-rei de Castella».

E fallando n'esto levantaram-se dentro no castello e mandou levantar um pendão na torre da menagem, e disse a aquelles que hi ficavam da parte do Mestre que se quizessem quedar e ter voz por el-rei de Castella seu senhor, que elle lhe faria muitas mercês, e se lh'o fazer não quizessem que desamparassem a villa e se fossem logo.

Entonce ficou com elle Ayres Pires de Camões seu primo, e micer Lelo Frances, criado do conde D. Alvaro Peres, e foi-se Ruy Cravo e Fernão Gonçalves da Ameixoeira e outros pera o Mestre a Torres Vedras onde estava, e foi isto uma vespera de S. Vicente, vinte e um dias do mez de janeiro d'aquella era.

E mandou Vasco Pires lançar pregão que quantos hi estavam da parte do Mestre que se sahissem logo, sob pena de morte; e os que acompanhavam os que se partiram foram-se com elles, os outros ficaram todos.

Entonce matou muitos gados que andavam arredor da villa, e enviou pelos castellos que enviara a Santarem, e acalmou-se o melhor que poude, e publicou voz por Castella.

Fallando em esto disse de praça, o que lhe houveram por mal pera tal fidalgo:

—«Olhae, que vos valha Deus, que boa preitezia fazia comigo o Mestre: mandei lá meu padre Gonçalo Tenreiro com alguns desembargos, e não me tornou nenhuma cousa; inda se me trouvera mil dobras emburilhadas em um trapinho, guardar-lhe-hia a preitezia, pois me não trouve nada, não curo de lh'a guardar».

O Mestre quando ouviu dizer que Vasco Pires se alçara com Alemquer e tomara d'aquella guisa

voz por Castella, começou de se rir, mostrando que não dava por isso, e disse contra os outros:

—«A mal se me querem dar estes meus vassallos».

Entonce fallou com Nuno Alvares que era bem de alçar d'ahi seu cerco, pois o logar era assim forte de tomar, que cumpria de tomar gran detença sobre elle, mórmente que lhe era tão necessario chegar a Coimbra, onde se juntavam todos os fidalgos e concelhos do reino pera fallarem nos feitos da guerra, e que maneira se havia de ter pera a continuar, e que a partida fosse d'ahi a quinze dias, e Nuno Alvares mandasse em tanto chamar suas gentes.

CAPITVLO CLXXX

De como o Mestre partiu de Torres Vedras e foi a Leiria, e des-ahi a Coimbra.

ORDENOU o Mestre de alçar seu cerco e ir-se caminho do Coimbra, onde era certo que por seu mandado estavam juntos todos os bispos e procuradores das villas e cidades que sua voz entendiam manter, segundo foram chamados pera ordenar com elles como haviam de seguir sua guerra, que tão necessariamente eram postos. E porque alguns artificios de combate que ali estavam, e mais dois engenhos, não se podiam levar como cumpriam a Lisboa, mandou o Mestre poer fogo por se d'elles não prestarem os inimigos.

Onde sabei que n'esta sazão era o termo de Lisboa muito damnificado com gran mingua de mantimentos por a vinda e estado de el rei de Castella,

e isso mesmo no termo de Torres Vedras e d'outros logares derredor.

E vendo muitos lavradores e outras gentes que moravam em elles, como ficavam assim tão minguados em poder de castellões, constrangidos por tal necessidade, não sabendo o que lhe havia de vir depois, e quando souberam que o Mestre se queria ir, vieram-se pera elle com mulheres e filhos, e muitas crianças pequenas. Assim que quantos moravam no arrabalde de Torres Vedras e no termo, e em alguns outros logares, todos ali foram juntos.

O Mestre quando viu tantas gentes da condição, e como bradavam uns e outros que se amerceasse d'elles e as levasse em sua companhia pera haverem algum mantimento, e não serem postos em poder dos seus inimigos, foi posto em cuidado, e mais lhe prouguera com outros tantos homens d'armas que o ajudaram, que levar comsigo homens e mulheres e parvos, compridores de muita miseria, com tantos e de tal guisa que lhe podiam entonces chamar padre de muitas companhas, porque até um cego que morava no arrabalde, ouvindo como o Mestre se partia d'este geito com aquellas gentes, começou de bradar grandes brados, rogando por Deus que o levasse comsigo e não ficasse em poder de tão más gentes.

Nuno Alvares quando esto ouviu, movido com dó e piedade d'elle, mandou que lh'o pozessem nas ancas da mulla em que ia, e d'esta guisa foi com os outros.

Entonce partiu o Mestre com elles assim como Moysés quando trouxe os filhos de Israel pera o deserto, em esta ordenança: e elles iam todos diante, e elle com suas gentes detraz, que seriam até seis-

centas lanças, das quaes iam encavalgados cento e cincoenta, e as outras todas de pé com cotas e laudeis vestidos, e os bacinetes ao pescoço nas fachas, e assim andavam suas trabalhosas jornadas, as quaes o Mestre mandava que não fossem maiores que quanto aquella pobre gente podesse andar passamente, que eram duas e tres leguas.

Quedou o cego em um logar, onde se contentou de ficar, e ás vezes ia o Mestre a pé com os seus, por lhe fazer boa companhia, como era seu costume, e assim passaram por entre Obidos e o Cadaval, e n'aquella villa de Obidos se lançou com os castellãos Alvaro Fernandes Turrichão, commendador de Montemór-o-Novo.

Des-ahi foram a Alcobaça, cujo castello tinha voz do Mestre com outros logares da ordem, de que então era abbade D. João Dornellas, que sempre bem serviu.

E chegando a Leiria, onde pensou achar bom acolhimento em Garcia Rodrigues, alcaide do logar, e elle uzou muito d'outra maneira, tendo razão de fazer o contrario, ca o Mestre havia a villa por sua, segundo Garcia Rodrigues por suas cartas dera a entender, fazendo-lhe o Mestre grandes mercês, assim no cerco de Lisboa, como jazendo sobre Alemquer, assim como homem de que esperava bom serviço em tal tempo, e assim o dizia o Mestre de praça, e nas cartas das mercês suas razões mandou poer, dizendo d'esta guisa:

« Que nós vendo e confirando o muito estremado serviço que até aqui recebemos, e entendemos de receber ao diante de Garcia Rodrigues Taborda, alcaide do nosso castello de Leiria, e querendo-lh'o nós agalardoar como a bom servidor, fazemos-lhe

doação pera todo o sempre do nosso logar de Porto de Mós, com seu termo e rendas e direitos.»

E assim dizia na carta da mercê quando lhe deu as jugadas do pão de Leiria, e quando lhe fez doação da terra da Nespreira e d'outros logares no termo de Vizeu, e assim em outras partes, e cartas de mercês de que não cumpre fazer menção.

Ora vêde se tinha razão o Mestre de cuidar que esta villa estava por sua, um homem a quem tantas mercês e outras muitas havia feito. E com todo nunca outra resposta pôde haver d'elle quando por ahi chegou, salvo que elle fizera menagem d'aquelle logar á rainha D. Leonor, ca a ella o entendia entregar e não a outrem nenhum. E quando do Mestre muito postaram com elle, disse que não faria d'elle graça nenhuma até que Deus pozesse fim a estes feitos, como sua mercê fosse. Assim que se ao Mestre abalaram todos os dentes, como a rainha disse em Castella, bem abalou este e apodreceu, até que cahiu de todo, como fizeram os outros.

CAPITULO CLXXXI

Como o Mestre chegou a Coimbra e foi bem recebido de todos os da cidade.

Partiu o Mestre de Leiria caminho de Coimbra, sem fazer mais detença. Em aquelle logar se lançou D. Affonso, irmão de D. Pedro de Castro, com Garcia Rodrigues, mas sobre a tenção que o Mestre levava desacordam alguns doutores,

por cujo azo pera certidão se offerecem aqui desvairadas razões.

Uns escrevem que o Mestre ia a estas côrtes sobre o titulo de Rei, que era requerido que tomasse, se o tomaria ou não. Outros contam que sua tenção era, salvo governar e defender o reino até que o infante D. João fosse solto pera depois lh'o entregar, e que esta era a mais honrada façanha que nenhum homem podia fazer, da qual elle seria mui louvado de todos aquelles que esto soubessem. D'elles diziam que elle não mandava fazer tal ajuntamento senão pera ordenar o proseguimento da guerra, como se haveriam pera ella as despezas.

Outros affirmam que todos os conselhos eram alli juntos sómente pera fazerem rei, e que elle tal vontade levava, e que esto acabado, então fallariam no feito da guerra e cousas que a ello cumpriam.

Em esta razão, segundo nos parece occupam mór parte da verdade das outras, porque na procuração que Lopo Martins, corregedor a aquelle tempo de Lisboa, e João da Veiga, e Affonso Gonçalves, e Silvestre Estevens, e Alonso Gil e outros muitos da cidade fizeram a Pedro Affonso Sardinha e a Martim Lourenço, seus cidadãos, quando os enviaram a estas côrtes, logo em ella estas palavras e poder especialmente pozeram, dizendo «que por elles, e em seu nome, podessem alçar e receber por rei e senhor d'estes reinos o mui nobre senhor D. João, Mestre da cavallaria d'Aviz, e lhe fazer seu preito e menagem como a seu rei e senhor, e receber d'elle promessas de lhe guardar e manter seus privilegios, preitos e costumes.»

E assim dizia o do concelho d'Evora e todos os outros das villas e cidades do reino que entonce alli

eram juntas, em que se claramente mostra que especialmente ia por esto.

E indo assim caminho de Coimbra, ante que lá chegasse, sahiu a recebel-o com todos os seus, Gonçalo Gomes da Silva, que estava em Montemór-o-Velho, que já tinha voz por elle. E o Mestre lhe fez grande honra e gazalhado.

Mas não o sahiu a receber Gonçalo Mendes de Vasconcellos, que estava na cidade e tinha o castello, dizendo, como dissera Garcia Rodrigues, que tinha voz da rainha D. Leonor, cujas eram todas as menagens depois da morte d'el-rei D. Fernando, e que a ella havia de obedecer, como quer que alguns diziam que elle vontade tinha de tomar voz por Portugal, porquanto el-rei de Castellla britara os tratos entrando no reino ante do tempo que lhe ere devido. Des-ahi porque dois seus filhos como ouvistes, andavam com o Mestre já tempo havia.

Outros querem dizer que Gonçalo Mendes estava assim não tendo com Portugal nem com Castella até que visse o que ia melhor, e com aquella parte ter, como faziam outros. Mas porém elle não guardou tanto, que logo d'ahi a poucos dias se tornou pera o Mestre e foi na eleição sua, quando o alçaram por rei.

Os da cidade fizeram prestes pera ir receber o Mestre, e a clerezia em procissão, e os leigos com seus jogos e tribilhos. E des-ahi os fidalgos e conselhos que ahi eram todos, juntamente de bestas, como melhor podiam, e em se corregendo uns e outros, começaram muitos apoz de sahir fóra da cidade per o caminho per onde vinham o Mestre, com cavallitos de cannas, que cada um fazia nos canaviaes com pendões correndo todos, e bradando:

—Portugal, Portugal, por el-rei D. João, boa hora venha o nosso rei.

E assim foram por mui grande espaço, acerca de uma legua.

O Mestre e Nuno Alvares, e muitos dos que hi vinham, maravilhavam-se d'esto muito, havendo por cousa estranha, e assim como milagre, dizendo que Deus os movera a fazer aquello e fallava por aquelles moços, como por boccas de prophetas, e assim vieram ante elle até á cidade, onde foi com grande honra recebido.

Quando o Mestre chegou acerca d'ella, viu estar a porcissão, desceu-se elle e todos os outros das bestas, e humildosamente fincou os giolhos em terra e beijou a cruz, e veiu-se de pé com a porcissão, e entrou pela cidade com gran festa e prazer que com ella vinham, e levaram-n'o aos paços da Alcaçova onde havia de pousar.

E foi esto no mez de março, uma sexta feira, tres dias andados d'elle, da era já nomeada.

CAPITULO CLXXXII

Das razões que se fallavam ante que entrassem ás côrtes, e nomes d'alguns que a ellas estiveram.

Juntos alli estes fidalgos e prelados que Portugal defender entendiam, e procuradores de certas villas e cidades do reino, começaram de fallar uns com os outros, assim cavalleiros como escudeiros, e d'outra meã gente, tambem de praça como a departe, sobre a governança da terra e quem era bem de reinar.

Os que eram affeiçoados ao infante D. João, que jazia preso em Castella, bradavam de toda aquella parte, e sem mais duvida que em ello pozessem, davam-lhe logo o reino por direita linha e herança, dizendo que elle sómente havia de reinar, e outro nenhum não, e que o Mestre era bem de reger e governar o reino até que elle fosse livre e solto, ou se em elle fizesse outra cousa. E se acontecesse de morrer reinaria o infante D. Diniz, seu irmão, ou o Mestre, ou quem vissem que era mais razão e proveito do reino, mas que em elle outro rei não, visto o tempo e ponto em que eram postos, era cousa mui errada e não pera consentir.

E esta parte tinham certos fidalgos, d'elles de praça e outros caladamente, e especialmente Martim Vasques da Cunha e seus irmãos, e alguns alliados a elles. O maior conto dos outros fidalgos e povo meudo, eram de todo contra esta tenção, dando muitas razões a não ser assim, dizendo que um era preso d'onde nunca havia de sahir, maiormente que viera fazer guerra ao reino, e o outro sim isso mesmo em tempo d'el-rei D. Henrique, e portanto cumpria eleger tal que regesse o reino e se pozesse por elle, sem mais curar d'outros herdeiros que hi houvesse d'haver.

E sobre esto fallavam tanto a meudo suas desacordaveis razões, e ás vezes por tão desacordaveis palavras, que já notorio era a todos quaes fidalgos contradiziam o Mestre haver de ser rei, e quaes razoavam por sua parte. De guisa que foram postos em dois bandos, de que o Mestre já havia noticia.

E em todo esto chegou o dia em que haviam de entrar ás côrtes, nas quaes eram presentes estes prelados, s. D. Lourenço, arcebispo de Braga, D. João, bispo de Lisboa, D. Lourenço, bispo de La-

mego, D. João, bispo do Porto, D. João, bispo de Evora, D. Frei Rodrigo, bispo da dita cidade, D. Frei Vasco, bispo da Guarda, o priol de Santa Cruz, o Abbade de S. João de Alpendurada e o Abbade de Bestellos, e Ruy Lourenço Adayão, de Coimbra, grande lettrado, e outras honradas pessoas ecclesiasticas.

Outrosim dos fidalgos estava hi Vasco Martins da Cunha o Velho, Vasco Martins de Sousa, Ruy Homem, Nuno Alvares Pereira, Gonçalo Vasques Coutinho, Martim Vasques da Cunha e Lopo Vasques, e Gonçalo Mendes de Vasconcellos, Mem Rodrigues e Ruy Mendes seus filhos, Diogo Lopes Pacheco, João Fernandes e Lopo Fernandes, seus filhos, João Pereira, Alvaro Pereira, Gonçalo Gomes da Silva, João Gomes, seu filho, Martim Affonso de Souza, Vasco Martins de Mello e Martim Affonso de Mello, seu filho, Estevão Vasques de Goes, Estevão Vasques de Rezende, Affonso Vasques Correia e Alvaro da Cunha, e outros que não nomeamos.

Isso mesmo estavam hi assim como Affonso Furtado, capitão-mór da frota, Affonso Eanes Nogueira, Gonçaleannes, de Castello de Vide, que se viera já pera o Mestre, Fernão Rodrigues, que depois foi mestre d'Aviz, Martim Gil, commendador-mór da ordem de Christo, Pero Lourenço de Tavora, Ruy Lourenço, seu irmão, Alvaro Gil Cabral, Lourenço Mendes Carvalho, Gomes Martins de Lemos, Nunes Viegas, o moço, Ruy Vasques Cavalleiro, Egas Coelho, Gonçalo Gonçalves Borges, Martim Affonso Valente, Estevão Vasques Filippe, Ruy Cravo, e outros muitos cavalleiros e escudeiros de boa conta, e muito outro povo. Procuradores das villas e cidades eram hi juntos áquelles que nomeámos por confessores ante d'esto em seu logar.

CAPITULO CLXXXIII

Como o doutor João das Regras propoz em as côrtes mostrando que havia quatro herdeiros do reino.

E elles todos em um Paço postos em assecego, em boa ordenança, era ahi um notavel barão, homem de perfeita auctoridade e cumprido de boa sciencia, mui grande lettrado em leis, chamado doutor João das Regras, cuja sotilidade e clareza de bem fallar entre os lettrados é teudo em conta.

Este propoz n'aquellas côrtes, tendo cuidado de mostrar por sciencia, razão e verdade, o proveito de tão grão negocio, como este aos povos ficar depois encarrego de escolher qual determinação quizessem.

Mas quem poderia reter, segundo alguns escrevem, a abundança de seu bom follar, e como se houve tão sabedormente ácerca de tão alto feito, das quaes cousas alguns leigos leixando as migalhas, do que percalçar podiam, em escripto dizem que começou d'esta guisa:

— «Senhores fidalgos, louvadas pessoas, que hora de presente estaes, bem sabeis como somos aqui juntos pera com a graça de Deus e sua ajuda havermos de trabalhar e acordar as cousas que cumpridouras são pera regimento e governança d'estes reinos, especialmente em feito e defensão da guerra, na qual fomos postos, e temos tão prestes, como todos bem sabeis; e mais pera fallarmos se estes reinos, depois da morte d'el-rei D. Fernando, que d'elles postrimeiro possuidor, ficaram vagos e desampara-

dos, sem rei e defensor lidimo que os possa e deva herdar de direito, pera sobre ello provermos como nos Deus ajudar, de guisa que o reino seja mantido em direito e em justiça, e nós guardados e defensos de nossos inimigos e contrarios. Mas porque alguns dizem que não ha herdeiro de direito, porém eu, por tirar tal debate dentre vós e fadiga, em favor das razões dos que devem herdar, quero mostrar que não sómente ha hi um herdeiro, mas que temos assaz d'elles, de que podemos tomar qual nos aprouguer.

«Mas ante que d'esto façamos palavra quero responder a uma razão que se aqui move da parte d'alguns, dizendo pois somos tão poucos, que não podemos escolher nem eleger rei, pois que o reino é em si diviso e não somos todos em um accordo, mas que leixemos assocegar estes feitos, e depois que a Deus prouguer de o reino ser todo de um accordo e posto em assocego, como d'ante era, que entonce devem todos de eleger rei, qual mais entenderem que é proveito da terra, e sua eleição será valiosa, pois é com accordo de todos, e não tão poucos como ora somos, e d'outra guisa não é de fazer, nem valeria tal eleição. Mas os que esto dizem não são de culpar, porque não ha fundamento em infinança de direito. Ca se o Papa, que é maior cousa, póde ser elegido por um só cardeal, morrendo todos e ficando elle só; e ainda, se este morrer, a clerezia póde eleger Pastor da egreja, e ser verdadeiro Papa, quanto mais nós outros em tal necessidade postos, ainda que poucos sejamos, e o reino em si diviso, podemos eleger quem reja o reino e nos ampare de nossos inimigos, e sobre esto não cumpre despender tempo nem detença de palavras. Maiormente que

aqui são juntos bem cincoenta procuradores de villas e cidades do reino.

«Mas leixando esto, venhamos a proposito e vejamos, pois estes reinos são desamparados e hão mister rei e defensor que se por elles ponha, se temos herdeiro pera elles, que os possa e deva herdar de direito, acharemos que muitos, de que podemos tomar um. E digo-vos d'el-rei de Castella, o qual era primo co-irmão d'el-rei D. Fernando, em cujo parentesco não é de poer duvida, ca el-rei D. Fernando era filho de D. Constança, mulher que foi d'el-rei D. Pedro de Portugal, e este rei de Castella é filho de D. Joanna, mulher que foi d'el-rei D. Henrique, e ambas irmãs filhas de D. João Manuel; e assim eram primos co-irmãos, filhos de duas irmãs. E além d'esto elle está casado com D. Beatriz, filha lidima do dito rei D. Fernando, que foi postimeiro possuidor d'elles, e assim herdeiro dos ditos reinos, e isso mesmo el-rei seu marido por bem de tal casamento. E posto que hi não houvesse este, temos o infante D. João, e D. Diniz, filhos d'el-rei D. Pedro, irmãos d'el-rei D. Fernando, os quaes são vivos e são chegados parentes, que se não pódem dizer com razão que os reinos são vagos e sem successor que os deva herdar. E assim temos herdeiros».

CAPITULO CLXXXIV

Razões d'aquelle doutor porque a rainha D. Beatriz não podia herdar estes reinos.

Vistos temos assaz herdeiros de que podemos tomar um qual ante quizermos, fica grão processo de arrazoar qual d'elles deve ser escolhido que dignamente reine, segundo os direitos que tem.

«E por nos escusar d'este trabalho, eu quero mostrar por vivas razões e direitos que estes reinos são vagos livremente de todo, e nenhum dos que nomeei não deve nem póde succeder em elle, posto que a alguns pareça o contrario, por as razões que por sua parte disse.

«E para vós isto, senhores, claramente vêrdes, cumpre primeiro d'ante vós tirardes toda a affeição e bem querença que a algumas d'estas pessoas tenhaes, a qual n'estas côrtes não deve de ter voz, nem deve pouzar com nenhum de vós outros; porque segundo sabeis, dizem a affeição de todo homem deve ser leixada, pois por ella o entendimento perde seu entender e arrazoado juizo, de guisa que não julga o que direitamente entende, mas segundo aquello que ama, assim perverte o juizo da razão. Porém nós, leixando tal liança de affeição, vejamos todos o mais proveitoso, segundo a necessidade em que somos postos requer, e assim com a graça de Deus e sua ajuda, que deu bom começo a nossos feitos, encaminhará dar bom fim a este ne-

gocio, de guisa que seja a seu louvor e serviço, em honra e defensão d'estes reinos.

«Ora, senhores, eu disse que tinhamos assaz de herdeiros pera escolher um, qual quizermos, e movi primeiro el-rei de Castella, dizendo que era primo co-irmão d'el-rei D. Fernando, postrimeiro rei que foi d'estes reinos, e per bem do divedo, e des-ahi poer a parte da rainha sua mulher, filha do dito rei, que ella havia no reino direita herança. Do divedo não curo, pois que hi ha outros mais chegados parentes, que são irmãos, mas d'elle poder herdar por bem do casamento de sua mulher; des-ahi por bem dos tratos que por azo de tal casamento foram feitos entre estes reinos e os de Castella. Esto digo que não póde ella ser por nenhuma guisa, e provo-o d'este modo:

«A rainha D. Beatriz, mulher que era d'el-rei de Castella, não era lidimamente nada, ca sua madre, ao tempo que cazou com el-rei D. Fernando não podia casar com elle, e per direito tal casamento era nenhum. Tão pouco póde ser a filha legitima pera succeder, nem poder herdar.

E que ella casar não podesse, bem o sabem quantos aqui estão. Certo é que a rainha D. Leonor, antes que casasse com el-rei D. Fernando, não podia casar com elle, e por direito tal casamento era nenhum, ca ella fôra casada com João Lourenço da Cunha, do qual houve uma filha, que morreu, e Alvaro da Cunha, que aqui está. E posto que, depois que a el-rei tomou, lhe ella chamasse Alvaro de Sousa, dizendo que era filho de Lopo Dias de Sousa, e de uma mulher de sua casa, que chamavam Elvira, e esto por se dar por virgem a el-rei D. Fernando, dizendo que seu marido nunca com ella dor-

mira, e se el-rei gabasse que a achara virgem, certo era que elle era seu filho, que quando João Lourenço foi doente em Lisboa, que o Mestre o foi vêr, ante que morresse, elle lhe pediu por mercê que a este moço desse seus bens e lh'os leixasse haver e possuir como seu filho que era, o qual nunca ouzara nomear por filho em vida d'el-rei D. Fernando, e assim os houve e herda agora como todos sabem.

«Ora sendo ambos assim cazados havia já uns tres annos, el-rei D. Fernando lhe tomou a mulher, recebendo-a depois de praça, o que fazer não podia, sendo seu marido vivo, a que muito pezou de tal feito.

«E se alguem disse que é verdade que a rainha D. Leonor era parenta de João Lourenço, que não podia ser seu marido, e assim podia casar com outro e ser o casamento valioso, respondo que esta razão não desfaz meu proposito, porque foi muito pelo contrario, ca elles houveram dispensação de Roma pera seu matrimonio ser valioso, segundo sabe Diogo Lopes Pacheco e outros muitos que aqui estão, e isso mesmo Vasco Martins de Sousa, que a viu e teve na mão, que lh'a mostrou o Conde Velho, fallando com elle acerca d'estes feitos, e assim era sua lidima mulher e elle seu marido, e não podia casar com outrem.

«Por outra razão digo ainda que não podia ser sua mulher por nenhuma guisa, sem haver pera ello especial dispensação do Papa, porquanto ella era sua cunhada bem chegada, sendo el-rei D. Fernando e João Lourenço seu marido de segundos co-irmãos, e vede de que guisa João Lourenço da Cunha foi filho de D. Maria de Butteiros, neto de Martim Affonso Chichorro, irmã d'el-rei D. Diniz, filha de

D. Maria sua filha e de Gonçalo Eanes de Butteiros; e el-rei D. Fernando era filho d'el-rei D. Pedro, neto d'el-rei D. Diniz, filho d'el-rei D. Affonso, o quarto seu filho.

«Assim que o dito rei D. Fernando e João Lourenço seu marido eram terceiros co-irmãos, filhos de segundos co-irmãos, e assim se nomeavam por vezes. E sei que este divedo saberá bem Vasco Martins de Sousa, que vem e descende d'aquella linhagem.

«Ora vêde como podia ser sua mulher lidima, e os filhos taes que podessem e devessem herdar, se casava com mulher casada, sabendo bem quem era seu marido, e tão chegado parentesco.

«Porém tal casamento não era valioso quanto a Deus nem quanto ao mundo, ante foi vergonha e escarneo de ouvir, assim n'estes reinos como nos de Castella.

«E ainda mais venha a outra razão, posto que mingua aqui não faça, e digo que toda mulher que é infamada, que faz maldade a seu marido, e d'esto ha publica voz e fama, que os filhos que d'ella nascem, o direito presume, e os ha por suspeitos, que podessem ser não de marido, ca pois ella com dois dorme, mal será certo de qual d'elles emprenha.

«E por esta guisa fez uma vez a rainha D. Leonor a el-rei D. Fernando, que não tomou por seu filho um cachopo, que pariu uma mulher casada com que elle dormia, o qual elle já tomava sem poer duvida, cuidando pouco em tal cousa; e a rainha que n'este feito era mais sagaz, perguntou á mulher por o tempo que houvera da dormida de seu marido com ella, até que el-rei com ella se ajuntara, e achou que fôra tão pouco espaço, que não havia poder di-

zer certo cujo era aquelle filho, e d'esta guisa lh'o fez engeitar.

«Ora ao nosso proposito: que a rainha D. Leonor fosse infamada que não era leal a seu marido, e isso mesmo e porque guisa, não cumpre d'ello fazer mais sermão porque muito melhor é calar taes cousas por serem feias, que vergonhosamente as publicar. E assim torno á minha razão; que se nos herdeiros houvessemos de escolher d'estes que já comecei, não tomariamos nós sua filha, d'esta, pois que o direito a tem por suspeita, ca nós não devemos tomar por herdeira pessoa duvidosa, que reine sobre nós, mas muito certa e sem suspeita. Pois como faremos certo o que o direito ha por incerto? Nem como diremos que nasceu lidima, na qual o direito põe tal suspeição? E se algum mais disser que muitos filhos de tal mulher herdam seus bens e os dos maridos, sem lhes poendo tal contradicção, confesso-o por algumas cousas. Consente-os o direito nos ligeiros casos e pequeno, que nos grandes duvido muito; e não outhorgo, pelos perigos que se seguir podem; assim como é na herança de um reino, ou similhante cousa, que não fazem em uns poucos de bens de pequena conta, que ficam d'um homem e d'uma mulher. Assim que herdeiro duvidoso no ponto em que estamos e somos postos, não pertence havermos por senhor.»

CAPITULO CLXXXV

Outras razões d'esse mesmo doutor porque el-rei nem sua mulher não devem de ser tomados por senhores.

LEIXANDO taes impedimentos da parte da madre, e outros de sua pessoa em que nos podiamos deter, assim como ser ella sobrinha de seu marido, filha de seu primo co-irmãos, e sem despensação que hi houve, não já de verdadeiro Papa, e outras taes razões com que se por direiio podia mostrar seu casamento ser nenhum, venhamos a outra maior contradição.

Certo é que a herança que elles n'estes reinos houveram d'haver, havia de ser ha certos annos e certas condições, as quaes elle e sua mulher juraram guardar, com grandes penas nos tratos conteudas, as quaes el rei todas aprovou ante que a por mulher tomasse, quando a em Badalhouce recebeu, jurando el-rei por sua fé real e os Santos Evangelhos corporalmente tangidos, e pelo Corpo de Deus consagrado, que o bispo da cidade revestido em pontifical com uma patena tinha, sobre a qual el-rei poz suas mãos, jurando por elle que guardasse e cumprisse todas as couzas, e cada uma d'ellas conteudas em elles; e que nunca viesse contra elles em parte nem em todo, por si nem por outrem, em escondido nem por feito, nem por direito nem por outra nenhuma maneira. E vindo contra todas, ou contra cada uma d'ellas razoando, ou fallando

em parte ou em todo, directamente ou pelo contrario, em publico ou em segredo, que não valessem nenhuma cousa e ficasse logo de fé perjuro, e mais que pagasse por pena cem mil marcos de ouro. E cahindo em tal pena, que a elle prazia e dava logar a el-rei D. Fernando, ou a aquelles que pera esto poder houvessem, e a todos os do reino de Portugal, que por sua propria authoridade, sem outra ordem de juizo, podessem fazer penhora e entrega nas villas e cidades, e bens de seu reino, fazendo guerra a elle e a todos seus naturaes, até que fosse entregue dos ditos cem mil marcos d'ouro, por a qual guerra el-rei de Castella não podesse fazer presa nas terras e bens dos portuguezes, mas que quantas vezes viesse contra os ditos tratos em parte ou em todo, que tantas vezes pagasse os ditos cem mil marcos d'ouro; prometendo de nunca allegar nenhuma excepção por si nem por outrem, nem por outra legitima razão, nem fôro, nem decretal, nem lei, nem costume, nem façanha, nem outro direito, sometendo-se á pena da excumunhão, e de interdicto posto sobre elle e seus reinos, vindo contra os ditos capitulos, ou cada um d'elles. E fazendo-o, que perdesse o direito que havia nos reinos de Portugal, por qualquer guisa que fosse.

E por esta guisa o jurou a rainha D. Beatriz por seu marido, e outhorgamento depois que foi em poder d'elle, e assim o juraram ao corpo de Deus consagrado, tangido por suas mãos, os senhores e vassallos de seu reino, fazendo preito e menagem nas mãos de Gonçalo Mendes de Vasconcellos, que aqui está, que não guardando el-rei de Castella, seu senhor, os tratos na forma em que eram postos, ou fosse contra uma só cousa em elles conteudas, se

desnaturassem e tivessem com os portuguezes e lhe fizessem guerra; e não o fazendo assim, que cahissem n'aquelle caso que cahem aquelles que trahem os castellãos, ou matam seus senhores.

Pois se nós houvessemos de demandar tantos cem mil marcos de ouro, quantos elle incorreu de penas, e elle jurou em estes tratos, e os começou de quebrar, não avondaria o reino de Castella, ainda que o todo mercassem em pregão, pera pagar tão grande somma.

Por outra cousa mui forçada digo ainda, que razão nem direito não querem consentir, que posto que el-rei britara os contratos, não viera contra o juramento que fez, porque algum direito se no reino tinha, que elle não deve ser nosso rei, nem sua mulher tomada por rainha, a qual razão é esta:

Certo é que mais devemos obedecer a Deus que aos homens, nem lei nenhuma não é direita lei senão é conforme com a lei de Deus e mandados da egreja, e pois que o Papa a fôra peccados, assim como a Deus, a quem despreza o que elle manda despreza a Jesus Christo, cujas vezes tem.

Ergo de seu mandado por nenhuma guisa devemos desviar, quanto a Deus nem contra o mundo, pois que comprido poder tem sobre a terra, em tanto que não sómente sobre christãos mas ainda sobre todos infieis tem poderio e juridição, porque todos são suas ovelhas, as más e as boas. Nem devemos de não dar razão porque o Papa que é vigario de Christo isso possa fazer ou não. Pois se os judeus e os infieis o Papa os póde castigar e punir, dos christãos não pode ter duvida, o qual Papa é pastor, e deve ser um e mais não, sob cuja obediencia nenhum não pode haver salvação, posto que

seja martyr por amor de Jesus Christo Nosso Senhor, se em scisma persevera e é fundado.

Ergo justamente o Papa póde mandar punir quaesquer scismaticos não obedientes á egreja.

Pois se o Papa Urbano nosso pastor, e Deus sobre a terra nos manda, e amoesta, que persigamos todos os scismaticos e infieis, assim como hereges e membros talhados da egreja, e havendo-os por escumungados da maior escomunhão, outhorgando-nos por esto aquelles privilegios e perdoanças que outhorgam aos que vão contra os inimigos da fé em ajuda da Casa Santa; como tomariamos nós por nosso rei e senhor quem fôr e é tão claramente contra elle, e cabeça de tanta maldade e scisma?

Certamente não é dizer que notorio é que el-rei D. Fernando, logo no começo da scisma, teve com nosso senhor o Papa Urbano, e depois por aficados rogos d'el-rei de Castella, por o antipapa, até á vinda dos inglezes, que fizeram tomar a primeira verdade. Pois se el-rei de Castella e aquelles que sua tenção tem, por suas maldades e indigno proposito por nosso senhor o Papa, assim como scismaticos e herejes por sentença são condemnados, como tomariamos nós taes pessoas por nossos reis e senhores? E por isso dizem os direitos que em peccado e maldade de paga vive qualquer que affirma que é christão e á Sé Apostolica despreza obedecer, e não sem razão, porque o Senhor Jesus Christo ordenou e ajuntou a si uma catholica só egreja, a qual não recebe em si despartimento nem divisão, mas deve ser uma unidade sempre e perpetualmente.

E estes scismaticos e hereges querem trabalhar a egreja de Deus, e vestidura do Senhor não cozida, peccando na fé contra aquelle artigo:

«Creio no Espirito Santo, e uma Santa Catholica Egreja.»

Pois havemos nós de tomar scismatico e infiel herege por nosso rei, o qual os direitos e nosso senhor o Papa defendem que não façamos, nem queira Deus que tal erro passe por nós, mas defendamos a nossa terra, que justamente podemos fazer.

E nenhum não praza por erronea e indiscreta condição o contrario d'esto haver effeito.

CAPITULO CLXXXVI

Como o doutor mostrou claramente que nunca foi certo que D. Ignez fosse mulher de D. Pedro.

Ora pois que temos el-rei e a rainha não pertencentes pera reinar, vejamos se achamos outros alguns chegados parentes que reinem em logar d'elles, e temol-os logo muito prestes, que são os infantes D. João e D. Diniz, filhos d'el-rei D. Pedro, dos quaes muito parece sobejo razoar, fallar homem se devem herdar ou não, por que assim como o que se quer salvar nenhuma cousa duvida na fé que crê, assim estes sem mais duvida sempre são prestes a ouvir que são lidimos herdeiros sem contradição que em ello ponham.

E porque se alguns acostam a esta parte, e nós não cahirmos assim de ligeiro, pezemos ante bem esta cousa sem affeição que se de nós assenhoreie e ponhamol-a em pezo razoado, segundo rezam e

o direito quer, e assim podemos vêr se a verdade contradiz ao desejo de taes, porém nossas razões claramente hão-de ser encaminhadas por saber a certidão d'esto sem outros argumentos nem mais disposição, a antiga verdade protesta por saber duas cousas d'aquelle negocio: a uma se foi certo que D. Ignez, mulher d'el-rei D. Pedro, era recebida com elle; a outra, posto que a recebesse, se podia ser sua mulher de direito, e os filhos taes que podessem herdar.

«E de muitos cuidarem ser sua mulher e recebida, esto não é de maravilhar, que vistos os juramentos que el-rei e outros sobre esto fizeram, des-ahi as razões que o conde de Barcellos em esta cidade propoz n'aquelle tempo, e mais uma lettra de dispensação que logo publicou perante todos, bem é de cuidar ser sua mulher vera, sem outra dúvida que se n'ello deva de poer.

«E porque estas cousas a todos são notorias, e ha aqui muitos que de presente foram, não curo de porlongar mais como isso passou.

«Mas respondendo á primeira razão, que cumpre de saber se foi ella sua mulher, eu não digo que foi certo em vida d'el-rei D. Affonso nem depois, que a elle recebesse por mulher, posto que fizessem aquellas avondanças que aqui fizeram.

«E de não ser sabido em vida d'el-rei seu padre, mostra-se claro por esta guisa:

«Certo é que vivendo el-rei D. Affonso, padre d'este rei D. Pedro, sendo o infante casado com D. Constança, foi trazida á côrte d'el-rei D. Ignez de Castro, sobrinha de D. Tereja d'Albuquerque, pera andar por dama da rainha, e andando assim em casa d'el-rei, sendo ella de bom parecer, namorou-

se d'ella o infante D. Pedro, e por novos geitos que com ella começou de ter, o entendeu el-rei seu padre, e além d'elle ser mui cioso, como já ouvirieis contar, desprougue-lhe de taes amores, assim por D. Constança a que queria grande bem, como por D. João Manuel, com quem havia grande liança, e ordenou logo de a mandar pera sua terra.

«E estando assim com ella, aconteceu de morrer D. Constança, e não esquecendo ao infante a bemquerença atrás passada, mandou seus recados á tia e á sobrinha, de guisa que a houve, da qual guisa muito desprougue a el-rei seu padre, maiormente porque alguns diziam que era sua mulher, trazendo-a assim o infante comsigo, havendo seus filhos.

«Por tirar el-rei duvida se era sua mulher ou não, estando em esta cidade, e pouzando o infante n'aquelles paços de Santa Clara, mandou lá el-rei a Diogo Lopes Pacheco, que aqui está, e mestre Joanne, que era do seu conselho, pelos quaes lhe mandou dizer, que pois lhe não prazia casar com filha de rei, e tanto amava D. Ignez, que cazasse com ella e a recebesse por mulher, e que a elle prazeria d'esto e honral-a-hia como sua mulher. E o infante respondeu que não era seu talante ao fazer por aficamento que sobre ello lhe fizessem, nem cuidava de a receber em dias de sua vida.

«E fallando el-rei com seus prelados ácerca de tal resposta, disseram alguns que entendiam que o infante o não leixava de fazer, salvo por tal casamento ser muito desconveniente pera elle. Porque D. Ignez, quando á primeira veiu pera a côrte, não se chamava D. Ignez, mas Ignez Pires de Castro, filha bastarda de D. Pedro de Castro. E ainda vos digo que nunca ouvi dizer quem fôra sua madre, nem

achei em escripto. E depois que o infante a tomou e trouxe comsigo, então lhe chamaram D. Ignez, e d'esta guisa nunca foi sabido em vida d'el-rei D. Affonso que a el-rei recebesse por mulher, nem o infante tal cousa dissesse.

«E se alguem quizer dizer contra esto que razoo, dê juramento a Diogo Lopes Pacheco, que aqui está, se é verdade aquesto que digo, e eu cuido que dirá de aquesta guisa se passou; nem chamaram a seus filhos infantes, senão depois que el-rei D. Pedro reinou.

«E quando el-rei D. Affonso dava alguma cousa a cada um d'elles, dizia na carta que fazia: — «querendo fazer graça e mercê a D. João, meu vassalo, filho do infante D. Pedro, meu filho», e d'outra guisa não. Nem el-rei D. Affonso se soubera que era sua mulher recebida, posto que não fosse azada pera o ser, nunca a mandára matar, por cousa que aviera, mas tendo-a em conta de manceba a mandou matar da guisa que sabeis.

«Mas não embargando que eu haja dito que em vida d'el-rei D. Affonso nunca foi tirada tal duvida como esta, bem póde dizer a parte contraria que o foi logo depois muito certo, quando el-rei D. Pedro em esta cidade fez notificar a todos como a recebera, e de o muitos entonce crerem não é maravilha, nem são de culpar, porque as sentenças que se escondem de sob similhança de verdade, ligeiramente vencem o coração pouco avizado, mas o sezudo que á discrissão não recebe de ligeiro taes cousas, não se vae depoz a opinião de muitos, mas examina bem o que ouve, e se é razão de ser ou não, por não cahir em engano. e nós em tal negocio e engano como somos postos d'esta maneira, have-

mos de ter que aquella publicação que entonce foi feita por mostrar que era sua mulher, foi muito maior ajuda pera certificar que nunca fôra assim, que pera cessar um homem do que ante duvidava. Assim que onde cuidavam que o faziam muito claro pera todos haverem de crêr, alli foram leixar pegadas duvidas assim duvidosas, que não ha homem ligeiro que seja, que n'ellas muito não interprete.

«E vêde de que guisa el-rei disse em Cantanhede por seu juramento, que poderia haver uns sete annos, pouco mais ou menos, não se lembrando do mez nem do dia, que elle recebera por sua mulher esta D. Ignez, e que por quanto d'este recebimento muitos não tinham boa suspeita de por temor e receio de seu padre, em vida d'elle não ouzara de o dizer entonce, e por descarregar sua consciencia o notificava a todos. Des-ahi veiu aqui o conde de Barcellos, e mestre Affonso das leis, com outros muitos que el-rei mandou, e perguntaram a Estevão Lobato e ao bispo da Guarda, que já comsigo trazia, havidos por testemunhas d'esto feito. E vistos seus ditos e uma dispensação que logo publicaram, quantos simplices alli foram juntos, todos ligeiramente creram que era assim como elles diziam, e foi então sabido pelo reino todo que dissera el rei que fôra sua mulher. E d'esto tomaram logo instrumentos publicos por parte e em favor dos filhos.

«Ora vêdes vós, valha Deus, que historia esta pera nenhum sezudo haver de crêr.

«Certo é, que quanto a cousa é mais pezada e teuda em mór conta e segredo, tanto mais lembra a aquelles que a fazem e a aquelles que prezentes são. Pois como póde ser que tamanha cousa, como é o casamento, e que el-rei fazia em tamanho se-

gredo e com tal receio e medo de seu padre, segundo diziam, que houvesse de esquecer em tão pouco tempo, não lhe lembrando o dia e mez em que o fizeram, e não sómente a elle, mas a quem em tamanha puridade fôra chamado pera os receber.

«Certamente a razão a isso não consente, e não ha aqui tal de vós outros, a que ora perguntassem o dia em que casou, posto que não fosse festa, mas um dia simples, por muitos annos que houvesse lhe não lembrasse o dia e o mez em que foi, e ainda as horas, se acontecer, posto que lhe os annos de todo esqueçam. E onde Estevão Lobato cuidou que certificava muito, por dizer que fôra um dia de janeiro, alli fez seu dito mui mais duvidoso e cheio de suspeita para não ser crido, que pois elle dizia que fôra em dia de janeiro, que é tamanha festa, como uzam todos. Vêde se era este bem assignado pera lembrar a el-rei tal cousa, posto que houvera cem annos que fôra. Mas parece que n'aquelle tempo perdiam os homens muito cedo o sentido e a memoria.

«A outra razão que ante disseram, porque o el-rei leixara de fazer, esta é já muito mais fraca e muito peior de crêr, ca se elle em sua vida lhe fôra sempre muito obediente filho e nunca o annojara em nenhuma cousa, ainda mostrava razão para crêr que esto fôra como elle dizia. Mas um homem que tanto nojo fez a seu padre, tomando tal mulher contra seu talante, e além d'esto tamanho desvairo como elle houve por sua tomada, e depois da morte d'ella por espaço de tempo, que receio haveria de dizer que era sua mulher? Não houve receio de ajuntar a si quantos malfeitores e degredados havia pelo reino, e fazer guerra com elles a seu padre, cercando-

lhe as villas e castellos, e roubando e poendo fogo pela terra, como se fosse de inimigos. E diz que havia medo e receio de dizer que fôra D. Ignez sua mulher; ante fôra melhor de o publicar entonce, e disseram as gentes que el-rei fizera mui mal de lhe matar sua mulher, e tiveram de melhormente com elle.

Vêde se era bom jogo de filho entre pae, que tanta guerra lhe fazia elle, andando pelo reino em tal destruição, que assim mandava el-rei velar as villas e castellos por azo d'elle, como se dentro no reino andassem seus inimigos. E não cuideis que esto sómente fazia nas villas e logares pequenos, mas a Alcaçova e castello de Lisboa se velou e guardou bem tres mezes, e assim lhe pagou soldo aos vassalos el-rei aos que em elle estavam, como se fosse na maior guerra de inimigos. E fazendo isto e outras taes cousas, diz que havia medo de dizer que D. Ignez fôra sua mulher.

Quem ora perguntasse a Diogo Lopes, que aqui está, que milagres elle andou fazendo pelo reino, e quanta destruição nos bens de Ayres Gomes da Silva, e de Diogo Gomes d'Abreu, e de outros muitos, que el-rei depois pagou, bem podia dizer que recebera D. Ignez.

Ora ponhamos que fosse assim, que em vida de el-rei seu padre não ouzou de dizer que era sua mulher, quem lhe tolhia a elle, depois que elle morreu, que o não publicasse logo como el-rei morreu e elle reinou, pois lhe tanto prazia de o saberem todos? Ca poderão fazer um honrado sahimento em Alcobaça, e chamados os fidalgos e prelados do reino alli publicasse como a recebera, e todo o que se passara em tal feito, e cuidarão que era assim.

Mas a cabo de quatro annos, depois que el-rei foi morto, e nenhum já d'isso curava, então ordenou de dizer que a recebera por mulher, segundo aqui mandou publicar.

E porque pensaes que esto assim então foi feito? Porque em vida d'el-rei seu padre, nem depois até aquelle tempo, nunca elle poude haver dispensação do Papa, que lhe legitimasse os filhos, então fez aquella publicação como vistes, por mostrar que eram lidimos e valesse o que podesse valer.

CAPITULO CLXXXVII

Dos impedimentos que o doutor disse porque D. Ignez não podia ser mulher d'el-rei D. Pedro.

Mostrando claramente que nunca foi certo que D. Ignez fosse mulher d'el-rei D. Pedro, e que todo seu razoar foi mui suspeito e testemunho de grande rudeza, fica por ser a segunda razão mais forte — se por ventura recebida fosse, se era tal casamento valioso?

E provou logo que não, por estes impedimentos:

Certo é que D. Ignez era sobrinha d'el-rei D. Pedro, filha de seu primo co-irmão, por esta guisa:

El-rei D. Pedro era filho da rainha D. Beatriz, filha d'el-rei D. Sancho, de Castella, e D. Violante, madre que foi de D. Fernão Rodrigues de Castro, e aquella rainha D. Beatriz eram ambas irmãs filhas do dito rei D. Sancho, posto que não fossem d'uma madre, porque D. Violante Sanches houvera el-

rei D. Sancho d'uma dona que chamavam D. Maria Affonso, mulher que foi de D. Garcia Dozeiro.

«E esta D. Violante Sanches foi madre de D. Pedro de Castro, que chamavam da Guerra, cuja filha foi esta D. Ignez. Assim que ella era sua sobrinha da parte do padre, filha de seu primo co-irmão.

«Não curemos do que alguns dizem de como el-rei D. Pedro foi primeiro casado com D. Branca, filha do infante D. Pedro, que morreu nas veigas de Grada, e como foi trazida a este reino e a recebeu em esta cidade, antes que cazasse com D. Constança, pera poder herdar, como esto se passou d'outra guisa, e não faz mingua a nosso proposito. Mas venhamos a um grande impedimento além dos outros com que o Papa não dispensa, por cousa que avir podesse, por o qual ella não podia ser sua mulher per nenhuma guisa, e este é:

«Que sendo el-rei D. Pedro infante, casado com D. Constança, houveram ambos um filho que chamaram D. Luiz, e quando ordenaram de o baptisar em esta cidade, foi esta D. Ignez madrinha d'este moço, e comadre d'el-rei D. Pedro, salvando-a depois a infante D. Constança por comadre, e humilhando-se a ella, como é de costume.

«Ora vêde como podia el-rei ser lidimo marido de sua comadre, madrinha de seu filho; certamente não podia ser.

«Mas alguns entendidos, que d'esto parte sabem, desfazem este impedimento dizendo que sendo o infante entonce muito namorado de D. Ignez, e tendo vontade de dormir com ella, que lhe mandou dizer em segredo, quando houvesse de ser comadre, que chegasse com o menino á egreja e esti-

vesse presente ao baptisar, mas que não dissesse as palavras que os padrinhos costumam a responder em nome do afilhado, e que ella assim o fizera, e por tanto não era sua comadre, que podia casar com elle sem peccado. E allegando por sua parte a este proposito um similhante caso de matrimonio, dizendo que posto que um homem recebesse uma mulher por aquella fórma das palavras da egreja ordenado, não com tenção de a haver por mulher, mas porque d'outra guisa a não podia haver pera dormir com ella, que tal como esta, quanto a Deus não é sua mulher, e elle póde depois casar com outra, sem nunca em esto consentír, e fará d'este peccado pendença. A qual cousa é verdade, que quanto a Deus não é seu marido, mas quanto ao mundo julgar-lh'o-hão, e será constrangido que lhe faça maridança.

«E assim dizem que posto que D. Ignez fosse rogada pera ser comadre, e com os outros padrinhos tangesse a criança e fizesse aquellas ceremonias que são de costume, que porém tal vontade não levava, nem nunca em ello consentira, que tal compadradigo é nenhum e podia depois casar com padre do tal filhado. A qual cousa, posto que assim seja, quanto a Deus não fosse comadre, necessario era que por esta fórma, des-ahi pelo escandalo do mundo, que fosse notificado ao Papa, e elle dispensando com elles, segundo sua informação, vendo-a por verdadeira, leixal-o-hia entonce em carrego de sua consciencia, a qual cousa aqui não houve nem nunca lhe foi publicado.

«Ora se elles podiam casar ou não, vêde se é bem duvidoso; mas a historia se passou d'esta guisa:

«Sabe-o bem Diogo Lopes que aqui está e foi pre-

sente a este baptismo e padrinho d'aquelle D. Luiz, com outros compadres que foram rogados.

«E posto que casar podessem sem dispensação, e taes filhos lidimamente fossem nados, o que é certo que não fôra, sómente por virem contra o reino de onde naturaes eram, em serviço e companhia de seus inimigos pera destruir, não por uma vez mas por muitas; esto só é abastante pera nenhum d'elles haver de reinar, posto que lidimos nasceram.

«D'elles virem contra este reino notorio é a todos, como o infante D. Diniz em tempo d'el-rei D. Fernando veiu em companhia d'el-rei D. Henrique, armado com gentes pelo reino até Lisboa, fazendo-lhe guerra por fogo e roubo, matando e destruindo quanto podiam. E isso mesmo o infante D. João, em companhia de el-rei de Castella, que ora é com gentes, que por seu mandado veiu cercar Trancoso e o teve cercado combatendo-o por alguns dias. E quando entrou o reino em Valle de Lamulla desnaturou-se, poendo fogo na sua mão, e des-ahi veiu cercar Elvas e andou pelo reino fazendo muita guerra.

«E sei que isto sabe bem Vasco Martins de Souza e Diogo Lopes Pacheco, que aqui estão.

«Pois mui desaguisados faremos nós em eleger por rei a quem se d'elle desnaturou e veiu contra elle pera o deservir e não o dar a quem tantos trabalhos e perigos de morte suportou pera o defender, e é prestes pera o suportar.

CAPITULO CLXXXVIII

Da discordança que os fidalgos e povos haviam entre si sobre a eleição que queriam fazer.

NÃO embargando estas razões todas e outras que aqui dissémos, que propoz aquelle doutor, porque todos deveram de ser em pacifico assecego, pera haver de eleger rei, sem poer ahi outra mais duvida, pero porque a bemquerença é muito firme na maginação d'aquelle que ama, e não se tira assim de ligeiro por muitas razões que lhe sobre ello digam, não poderam todas as que haveis ouvido arrancar da vontade e desejo d'alguns a primeira tenção que por parte dos infantes tinham, assim como Martim Vasques e seus irmãos, e todos os d'aquella liança, dizendo que não embargando o que haviam ouvido, que o reino sem nenhuma duvida ao infante D. João pertencia de direito, e que em seu nome deviam de fazer guerra, até que vissem que termo havia de haver sua prisão. Que lhes parecia mui estranho darem nome de rei ao Mestre, pois a outrem pertencia o regimento, em tanto que um dia Martim Vasques se sahiu do conselho com queixume, dizendo altas vozes:

— «Vós podeis fazer o que vos pagardes, e fazerdes quem quizer rei, ca eu um homem sou e pouco valle minha voz, e quem vós fizerdes rei, eu o servirei e ajudarei a defender o reino até morrer, mas que eu consinta que o seja o Mestre, esto nunca o hei de dizer».

Nuno Alvares com outros fidalgos, e des-ahi aquelles conselhos eram de todo contra estas razões, que o Mestre todavia fosse rei, e sobre esto faziam seus conselhos a de parte, os fidalgos sobre si, e os procuradores das villas e logares e cidades em seu cabo. E razoando muito sobre esto começou a dizer um d'elles:

—«Para que são estas palavras tantos dias ha, e estas detenças sem proveito, poendo duvida no que todos veem claramente. Olhae, que vos valha Deus, que nos estes fidalgos querem metter em cabeça. Diz que façamos guerra em nome do infante D. João até que morra ou que seja solto, e que gastemos os corpos e quanto no mundo temos por dar o reino a um homem que veiu contra elle pera o destruir e dal-o de todo a el-rei de Castella, maiormente que se mostra todo claro, segundo bem vemos, que a nenhum d'elles pertence de direito. Digâmos que nunca me tal cousa me sáia pela bocca, ante que sem mais detença levantemos o Mestre por rei, que mais razão é de o dar a elle que se aventurou a tantos perigos por o defender e amparar, que a quem d'elle fazia tão bom mercado a seus inimigos. Nem curemos do que alguns dizem que o defenda como regedor e defensor, mas como rei em toda guisa, porque sempre ouvi dizer rei pera rei, e al pera nada. E nós pois havemos de ser guerreados por rei, rei seja o nosso defensor e do reino».

Disseram entonce todos que assim era mui bem; e n'esta tenção estiveram firmes. E os fidalgos isso mesmo tinham de parte seu conselho, no qual, como dizemos, que principalmente contradiziam o Mestre não dever ser rei, sendo cabeça d'esta opinião Martim Vasques da Cunha.

E Nuno Alvares porque muito desejava o contrario d'esto, era o principal d'outro bando, e porque o amor e odio não se póde bem esconder, eram ás vezes taes os debates entre elles ambos sobre esta historia, que passavam de razoado, de que ao Mestre muito pezava, e não porque Martim Vasques nem os da sua parte quererem tomar a defensão do reino, nem lhes prazer de o haver el-rei de Castella, nem por tenção que ao Mestre tivesse, mas por grande affeição e bemquerença que haviam com os do infante D. João, como dizemos, servindo com elle nos tempos que cumpria e chegando-se a elle quando era em estes reinos. Assim que Vasco Martins da Cunha e seu filho Martim Vasques, e seus irmãos e parentes e outros alliados, tiveram pera si grande parte dos fidalgos.

O Mestre soube parte do que se entre elles passava e pezou-lhe muito de vontade, chamou Nuno Alvares e disse-lhe que bem sabia como Martim Vasques e seus irmãos eram homens de muitas gentes e tinham algumas fortalezas, que não cumpria a seu serviço de serem desavindos a tal tempo, e que porém lhe rogava que em tal sezão não houvesse com elle desavença.

— «Ora senhor, disse Nuno Alvares, vós tendes aqui outro que seja contra vosso serviço nem que torve de vós serdes rei, salvo este roncador de Martim Vasques, se vós quizerdes eu vos despacharei de seu estorvo».

O Mestre disse que não quizesse Deus tal cousa, mas que se temperasse com elle de boa maneira, de guisa que não houvesse arruido, ca elle não fazia aquello por tenção que contra elle tivesse, mas por lhe parecer que aquello era bem.

Nuno Alvares disse ao Mestre que lhe prazia de fazer seu mandado, comtanto que os outros não assoberbassem, que fosse certo que se mostrasse sobranceria, de não postar com seu coração que o soffresse.

E em esto veiu um dia que foram ao paço do Mestre, Martim Vasques e seus irmãos, e outros fidalgos com elles, e estando assim no paço foi Nuno Alvares a lá pera fallar ao Mestre, e levou comsigo mais de trezentos escudeiros com cotas e braçaes, e espadas cintas, e adargas.

E quando Nuno Alvares entrou assim acompanhado, ao Mestre pezou muito em sua vontade, receiando o que se entre elles podia seguir, porque via assim desavindos, porém não deu a entender nada, nem Nuno Alvares quando entrou não mostrou nenhum geito de sobranceria, mas muito chãmente fallou ao Mestre, e isso mesmo alguns dos seus.

Martim Vasques e seus irmãos, e Diogo Lopes e seus filhos, que eram parentes de Martim Vasques, quando viram vir Nuno Alvares d'aquella guisa partiram-se do paço poucos e poucos.

Nuno Alvares ficou só fallando ao Mestre, e desahi tornou-se pera a pouzada.

O Mestre calando o que entendeu, viu seus geitos de Nuno Alvares e a tenção porque o fazia, e teve-o de grão coração e chamou o doutor João das Regras e disse-lhe todo o que lhe com elle haviera e o modo que tiveram em sua vinda, e o que receiava de se seguir de taes feitos, razoando muitas cousas sobre a tenção de Martim Vasques.

— «Senhor, disse o doutor, eu hei assaz trabalho por mostrar por vivas razões e direitos que estes

reinos são de todo vagos e a eleição d'elles fica livre ao povo, juntando muitas provas de desvairados logares que devera satisfazer a elle e a outros que muito mais soubessem, mas parece que o amor e bemquerença que vence todas as cousas, os não deixa conceber as razões que por mim foram ditas, e estão ainda na feita que tinham; porém pois assim é, e o que eu quizera calar, que este feito faz mais feio, vos prometto que proponho no primeiro dia que n'esto fallarmos, e des-ahi em deante livre-se como vossa mercê fôr.

CAPITULO CLXXXIX

Do recado que el-rei D. Affonso enviou á côrte de Roma por o infante seu filho não casar com D. Ignez.

TORNARAM a fallar em aquelle mesmo tempo em aquelle paço, e todos alli juntos, como costumavam, começou a dizer aquelle gran doutor:

— «Senhores fidalgos e honradas pessoas, bem sabeis como n'estas côrtes foram por mim propostas algumas razões a mostrar que estes reinos são de todo ponto vagos, e nenhum ha hi que os deva e possa herdar por linhagem, nem a quem de direito pertençam, as quaes eram em si tão claras e mais os direitos que as fortificavam, de cuja auctoridade não devemos desvairar, e qualquer fito de

homem devia ser contente das razões que chãmente sobre ello, que ante vós já mostrados foram.

«Mas, não embargando o que é todos devera contentar, e a affeição propuz, que a receei no começo d'estes feitos, parece eu muito da a alguns, que em toda guisa teem de fazer ainos infantes D. João e D. Diniz são lidimos em que rem herdar. poderem

«E visto como el-rei D. Pedro disse que fôra sua mulher n'aquella publicação que anez feita, e porque eu pensava que aquellas razões já notificadas eram abastantes pera todos vere. contrario d'esto, não quizera em ello mais fallar uzar de boa mezura e me haver honestamente áceca d'este passo. Mas todo o que eu propuz a estes não satisfaz nem abasta, a mim convém mostrar de todo em todo o defeito de sua nascença sem legitimação, para todos claramente vêrdes em como elles não nasceram lidimos nem nunca o foram depois pera poderem herdar por successão de nenhum seu divedo. E quem do que eu ora disser não fôr contente e ficar em sua tenção, bem mostrará que quer remedar os judeus em sua porfia, que esperavam o Messias que nunca ha de vir.

«Ora, senhores, propoendo em praça o que calar quízera, e não fallar em ello, o feito d'este negocio acerca de sua nascença e legitimação, brevemente se houve assim:

«Trazendo o infante D. Ignez comsigo, e não sendo sabido em certo que era sua mulher ou não, fizeram entender a el-rei seu padre que o infante ordenava de enviar em côrte de Roma pedir ao Padre Santo que dispensasse com elle pera poder casar com D. Ignez, e foi isto uns tres annos antes

que D. Ignez mo esse, estando el-rei então na villa de Alemquer. onso quando esto ouviu desprouguelhe muito. «El-rei D. se fazer assim, e sendo mal contente xada, trabalhou-se de a desviar quanto de tal e secretamente escreveu ao arcebispo de poude e então era em côrte, que houvesse com Brag de não acceitar a supplicação do infante o F de taes feitos, por serem a elle em grande e prejuizo.

Ora que vos eu disse sem sommar as razões que rei sobre ello escreveu, e a embaixada que o in- ante D. Pedro, depois que foi rei, enviou ao Papa, e a resposta que lhe veiu da Côrte, e porque guisa se esto passou, vós direis que todo eram palavras afermosentadas, que é ligeira cousa de achar aos homens, as quaes eu buscara pera virem a meu proposito, mas não sem mais detença que fosse assim de feito.

«E por não terdes tal suspeita, sem mais detença de razões nem allegações d'outros direiros que esto ajudar possam, eu vos lerei o recado do que el-rei entonce escreveu em côrte, e isso mesmo a embaixada que el-rei D. Pedro depois envìou ao Papa, e a resposta que lhe elle mandou a não cumprir sua petição, que são abastantes pera disfazer maior duvida que esto, e pera destruir de todo a tal opinião, e porque façâmos fim d'este negocio.

Então leu uma carta por latim, que logo todos viram em linguagem, cujas razões eram estas:

«Affonso pela graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves. Ao muito honrado em Christo Padre D. Gonçalo, por esta mesma graça arcebispo de Braga, saude em Deus.

«Sabêde que D. Pedro, meu filho primogenito herdeiro, anda embevido de amores, e induzido por palavras d'alguns que cazasse com uma mulher, filha que foi, segundo dizem, de D. Pedro Fernandez da Guerra, e de uma madre que não era sua mulher lidima, e o induzem pera tal casamento, não embargando que alguns que são parentes do infante no segundo grau de parentesco ao presente commettam não licita cousa com ello, e dizem que pera tirar tal embargo, que o infante é em disposição pera mandar escrever a alguns seus amigos, que lhe impetrem sobre ello dispensação do Papa, a qual se outhorgado fosse, poder-se-hia seguir ao diante grande escandalo entre os que vivem em nossos reinos. E porque os que são prezentes, d'onde o infante meu filho descende, sempre até ao prezente foram honradamente e com mulheres de reis por ligitimo matrimonio casados: e porque outrosim a honra de nossa real dignidade, em que segundo direito de natureza a meu filho ha esperança de successor, e isso mesmo a todos seus honrados parentes, do dito casamento, se feito fosse seguiria a grande deshonra; porém affixadamente nos rogâmos que secretamente de nossa parte informais o Papa como o dito casamento seria não licito e desegual, e praza a Sua Santidade em esta parte não ouvir com affeição as supplicações do infante meu filho. E se cumprir de o Papa ser mais certificado da nossa vontade, entonce secretamente lhe mostrae esta nossa carta, e em esto trabalhae com tal digelincia por nosso serviço, porque sejâmos teudos de vos fazer mercê. Dante, etc.

CAPITULO CLXXXX

Do recado que el-rei D. Pedro enviou ao Papa e da resposta que lhe de lá veiu.

Foi esta carta enviada em côrte, não sendo já vivo aquelle Papa Joanne vigessimo segundo, de que el-rei D. Pedro quando fôra infante houvera aquella geral dispensação, por cuja morte succedeu e era então Papa Innocencio sexto.

E morrendo estes Papas e passando uns poucos d'annos, aqueceu a morte de D. Ignez, e d'alli a dois annos e pouco mais, morreu el-rei D. Affonso, e se foi por el-rei D. Pedro esto entender, ou por dito d'outrem que o conselhou duvidam muitos, o que era verdade se por bem d'aquella dispensação e força de tal matrimonio fôra qual devia, e seus filhos ficavam lidimos pera poderem herdar no reino por morte do infante D. Fernando seu primogenito e herdeiro, porque na concessão do reino havia e tinha direitamente herança, e de em tal casamento elle ser duvidoso, que a recebida tivesse, era muito razoada, porque elle por uma geral dispensação que houve sendo moço, esposou com D. Branca, filha do infante D. Pedro, que morreu nas Veigas de Grada, com que depois casar não quiz; e quando houve de ser recebido com D. Constança, filha de D. João Manuel, e lhe haviam de fazer as bençãos em Lisboa, alguns duvidavam se por bem de tal dispensação elle podia casar com ella ou não.

E porque el-rei seu padre ordenou que todos os prelados de sua terra fossem prezentes ao officio das bençãos, duvidava D. Gonçalo, arcebispo de Braga, se por tal dispensação elles podiam casar ambos, e primeiro mandou saber e fazer uma protestação a D. João, bispo da cidade, se podia elle vir aos desposorios do dito infante sem perigo de seu estado.

E o bispo de Lisboa respondeu que elle veria aquella geral dispensação do Papa Joanne, e que fallando sobre ello com lettrados disseram que bem lhe parecia avondosa pera casarem por ella, e por esta dispensação, segundo elle disse, casou elle depois com D. Ignez, o que não devera fazer segundo os impedimentos que entre elles haviam.

Ora sobre esta tal duvida e outras taes cousas que a seu estado cumpriam, ordenou el-rei de enviar seus embaixadores em côrte, quando lá foi Geraldo Esteves, e pelos quaes enviou ao Papa esta embaixada que aqui está.

Então mostrou um grande rolo de pergaminho uzado de velhice, assignado por Gomes Paes d'Azevedo e por mestre Affonso, e outros do conselho d'el-rei D. Pedro, em o qual, entre outras cousas que ao Papa pedir enviava, em tres logares era conteudo o requerimento d'este casamento ser valioso e os filhos legitimados, dizendo por estas palavras:

«Outrosim lhe direis em camara que el-rei recebeu por palavras de prezente a D. Ignez de Castro, que Deus perdoe, como manda a Santa Madre Egreja, da qual houve seus filhos, com a qual havia divedo, e que lhe pede que praza a Sua Santidade de outhorgar e retificar e afirmar o dito dive-

do de linhagem que com ella havia, assim que por tal confirmança e ligitimança os ditos filhos que assim sejam lidimos, e que hajam e possam haver aquello que haveriam, não havendo ahi o dito embargo de linhagem. E em esto vos afficae pera haverdes d'ello recado».

E depois d'algumas petições de bispados e de outras cousas, dizia em outro logar:

«Outrosim se virdes que o Papa vos outhorga cada uma das quatro cousas primeiras em razão das pedidas das egrejas, pedi-lhe logo o al da legitimação do casamento e depois as outras cousas, pela guisa que aqui são escriptas. E não vos outhorgando cada uma das quatro cousas, vós todavia fazei de guisa que hajaes desembargo da dita confirmação de casamento, em guisa que os moços fiquem ligitimos. E quanto é das duas pedidas não cureis d'ello.»

«Ora, disse o doutor, vista esta embaixada que não são razões minhas, nem outros direitos allegados, bem é de cuidar quanto os mensageiros fariam em côrte por d'esto haverem gracioso desembargo. Mas leixando esto vejâmos o que respondeu o Papa.»

Então mostrou uma carta de resposta que o Papa enviara a el-rei D. Pedro, escuzando-se de cumprir sua petição acerca de taes feitos, que dizia a esta guisa:

Carta do Papa

«Innocencio, Bispo, servo dos servos de Deus. Ao muito amado em Christo filho Pedro, mui nobre rei de Portugal, saude e apostolical benção.»

«Seja certa a tua real Alteza que benignamente recebemos teus honrados e discretos embaixadores, e entre algumas cousas que em sua embaixada da tua parte nos foram propostas, esta em especial foi: que havendo tu fiuza de atrevimento por uma geral dispensação em que forma acostumada á tua instancia e do mui nobre rei D. Affonso teu padre, nosso predecessor de boa memoria Joanne Papa vigessimo, segundo impetraras casaste e recebeste por mulher D. Ignez, filha que foi de D. Pedro de Castro, a qual por linhagem transversa de uma parte no segundo grau de geração era tua parenta, e d'outra por similhante linha no terceiro grau era teu divedo, e no quarto grau de affinidade era tua cunhada. E porém devotamente nos pediram e supplicaram de nosso apostolico e comprido poder graciosamente e por vosso respeito declarassemos o dito matrimonio de seu fundamento, por virtude d'aquella dispensão ser entre vós ambos directamente contractado, e os filhos que d'elle descenderam ligitamente serem nados. E se assim perfeitamente aquesta graça recusarmos, que ao menos por sua parte nos supplicaram que por vosso respeito nos prouguesse legitimar a dita tua geração e D. Ignez, que perfeitamente a reintegrassemos ao primeiro direito de natureza, que em todo ficasse habilitada pera poder succeder, assim como de seu principio fosse valioso e direitamente contractado, e se a tal geração lidimamente descendera.

«Certamente, filho muito amado, nós pensâmos em ello com boa femença e confiramos em todo aquello que pelos ditos embaixadores, por tua parte nos foi requerido, e como quer que muito sejâmos

de bom proposito pera conceder a teus desejos e comprazer a tua real alteza, pero somos demovidos por algumas lidimas razões fundadas em direito, que em toda guisa devemos guardar, e não cumprir com effeito em receber tua supplicação sobre o declaramento do dito matrimonio.

«D'outra segunda razão de tua parte proposta sobre a legitimança dos filhos de ti e de D. Ignez nascidos, na conclusão te respondemos que a Santa Sé Apostolica não tem em costume de outhorgar similhantes petições e dispensações, nem ligitimação, salvo se fôr a grandes e nobres pessoas, e esto por algumas evidentes e manifestas razões, as quaes no recontamento de tua supplicação não se mostram serem por tua parte expressas e allegadas pera em prejuizo d'outrem, que no direito da concessão hajaes per herança, similhante ligitimação havemos de authorgar, salvo o terceiro a que pertence por tal razão, a supplicasse e a pedisse, ou se por outra alguma guisa claramente se mostrasse que teu requerimento procedia de seu expresso consentimento, o que é necessario de proceder unicamente aquesse caso, e em que se trata a legitimação sobre successão de herança pera pessoas que não são das terras á temporal jurisdição da egreja sugeitas.

«E porém muito amado, a Santa Sé Apostolical tem por bem que não condescenda ás taes supplicações nem outhorgue similhante graça.

«Rogamos a tua real clareza, com todo o bom desejo aconselhâmos, que com paciencia suportes nossas execuções, que nos demove e constrange uzar do contrario que tu supplicaste, porque a nosso pastoral officio quebrantar não pertence a lei de

Christo nosso Salvador, mas a ella nos chegar e não desviar de sua doutrina.

«Dada em Vinhão, Idus do mez de Junho, de nosso Papado anno novo».

«Ora vêde, disse aquelle doutor, sem mais enader nem minguar, toda a historia como se passou do casamento de D. Ignez, e a legitimação de seus filhos, a qual eu escusar quizera por honra dos infantes, posto que sejâmos em tal passo, e entendo que fôra melhor que me fazerem publicar de praça e semear pera sempre sua incestuosa nascença.»

CAPITULO CLXXXXI

Como accordaram todos os fidalgos e povo que alçassem o Mestre de Aviz por rei.

MOSTRANDO assim claramente como se estes feitos passaram acerca d'esta grande e pezada questão, em que muitos duvidam, foram todos mui espantados por ouvir taes cousas de que antes parte não sabiam, de guisa que aquelles que esto levemente criam, foram confirmados no que ante suspeitavam, e os que de todo eram contra tal intenção, por nova e razoada crença foram affastados de toda a duvida, assim como Martim Vasques da Cunha, e todos os alliados a aquella parte.

E falladas entonce muitas razões que por abreviar queremos leixar, vista assaz decerto prova a desfazer aquello sobre que eram em desaccordo,

foi por elles determinado por mansa e pacifica concordia uma virtuosa e final intenção que elegessem rei.

— «Ora, senhores, disse aquelle doutor, porque já vistes claramente aquello sobre que tanto duvidaveis, e a que Deus prouve de serdes em conhecimento de como estes reinos são de todo vagos e postos em nossa disposição pera elegermos quem os defenda e governe, não curemos mais de historias antigas que a nosso proposito possâmos trazer. Mas porque sempre foram defesos e manteudos por rei e nos isto como cumpre por nos fazer, não podemos, segundo a necessidade em que somos postos requer e a nós convem em tal caso por força elegermos que rei faça todo aquello que cumpre pera cahirmos em sugeição de nossos inimigos scismaticos, que se d'ello trabalham quanto mais podem, não sómente por nosso damno e perda, mas ainda da Santa Egreja e de nosso Senhor, cujos inimigos capitaes são.

«E pois não é menos de consirar a pessoa que hade ser elegida, que o proveito que se d'ella segue ao reino, vejâmos primeiro as condições que se requerem em ella, e se as taes acharmos a aquelle que houvermos de eleger, nossa eleição será discreta e sem reprensão nenhuma. E digo brevemente, segundo os sabios recontam, que entre as outras cousas que em elle ha-de haver, deve ser de boa linhagem e de gran coração pera defender a terra, des-ahi que haja amor aos subditos, e com isto bondade e devoção.

Ora que estas condições sejam achadas no Mestre nosso senhor, que temos em vontade pera eleger, assaz é visto claramente como todos bem sa-

bem e elle outrosim sentia em si que não era nem podia ser sufficiente pera receber nem soffrer em si tal honra e dignidade como era o regimento real; maiormente que elles eram certos que havia taes embargos assim no defeito de sua nascença, como na profissão que á Ordem d'Aviz fizera, que não havia poder de receber tal encargo e honra como aquella a que elles o haviam elegido, e que portanto não podia consentir em ello».

Além d'esto dizia «que sua vontade não se outhorgava de o ser por outra razão, dizendo que elle prestes era por defensão do reino trabalhar quanto podesse até morte, de esperar el-rei de Castella com todo seu poder e pelejar com elle, e d'esto não tivessem duvida, que vencendo elle sendo cavalleiro, assim como era, o que esperava em Deus que assim fosse, cobraria grande honra e elles isso mesmo. E quando se d'outra guisa acertasse, o que Deus não quizesse, que maior mingua lhe era, sendo de rei e vencido, posto que o fosse sendo cavalleiro. E que porém sobre os ajuntamentos das gentes e a maneira como se o reino poderia defender e haver dinheiro pera elles, se trabalhassem de determinar, e sobre outra cousa não fossem de teudos».

Entonce todos os fidalgos e prelados e procuradores dos concelhos houveram grão nojo e desconforto de tal resposta como esta, entendendo que se o dito D. João não tomasse nome e dignidade de rei, que o encarrego da defensão dos reinos não tomaria com tanto amor e diligencia quanto a elles cumpridoiro era, por a qual razão enfraqueceriam os corações dos povos, não curando de se defenderem nem aguardar seus contrarios como fazia mister, e que porém os ditos reinos estariam em gran perigo

de vir em mãos de seus inimigos, maiormente scismaticos e reveis á Santa Egreja, assim que estando todos em seu firme proposito, não se entendendo de partir do que começado tinham, tornaram a dizer ao Mestre que por as muitas necessidades em que eram postos, d'este só remedio queriam a todos prover em haverem a elle por rei e senhor, por o qual remedio entendiam ser feita provisão a todos os outros remedios, pera menos sentirem os damnos e perigos com que os ameaçava el-rei de Castella.

E pois elles haviam vontade de se defender d'elle e de levar a deante a honra do Santo Padre Urbano sexto, verdadeiro Papa de Roma, que porém lhe pediam por mercê e rogavam aficadamente, dizendo a altas vozes que os não quizesse desamparar nem poer em tamanho desconforto, mas que lhe prouguesse tomar em si o nome e dignidade e honra de rei, porque bem via elle quanto era esto necessario a elle e ao reino, e quanto mal e damno se seguiria se a esto não desse consentimento e obra, promettendo de o ajudar com os corpos e haveres e manterem em estado e honra de rei pera levar sua honra adiante, e mais de enviarem á côrte de Roma seus honrados embaixadores por haverem de lá quaesquer dispensações e graças, assim pera cessarem os embargos de sua nascença, como por elle ser filhado em aquelle estado de rei em que o punham.

E quando o Mestre viu seus aficados rogos, e consirando as grandes necessidades do reino e suas boas vontades e offerecimentos, entendeu que prazia a Deus de o ser, pois se tanto aficavam a esto, como quer que lhe fosse grave de fazer, por as razões que dissera, houve em ello de consentir, e disse

que pois se de outra guisa fazer não podia, que elle acceitava sua eleição e dignidade real de rei pera defender o reino, com aquelles offerecimentos que lhe por elles eram feitos, em honra e reverencia do Santo Padre e da Sé Apostolica de Roma.

E esto determinado de todo, e o dia que o alçassem por rei, foi o prazer grande em todos, e dado cargo a Nuno Alvares de mandar correger os paços onde se isto havia de fazer, e andando elle por uma sala onde el-rei havia de comer, com muitos que o acompanhavam, com grande prazer que houve, posto que mui temperado fosse em fallar, não se poude ter e disse contra elles:

—«D'esta vez meu senhor o Mestre será rei a prazer de Deus, e a pezar de quem pezar».

E quando veiu a quinta feira, seis dias d'aquelle mez d'abril da era já nomeada de 1423, sendo entonce o Mestre de sua nova e florescente edade de vinte e seis annos e onze mezes e vinte e um dias, foi alçado por rei, e feito seu officio assim ecclesiastico como secular, dando-lhe aquelle poderoso e real estado que elle bem merecia, com grande festa e prazer, assim de lançar a tavolado, como d'outros jogos, segundo uzança d'aquelle tempo, não sómente em aquelle logar de Coimbra, mas nas outras villas e cidades que por elle estavam e sua voz mantinham. Especialmente em Lisboa foi feita uma mui honrada e solemne procissão que partiu da Sé e foi a S. Domingos, com muito prazer e alegria. Trouveram a bandeira pela cidade apregoando: —Real, real, por el-rei D. João, e alçaram então na rua Nova um grande e alto mastro, de cá da parte do mar, que não tomava a rua.

CAPITULO CLXXXXIII E ULTIMO

Como Nuno Alvares foi feito Condestabre e de alguns modos de seu viver.

ELEGIDO o Mestre e alçado por rei, falou-se logo que fizessem Condestabre pera a guerra em que eram, posto segundo novamente fizera el-rei D. Fernando, quando em seu tempo os inglezes vieram, e ordenou que o fosse o seu mui leal e fiel servidor Nuno Alvares Pereira, havendo áquelle tempo vinte e quatro annos e nove mezes e doze dias, conhecendo d'elle que era de honestos costumes e mui avizado de cavallaria.

Assim que, vista sua prudente e notavel discrissão (que bem se podia dizer d'elle que posto que cega a fortuna em esta presente vida leixe alguns nus de galardão que o bem merecessem) contra este, não sendo ingrata o proveu entonce em alteza de grande e honroso officio nas guerras e hostes do reino, do qual elle uzou de tal guisa, crescendo cada dia em cavalleirosos feitos e muitos, como depois ouvireis, espertou invejosa grandeza porque se esfortaleçam em esforçado desejo de percalçar grandes cousas em suportamento de proveitoso trabalho.

Este não esperando noites nem esquivos dias não temia de se poer a quaesquer aventuras por haver victoria dos inimigos, não por desprezar com soberba afouteza a multidão d'elles, mas porque nenhum avizamento antigo podia entonce ser egual ás

suas sagaçarias, de que este novo guerreiro, sendo sempre muito em ufania e levantamento em esses bemaventurados vencimentos, assim sagazmente ordenava seus feitos, que nenhum outro podia entender o proposito de sua intenção, salvo com aquelles de que costumava fallar. Da ardideza e bom regimento em que está a principal cousa da guerra, era elle assim comedido, que quem fosse similhante a elle assim lhe seria de trabalho.

E porém se escreve d'elle que foi grande e forte muro, e segundo braço da defensão do reino. Assim que com grande vontade diziam d'elle depois os povos que nenhum podera ser elegido a similhante honra de que tantos proveitos viessem ao reino e á alteza real, come este.

Elle da manhã foi luz clara em sua geração, sendo de honesta vida e honrosos feitos, no qual parecia que reluziam os avizados costumes dos antigos grandes barões, seus geitos e defeza.

Na guerra mostrava tal authoridade que nenhum era ouzado, andando em sua companhia, de empecer mais a seus inimigos do que lhe por elle mandado era, de guisa que cada um se dispunha a cumprir todos seus feitos, nem lhe convinha de os quebrantar por cousa que avir podesse. No qual porém sempre morava uma discreta mansidão, que especial havia de bons costumes.

Trazer mulheres nem jogos de dados a nenhum não era consentido, muito se trabalhava quando tal desvairo entre alguns nascia, porque se começavam de se não fallar, de os concordar logo e fazer amigos, de guisa que o seu arraial não parecia hoste de guerreiros mas honesta religião de defensores, em todas as cousas mui sagazmente, por

egual pena e galardão procedia contra quaesquer, que sua virtuosa vontade podia chegar com execução, e quando se achava contra algumas pessoas cobrando arruido, era seu castigo de guisa, que ao seu pezado assecego mais haviam os homens reverencia que temor.

E elle em sua nova mancebia desviado de seu humanal uzo, começou de assentar em si todas as boas condições que em um louvado barão nomeadas podessem ser, como se o thesouro de toda ensinança fosse em elle encoberto. Assim que em cuidar virtuosas cousas e pol-as logo em obra, occupava tanto o tempo, muito mais d'aquello que sua tenra edade requeria.

E porque similhantes bondades não eram uzadas entre os outros homens, eram em elle teudas em mui grande conta, de guisa que onde tantas virtudes moravam, adur podia nenhum cuidar que viesse, ou algum podesse ser hospede, nem podia alguem em elle poer prasmo, que não fosse havido por malicioso; ca posto que elle trabalhasse por encobrir sua mui louvada fama, seus virtuosos feitos eram pregoeiros d'ello.

Nos grandes e notaveis conselhos elle era sempre o principal, e nenhuma pezada cousa se fazia sem seu accordo. Foi de alta e prudente conversação, onde cumpria a boa e amorosa aos de maior estado; e aos muito pequenos tão doce como parvo.

Havia compaixão dos pobres e minguados, não os leixando padecer injurias, e sua larga mão sempre era prestes a dar onde quer, ora ao espiritual provido conseguia seu dom, e elle ordenava assim sua fazenda, leixadas as pouzadas vaidades que muito são de esquivar, que por nenhum mister de

guerra nem de outra necessidade, em suas terras deitou peita, nem serviço nem outra ajuda, e tinha taes regedores de casa em que havia pouca ou nenhuma nodoa de erro na limpeza de sua verdade. Nenhuma cousa encuberta nem fingida havia, sua palavra não era menos certa que se affirmasse com juramento.

Nos espirituaes autos sobre todas as cousas era elle assim lembrado dos divinaes officios que por nenhuma guisa os leixava de cumprir por chegada de nenhuma pessoa, por grande e poderosa que fosse. Foi de limpa consciencia, que a paixão da sanha que em muitos parece sandice, temperou de tal guisa por saude de sua alma, que nunca a nenhum tolheu falla, posto que razão tivesse, a qual tirada d'entre as pessoas é criador de maior odio com mordimento de desvairadas suspeitas.

Elle foi o primeiro que começou cada dia ouvir duas missas, dizendo que assim como o Senhor tinha avantagem de mundanal excellencia sobre o outro commum povo, assim nas espirituaes obras deviam ter grande melhoria. Nas festas principaes do anno em que a egreja costuma que se faça procissão, ordenava elle de a fazer pelo arraial com candeias nas mãos, segundo o dia em que era, ouvindo sua pregação e officio o mais honesto que se em taes logares fazer podia.

E se contam em louvor dos romanos, sendo gentios, que não era a elles segura cousa, leixadas as ceremonias que ao Deus das batalhas viam fazer, entrar em peleja nem mover guerra, a que primeiramente faziam orações aos deuses das terras que cada um tinha em sua guarda, grande louvor devem de dar a este, o qual com boa ardideza e firme es-

perança que no mui Alto Deus sempre houve, feita primeira sua devota oração a aquelle Senhor, em cujo poder é todo o vencimento ledo, e sem nenhum receio pelejava sempre com elles. Este não sómente dos naturaes dons da graça com tão grandes e especiaes joias, que até a seu tempo, dês o começo do reino, não se leu de nenhum similhante. E posto que alguns digam que o bem acostumado mancebo raramente percalça duraveis louvores, e este por o contrario, assim no temporal como no espiritual viveu que depois da morte sempre foi havido em grande reverencia de todo o povo, como ao diante ouvireis.

FIM DO TERCEIRO VOLUME E DA PRIMEIRA PARTE

INDEX

PAG.

CAPITULO CXXXVIII. — Como foi descoberto ao Mestre o que D. Pedro tinha ordenado, e da maneira que em ello teve 5

CAPITULO CXXXIX. — Como as galés de Castella quizeram tomar as de Portugal, e do que sobre ello aconteceu 10

CAPITULO CXL. — De algumas cousas que aconteceram aos da cidade com os do arraial jazendo cercados .. 18

CAPITULO CXLI. — Como el-rei enviou cometter avença ao Mestre, e das razões que sobre ello passaram.... 21

CAPITULO CXLII. — Como o Mestre determinou com os do seu conselho de pelejar com el-rei de Castella.. 27

CAPITULO CXLIII. — Como Nuno Alvares determinou de tomar Monsarraz por arte, e de que guisa foi filhado 31

CAPITULO CXLIV. — Do recado que João Rodrigues de Castanheda mandou a Nuno Alvares, e do que sobre ello aveiu..... 33

CAPITULO CXLV. — Como Nuno Alvares houve recado que gentes se juntavam pera o ir buscar, e da maneira que em ello teve..... 36

CAPITULO CXLVI. — Como Nuno Alvares poz batalha a Pero Sarmento e outros capitães, e que não quizeram pelejar com elle..... 38

CAPITULO CXLVII. — Como Nuno Alvares ordenou de ir a Almada sobre Pero Sarmento, e do que sobre ello aconteceu 43

CAPITULO CXLVIII. — Das tribulações que Lisboa passou por mingoa de mantimentos..... 51

CAPITULO CXLIX. — Da pestelença que andava entre os castellãos, e d'alguns capitães que em ella morreram. 57

CAPITULO CL. — Das razões que D. Carlos disse a el-rei de Castella, e como el-rei levantou seu arraial e descercou a cidade..... 60

PAG.

CAPITULO CLI. — Como os da cidade ordenaram procissãs por darem graças a Deus, e da pregação que fez um frade n'ella. 65
CAPITULO CLII. — Como Nuno Alvares passou a Lisboa por fallar com o Mestre..... 72
CAPITULO CLIII. — Como Nuno Alvares fallou ao Mestre e das razões que ambos houveram..... 75
CAPITULO CLIV. — Como os fidalgos e povos fizeram menagens ao Mestre, e dos privilegios que deu á cidade 78
CAPITULO CLV. — Como el-rei de Castella chegou a Santarem e ordenou alcaides em alguns logares 83
CAPITULO CLVI. — Como el-rei de Castella partiu pera seu reino e da maneira como iam..... 88
CAPITULO CLVII. — Como Nuno Alvares cobrou a villa de Portel, por azo d'alguns que dentro moravam ... 91
CAPITULO CLVIII. — Como entregaram o castello a Nuno Alvares, e se foi Fernão Gonçalves pera Castella. 95
CAPITULO CLIX. — Do nome de algumas pessoas que ajudaram ao Mestre a defender o reino..... 98
CAPITULO CLX. — Dos nomes de alguns fidalgos, assim portuguezes como castellãos..... 103
CAPITULO CLXI. — De alguns fidalgos e cidadãos que ajudaram o Mestre ao defender o reino 107
CAPITULO CLXII. — Dos nomes de alguns logares que tiveram voz por Portugal 110
CAPITULO CLXIII. — Da setima edade que começou no tempo do Mestre..... 112
CAPITULO CLXIV. — Como o Mestre foi cobrar Cintra e não póde chegar por azo da muita chuva 114
CAPITULO CLXV. — Como o Mestre foi a Almada e cobrou o logar por vontade dos moradores da villa ... 118
CAPITULO CLXVI. — Como o Mestre partiu d'Almada e foi sobre Alemquer..... 121
CAPITULO CLXVII. — Do combate que deram os do arraial aos da villa, em que foi morto Affonso Anriques e outros..... 125
CAPITULO CLXVIII. — Como o Mestre preitejou com Vasco Pires de Camões e se alçou de sobre o logar 126
CAPITULO CLXIX. — Como o Mestre partiu de Alemquer e foi cercar Torres Vedras..... 128